ANNO XXVI — N.° 25
Rio, 18 de Junho de 1932
PREÇO: 1$000

Fon Fon

932

Incomodos...

Melancolia ... Desanimo ... Angustia ... Vertigens ... Dôr de cabeça ... Mal estar geral ...

As molestias das senhoras se aliviam de fórma facil, rapida e segura, com o analgesico ideal:

Cafiaspirina

remedio de confiança

Alivia rapidamente as dôres, sem prejudicar o organismo, antes restituindo-lhe o vigor e o bem estar.

A CAFIASPIRINA é igualmente eficaz para as **nevralgias, enxaquecas, dôres de dentes, reumatismo, dôres de ouvidos, resfriados**, etc.

SE É BAYER É BOM

O conto brasileiro

A SCENA INESPERADA

DE GOMES NETTO

A porta do minusculo camarim abriu-se e numa onda inebriante de sonho e perfumes, surgiu a silhueta galante de Mathilde Ross, a tentadora "vedette" do theatro Rivoli, que acabava de ser prevenida de sua proxima entrada em scena.

Esplendente, de uma sympathia enleiante, a actriz lográra figurar como *estrella* no elenco de revistas, tamanha a sua popularidade, e, quando ella se desvendou, no palco, á curiosidade inquieta da platéa, seductoramente perturbadora na perfeição classica de uma plastica impeccavel, houve um surdo rumorejar, um como murmurio, de admiração electrizante, que sacudiu todas as almas masculinas...

Então, plena de "charme" e brejeira graça, Mathilde se despojou da "toilette" farfalhante, de princeza lendaria, entremostrando os segredos de sua formosura atheniense, que o "maillot" colleante mal velava...

A assistencia, arrebatada, tinha os sentidos imantados aos labios coralinos da artista, que, feiticeira, uma sombrinha rosea a haloar-lhe a cabelleira doirada, deixou clarinar a alvorada azul de sua voz melodiosa e calida ao compasso obediente da orchestra.

Uma salva de palmas calorosas saudou-a demoradamente pela excellencia da impressão transmittida, e minutos depois, ao regressar ao camarim, anhelante, mas ditosamente satisfeita do successo, eis que uma surpreza a fez estacar: uma carta, bem visivel, sobre o divan, a esperava tranquillamente...

De quem seria? Mensageira de bôas ou más noticias? Talvez fosse de algum parente esquecido...

Mathilde, superesticiosa, persignou-se varias vezes antes de abrir a missiva e, á proporção que devorava seu conteúdo o rosto se lhe illuminava de visivel bem estar e a emoção ligeira, que o coloria, desenhou-lhe, nas faces, duas bellas e expressivas rosas...

"Mathilde — dizia a carta — você é a creatura mais adoravel que um desencantado, como eu, poderia topar no caminho de sua accidentada existencia... Aristocratica, dotada de "it", e senhora de uma mocidade embriagante, que a destaca do vulgarismo feminino, como um grito de exaltação á Vida, você contaminou-me, a mim, um homem condemnado a descrêr do mundo e das mulheres, fazendo-me capitular ante o filtro adormecedor que dimana de sua carne, de seus nervos e de seu sangue...

"A sua primaverilidade, ao ardente enthusiasmo que scintilla em seus olhos de maga, devo o renascimento da felicidade, esse bem ausente que possuimos ou não, segundo o sentir emocional de nossa escala sensibilista...

"Beijando-lhe as mãos lyriaes, confesso-me seu admirador sincero — R. S."

Quando terminou a leitura, a actriz do Rivoli sentiu-se penetrada de inaudita bemaventurança, que era como um suavissimo balsamo, e para ella chegava a constituir uma magoa dolorosa não poder romper o véo daquelle anonymato interessante, vasar o incognito e correr, de braços estendidos, para a fugidia miragem desconhecida, que se lhe afigurava do amor...

Amor... sorriu no intimo, enfarada ao recordar a legião tola de cortejadores baratos, posto que já não pudesse occultar, a ella propria, o laivo de melancolia que lhe sombreava os olhos de anil, invadidos de inexplicavel e doce soffrimento...

Ninguem deveria saber do facto — dizia-lhe uma voz interior — e Mathilde confiava poder descobrir, na multidão de espectadores os olhos do que a amava em segredo, platonica, romanticamente...

* * *

Da noite, seguinte em deante, a Ross era mais obediente á attenção da platéa que ás admoestações do "ponto", num crescendo de ansiedade, porém sem nada vislumbrar. Depois, terminado o espectaculo, voltava para o appartamento em que habitava, e, ali, permanecia longos minutos a reler as linhas do missivista estranho, sempre a descobrir-lhe novos encantos intenções até então irreveladas...

Uma noite, já desilludida de qualquer exito, ao descer a "passarelle" para, cantando um "couplet" malicioso, perguntar a determinado espectador se casaria comsigo, succedeu-lhe cruzar com os olhos attentos de um joven, cujo poder magnetico, fakirico, a poz em suspenso. Por um triz não se deixava dominar pelos nervos, trepidantes, tal a sensação que experimentára, porque aquelles olhos, inquisitoriaes, a perseguiam, obstinadamente, soffregos e impacientes, cingindo-a numa trama de carinhos a que ella não sabia como se desvencilhar.

Elles pareciam, na significativa mudez, dizer-lhe com voz quente:

— Como, não me reconheces? Porventura ignoráras ainda quem seja o autor daquella carta?...

Urgia controlar o systema nervoso, no drama silencioso em que a "estrella" era protagonista, na scena que não fôra escripta absolutamente, e Mathilde, comprovando um heroismo raro, mais forte que o sentimento vulcanico que a empolgava, num instante de suprema e delirante felicidade, poude vencer os olhos obstinados e repetir a pergunta da peça — ó ironia! — a um velho bonachão, de riso alvar, vizinho proximo dos olhos impressionantes:

— "O senhor casaria commigo?..."

* * *

Dois dias depois, Mathilde recebia o bilhete seguinte:

"Continúo a manter a opinião que, num momento desassizado, suspendera, quanto ás mulheres. Você, ante-hontem, testemunhou aos meus olhos vencidos, não pelo amor, mas pela realidade, que só se preza e ama a quem não nos quer. Por isso, você preteriu-me, soube fugir á torturante ronda em torno de sua belleza e... offereceu-se a um ancião, a um pobre velho, calvo como o seu juizo...

"Parto da cidade, desolado... Adeus."

A FATALIDADE DO SEXO

A palestra deslisava sob uma daquellas tardes que tanto aborreciam a morena e bella condessa de Alvares. Mas foi interrompida pela chegada da joven e loira *nurse* e do pequeno Jorge.

— Vae acompanhal-o para brincar? — disse, em inglez, a condessa, abraçando o pequeno e beijando-o com effusão. — Não o deixe brincar com meninos desconhecidos, e não volte depois das vinte horas...

— Yes.

A *nurse* inclinou-se, sorridente, e desappareceu com o pequeno.

— Ingleza? — perguntou Bruno Vorri, seguindo com o olhar a esbelta e elegante figura que desapparecia...

— Americana...

— Nova...?

— De alguns mezes. Do vapor veiu para nossa casa. Mas parece-me que lhe despertou admiração... — accrescentou, ironica, a condessa Anna.

— Dada sua *crise* sentimental, talvez uma americana, como miss Alice, pudesse servir-lhe de doce medicina...

— Obrigado por tão precioso conselho — respondeu Vorri, com accento melodramatico. — Mas si a causa da enfermidade de minha alma é você, nenhum remedio exótico poderá curar-me...

— Começemos do principio? — disse, ainda com ironia, a condessa. — Si lhe concedi esta ultima entrevista, foi com a certeza de seu juizo... Para presenciar um acto de contricção, um arrependimento por seus horriveis peccados... de pensamento... Não é assim?

Os claros olhos azues da bella condessa fixaram-se, com limpida serenidade, nos de seu interlocutor.

— Não me olhe assim, Vorri... Por que seus olhos se obstinam em olhar-me com um enlevo provocante... e incendiario? E' que você se sente Romeu, e me toma por uma fraca Julieta? Vamos... Você já não é um menino... Meu coração, você já o sabe, é inexpugnavel... Parece-lhe bem que um *sportman* queira tomar de assalto uma mulher honesta? Um campeão!

Nos vivos e penetrantes olhos de Bruno Verri brilharam relampagos de malicioso orgulho, e sua mão de audaz conquistador quiz apoderar-se da pequena mão da condessa, que se afastou.

E elle disse:

— Querida condessa... Você despoja meu coração do ultimo resto de bons propositos... Faz-me esquecer meus juramentos...

Ella levantou-se desdenhosa. Olhou intencionalmente para a porta, como convidando-o a sahir... Depois se sentou de novo, calma e muito pallida...

— Escute e comprehenda. Esta exaltação de collegial em férias não merece desdém, mas uma indulgente piedade. Toda mulher *aggredida* pelas propostas de amôr de um homem tem que sentir-se, necessariamente, perturbada. E essa perturbação, em mulheres como eu, refractárias ao amôr, é a mais clara demonstração de intransigencia...

— Você... Refractária ao amôr?...

— Eu... Sim... Este ultimo colloquio que lhe concedi será opportuno e esclarecedor. Destruirá para sempre seu estro de languido Pierrot. E diga-me: como póde você conciliar o vigor de um campeão com a suavidade de um trovador apaixonado?... Desperte... e accenda um cigarro, mas não o fume até que lhe queime os dedos... E, agora, escute uma historia simples e breve.

A poesia daquelle crepusculo de maio ensombrecia o céo e dulcificava os corações.

— Escute-me bem, porque sou um espirito estranho. Difficil de comprehender... Minha alma é refractária ao amôr. Desde menina, por instincto; como mulher, por repugnancia psychica invencivel. Por que? Não o sei... Lembro-me que, sendo muito menor que minha unica irmã, quando ella se casou chorei com o mesmo desespero que me causou a morte de minha mãe... Em compensação, já desde meus primeiros annos, os meninos constituiram todo o meu carinho... Mas tarde, quando a vida e a cultura me fizeram experta e comprehensiva, se intensificou meu amôr pela influencia... Mas esse amôr lutava contra o amôr do homem...

A condesa continuou:

— Meu pae propoz-me varios casamentos, e deante de minha constante negativa, me affirmou seu direito de conhecer as causas de minha decisão... Respondi-lhe, entre lagrimas, que não queria casar-me. Pouco depois succedeu um

---

DESTINOS

Homem!
Dizes certo o caminho que percorres
sem conheceres
os caminhos de todos os outros Homens.

Conheces somente os teus abysmos...

Os dos outros
são aquelles que tu pensas simplesmente
como se houvera passado por peores.

DE CARLOS DE FLAVILS

Os caminhos de todos os outros Homens
residem nas Virtudes e nos Vicios
estranhos ao caminho que percorres.

.. .. ..

Segue a Equidade — a melhor senda,
e, assim, attingirás o fim
onde convergem todos os caminhos.

CORINTO BARBOSA

facto, para mim, dolorosissimo... Não ache graça...

"Um dia, "Boby", minha graciosa, intelligente e fidelissima cachorrinha, fugiu do jardim de nossa *villa*. "Boby" era minha companheira, minha confidente, meu idolo. De repente, meio adormecida — era uma tarde quente de inverno — fui surprehendida por dolorosos latidos. Era "Boby" que me pedia urgentissimo soccorro... Sahi alarmada á janella, e presenciei um espectaculo que gelou meu sangue... "Boby" cahira no laço, e a estavam mettendo, aos puxões, na carrocinha, com outros infelizes companheiros, condemnados á morte. Meus gritos não puderam salvál-a. Cahi sem sentidos...

"Naquella cachorrinha enlaçada, minha obsessão se obstinou em ver a imagem de nosso destino de mulher, exposta ao aperto de uma mão desconhecida que extende o laço para martyrizar nossa carne, para matar nossas illusões com o castigo da brutal realidade...

"Ah, os homens! Offereceu a mão, e em cada uma ha um laço como o que apertou minha cachorrinha. Mãos de bandido!

"Quando comprehendi que, entrando para um convento, daria um mortal desgosto a meu pae, cheguei a uma solução desesperada. Entre meus pretendentes — com surpresa de todos — escolhi o velho conde de Alvarez. Era hespanhol, mas residia na Italia. Riquissimo, septuagenario... Tinha um netinho, filho de uma filha que morrêra ao nascer o pequeno. O pae havia contrahido segundas nupcias.

"O avô poz a meus pés sua corôa de conde, sua fé de cavalleiro, suas riquezas, sua ternura... E attrahiu-me com o encanto daquelle menino sem mãe, cujo pae vivia na Hespanha, novamente casado... E eis ahi o instincto de minha maternidade poderosamente despertado! Nas mãos descarnadas do ancião, eu não podia ver o odioso laço... Assim, ao casar-me, já era mãe... Porque o velho acceitou minhas duras condições, expostas com clareza e lealdade. E depois de breve e austera cerimonia nupcial, me transformei na esposa de um avô..."

— E hoje — perguntou, com breve ironia, Bruno Vorri, que escutára a narrativa com o maximo interesse — e hoje você é feliz?

— Sim... O pequeno que você viu sahir, acompanhado de miss Alice, constitúe toda a minha vida de mãe... Minha felicidade, si é que se póde considerar **feliz** quem consegue viver com liberdade e com fé, na plena victoria do proprio instincto e do proprio espirito, só se vê perturbada pelo encontro, muito frequente, de bandidos... Mas não sou ignorante e inconsciente como minha desventurada "Boby". E quando minha condição de joven esposa de um velho cavalleiro me designa como presa de mãos rapaces que extendem o laço para dominar-me e opprimir-me, essa felicidade se offusca. Pelas nuvens do desgosto: não por mêdo ao perigo, por temor de uma capitulação... Sou uma fortaleza inexpugnavel, e contra o assalto dos bandidos ha a fossa de minha desconfiança, de minha aversão, de meu desprezo pelos *caçadores de mulheres*... Figurará você entre elles?

— Condessa — respondeu Vorri, com ardor, — todos os jogos do amôr consistem nisto: *roubar*. A poderosa e desconhecida fascinação, para toda mulher, é precisamente nossa occulta, mysteriosa e arrebatadora força de aggressão... Tambem em você cahirá, um dia, o laço que deverá dominál-a, e talvez quando se considere mais segura, mais desdenhosa, mais inalcançavel... E' a fatalidade de seu sexo: encontrar um bandido...

Nas ultimas sombras do occaso morria aquella tarde primaveril. Os olhos azues de Anna brilharam com fulgores de allucinação... Bruno levantou-se, como para despedir-se. Mas quando ella lhe extendeu a mão, elle a abraçou, rapido, brusco, felino, com força tal, que quasi lhe tirou a respiração, beijando-a ardentemente nos labios...

Anna offegava, vibrante de amargura e de desdém... Indicou-lhe a porta, com gesto de rainha offendida...

Mas, ao ficar só, sentiu que suas arraigadas idéas sossobravam em uma tempestade de sensações novas... Obsecavam-na as ultimas palavras de Bruno Vorri, preconizando a fascinação desconhecida da força brutal, mysteriosa e arrebatadora... E sentiu-se, cada vez mais, presa daquellas palavras, a um tempo fatidicas e sarcasticas: "E' a fatalidade de seu sexo: encontrar um bandido..."

RETALHOS...

OS mais apaixonados cultores do romantismo, aquelles poetas que viviam obsecados pela morte e saturados de um estulto e injustificavel idealismo, chorando rimas commovedoras e construindo edificios de rythmo em que localizavam todo o seu anseio doentio e profundo, enxergavam na mulher a suprema e exclusiva redemptôra de seus prolongados soffrimentos.

Si hoje um delles conseguisse burlar as sentinelas divinas e emprehender uma volta á terra, poderia testemunhar, *in loco*, a inutilidade de seu esforço em querer divinizar, nos arroubos de vehemente exaltação, um humilde objecto terreno...

E' que elles quando andaram pelo mundo, recolheram no repositorio de suas imaginações extremamente impressionaveis a falsa idéa da belleza, a erronea comprehensão da realidade, sem nunca se aperceber das sabias lições, silenciosas e eloquentes, que, sob variadissimas fórmas, apparecem no vasto scenario da Natureza.

Pervagando sempre em regiões abstractas, conversavam com os astros, palestravam com as flôres delicadas e perfumosas, observavam na brancura dos lirios o symbolismo excelso da castidade, confiavam á lua — a eterna confidente dos poetas — a revelação de suas dores acerbas, o soffrimento solapador ou a ventura infinita da vida, como si a deusa da noite lhes comprehendesse os queixumes e lhes suavisasse os desgostos.

No mundo vago e abstracto da fantasia encontravam uma região abençoada que emanava odores exquisitos e inebriantes, encontravam o supremo ideal que lhes norteava a existencia; a caricia deliciosa e pura de mãos velludosas e o nectar enervante dos osculos voluptuosos; o fulgor divinizante dos olhares magneticos, desses olhares que invadem a alma brilhando como sóes ou refulgindo como estrellas; a gama sobrenatural de vozes abemoladas alvorecendo em luminarias de desejos inimaginaveis; o sussurro alacre de um sorriso mavioso e terno que lhes revigorava os mais incomprehendidos devaneios.

Mas tudo isso agonizava no crepusculo que assignala sempre o fim de um sonho.

Quando o sonho nos representa os mais accidentados contrastes da vida, reconstituindo negras e fantasticas paginas de Poe, ou episodios assombrosos de Crawford, o despertar nos traz a comprehensão perfeita e absoluta da tranquillidade, dessa tranquillidade em sentido concreto, que derrama no espirito o consolo infinito da paz...

Mas, quando o sonho nos descerra horizontes esmaltados de esmeraldas e diamantes, a offuscarem-nos com o transluzir peregrino de suas facêtas superiormente cinzeladas pela nossa exaltação ardente; quando o amôr esculpe á nossa vista as mais surprehendentes e tentadoras imagens de mulher, desdobrando deante de nós as mais infinitas e luminosas perspectivas, o acordar nos crêa uma tristeza profunda, uma sombra gigantesca de desconsolo e angustia, que avança, ameaçando esmagar-nos e arrojar-nos, para sempre, nos escombros de uma immensa cratéra fumegante onde arde, em espiraes fuliginosas, a alma dos nossos anseios insatisfeitos.

O homem mais equilibrado não

CAIXA DE

AS ESCOLAS JAPONEZAS. — No Japão a instrucção é obrigatoria e, desde seis annos, as creanças teem que frequentar a escola.

Ha no paiz 4 universidades superiores; 87 escolas normaes; 536 escolas industriaes; 7.270 escolas technicas e 25.750 escolas primarias.

A universidade de Tokio está á altura das melhores da Europa e nella recebem instrucção cerca de seis mil estudantes.

* * *

CURIOSO COSTUME. — Na Groenlandia, os nativos enterram um cão vivo junto ao cadaver de toda creança, porque entre os esquimáos ha a crença

define nem comprehende os contrastes da vida.

O mysterio acompanha a existencia como a sombra torturante do remorso a alma do condemnado que ouve, ao simples ruido de uma folha que cae, o tropel de uma escolta ao seu encalço.

Nas mais pequeninas coisas reside a grandeza dos maiores enigmas.

O dia do natalicio transcorre em meio de alleluias magnificas, nimbado de esplendores apotheoticos. E, em realidade, assignala mais um passo dado na direcção do tumulo. E' a glorificação inconscien-

De Topazio Neves

te e poetica do fim. O imperativo da morte reclamando prematuramente a vida.

Os romanticos, por isso, viviam assimilando prazeres embaladores, attrahidos por uma chiméra que tanto mais delles se afastava quanto mais a julgavam perto de si, como o barco solitario e surdo ao rumor eterno das vagas, vogando nas solidões infinitas do oceano, longe da terra e distante do céo.

A vida lhes era um sonho vago e indeciso, vaporoso e amargo, instantaneo e enervante, cocainizando-lhes as almas enfraquecidas por um monocentrismo absoluto e anniquilador.

Não realizavam a façanha historica do infortunado amante de Abidos perpetuada no verso immortal de Voltaire, mas se perdiam em patheticas manifestações de um amôr cuja imagem, quando muito, lembraria a do sublimado sentimento de Leandro reflectida no rectangulo de um espelho curvo.

Hoje, a mulher procura, a todo transe, nivelar a sua mentalidade com a potencia superlativa do pensamento masculino.

Já os romanticos desappareceram, deixando-nos, unicamente, a lembrança dos seus hilariantes desatinos, o daltonismo irremediavel que lhes coloriu de sinceridade a hypocrisia da mulher, induzindo-os a acreditar em sua apparente superioridade.

Apesar disso, a mulher busca ainda, no reservatorio inesgotavel de sua astucia inexcedivel, o artificio de seduzir pelo encanto e pelo symbolismo gracioso de seu donaire.

O romantismo parece resurgir quando nos fala, parece resuscitar na perola silenciosa de sua lagrima quando nos supplica. E no sorriso ou na lagrima, levados, talvez, por um imperativo do sentimento, vislumbramos a brancura angelical de uma cariola prolongada e divina, doce como um perfume, incorruptivel como os amiantos.

Mesmo na consciencia absoluta do engano manifesto, acreditamos, um instante, no que nos diz e satisfazemos totalmente ao que nos pede; além de lhe apresentarmos uma desculpa que nada mais é do que um mimoso e saltitante galanteio.

Ha mulheres que se exasperam quando se lhes apontam os defeitos, contrapondo-os, em judiciosa analyse, ás virtudes que possúem. Ha outras que se deliciam com isto. Aquellas, talvez pela influencia de um conservadorismo irreductivel, mantéem ainda a mentalidade ligada ás pragmaticas do seculo passado. Essas, identificadas perfeitamente com as idéas da época presente, estão em parallelo com o pensamento daquelle personagem de Oscar Wilde para quem "só ha no mundo uma coisa peor do que falaram de nós: é ninguem de nós falar....." — Manáos.

SURPREZAS

de que a alma dos pequenitos não sabe encontrar só por si o caminho do céo. Collocam, então, em sua companhia um cão para que este, com o seu olfato finissimo, possa achar o bom caminho.

* * *

AS CINZAS DE BUDHA. — O motivo da destribuição das cinzas de Budha foi a rivalidade existente entre differentes regiões da India, todas ellas desejosas de conservar os despojos do fundador da doutrina religiosa que tem o seu nome.

Cada uma das oito porções em que foram divididas essas cinzas foi cuidadosamente conservada em monumentos destinados a este fim.

MIRIAM LUCIA (?) — V. ex., depois de uma série de tolices, escreve: "E' inutil você me responder esta".

Ora, é preciso frisar que, nem sempre as respostas dadas neste consultorio, são para o consulente que me escreve. Ellas visam distrair os leitores em geral.

E a sua está nesses casos.

A sua historia é a seguinte: V. ex. escreveu para esta secção e disse uma meia duzia de bobagens. Que fiz eu? Dei-lhe o titulo de Rainha da Bobagem. V. ex. não gostou e perpetrou uma ironia, declarando que me dava o titulo de Principe da Bobagem.

Tudo isso é lamentavelmente infantil. Mas, a verdade é que eu danso conforme tocam...

Devo dizer, no emtanto, que eu não me posso enfeitar com pennas de pavão. A bobagem é privilegio de v. ex. ou melhor, v. m. que é rainha da dita.

Para se ser principe de bobagem é mister escrever mal como v. m., collocando mal os pronomes e repetindo, como papagaio, o que ouve ou lê. E' tambem necessario não ter espirito e nenhuma logica naquillo que apresenta como argumentação.

Ora, eu não estou nesse caso. Não colloco mal os pronomes, não repito as coisas como papagaio e não sou pobre de espirito.

V. ex. (ou v. m.?) é uma perfeita creança... pobre de massa cinzenta. Si eu digo: "V. ex. é a Rainha da Bobagem", v. ex. retruca: "Você é o Principe da Bobagem". Ora, isso não é prova de intelligencia... Si eu lhe dou aquelle titulo, é porque posso provar quanto v. ex. é tola; ao passo que v. ex. não fará a mesma prova, quanto a mim. Não basta accusar; é preciso provar.

Quer a prova de como v. ex. escreve mal e é a Rainha da Bobagem?

1.º — Plagia o que escrevo. Exemplo: "Ora viva! Você é admiravel... E' um assombro. E' estupendo! E' o unico no genero.

Parabens!" E' um papagaio repetindo o que escrevi a seu respeito.

2.º — Escreve mal e nem sabe collocar os pronomes. Veja este trecho de sua carta: "Olá! Mas falta-me uma cousa... a corôa. Você esqueceu-a; mas tem que dar m'a, pois foi você que elegeu-me Rainha".

Que horror!

A corôa do seu reinado? E' muito facil. Não será de folhas de louro; será de folhas... de grammatica portugueza...

Gostou? — Quá, quá, quá, quá!

MARIA LUCIA (S. Paulo) — Sou extremamente sensivel aos termos gentis de sua missiva. E' verdade que não dou grande credito ás palavras femininas; mas tambem como v. ex. não precisa de mim para nada, e não se vê forçada a me render homenagens, é facil concluir que os seus elogios, ou antes, as suas apreciações são verdadeiras.

Aqui vae a sua carta na integra. Si tudo isso é mentira, não m'o negue, Maria Lucia... Vamos lá!

"Yves. Antes de tudo os meus sinceros parabens pelo successo alcançado aqui em S. Paulo com teu romance "Uma garçonne carioca". Não ha na capital paulista, senhora ou senhorita, que não conheça o teu livro. (bem entendido o mundo chic, o pessoal distincto, e lido) e não o aclame.

Sabes que és atualmente como escriptor, a "coqueluche" de São Paulo, e das paulistas chics, e bonitas?

Isto no meio feminino, porque quanto ao masculino... são uns despeitados, bem entendido, os egoistas, os que não entendem, os pobres de espirito, e afinal, os que tem as "orelhas" maiores do que o "cerebro".

Bem. Vamos ao motivo da minha carta. Vi no Fon-Fon, de 14 de Maio, o n. 20, um conto de Santino Gomes de Mattos, que dizer com franqueza não gostei, sim, porque conheço cousas muito melhores, produzidas por elle, e d'entre as producções que conheço um poema intitulado "O meu ultimo poema", que aliás é uma obra prima a meu ver.

Francamente Yves, foi uma grande surpreza para mim, ver no Fon-Fon, collaboração do Santino, e ainda mais, collaboração esta offerecida ao Bastos Portela, quando o Yves, era um inimigo authentico do Santino, pelo menos no "Saibam todos..."

No mesmo Fon-Fon, vi, ou melhor li, uma resposta a "Martins D'Alvarez", que julgo ser o Santino, debaixo de um pseudonymo, a quem o Yves diz na resposta: ..."Quanto ao mais, conte commigo, naquillo que depender de mim".

Queria ter, Yves, uma explicação d'esta amizade, depois de uma verdadeira guerra que fizeste ao Santino. Curiosidade somente, e tambem, porque sou uma fervorosa admiradora de ambos.

Desde já, muito grata, Yves, e queira perdôar o aborrecimento que te causei.

"Com sinceridade. — *Maria Lucia*."

Quanto ao Santino, devo dizer que não lhe fiz guerra, como não a faço a ninguem. O meu dever aqui é o de exercer fiscalisação sobre os maus poetas e prosadores que tentam invadir o *Fon-Fon*. Ha uma flagrante injustiça no julgamento que faz do meu criterio literario. Que guerra posso eu fazer a um collaborador que não conheço, que nunca vi, que não sei quem seja?

E' claro que si elle me vem pedir um favor e me aggride, eu lhe ponho a carta na *cesta*. Mas isso não é "fazer guerra"... E' reagir a uma attitude descortez.

O publico julga tudo pelas apparencias.

Um individuo me escreve uma carta desaforada, insolente, em linguagem licenciosa. E' evidente que a resposta ha de ser forte; mas o publico ignora a especie de carta que recebi: — della só conhece o troco.

No caso do sr. Santino, que não conheço, venho provar que sou criterioso no meu juizo e não sou parcial. Si hoje um collaborador me envia um trabalho, e este não serve, eu o metto na *cesta*; mas si amanhã elle me remetter outro que me pareça digno de publicação — elle será publicado.

Não sou invejoso. Não tenho medo de que A ou B brilhe a meu lado ou acima de mim. Na literatura ha lugar para todos os que escrevem: — para os bons e para os maus escriptores.

Repito que não tenho inveja de ninguem. E a prova é que a minha penna tem elogiado muita gente, escriptores e escriptoras, poetas e poetisas, que hoje me aggridem e apedrejam.

Mas será por isso que vá aggredir e apedrejar a quem não tem culpa da ingratidão alheia?

ZOPHAR (?) — O sr., numa respeitosa homenagem, a sua digna progenitora, escreveu um soneto, para ser publicado no *Fon-Fon*, no dia do anniversario daquella exma. senhora.

E' nobre, bonito, digno e distincto o seu gesto. Mas, a Arte está divorciada dessa logica do amor filial. A Arte não póde fazer concessões de ordem sentimental. Sacrifical-a, para satisfazer um desejo de ordem affectiva, é uma heresia.

Ha muitas maneiras do sr. homenagear a sua digna mãe. Para que recorrer á má poesia, quando esta irá emprestar uma feição ridicula á belleza de um gesto nobre e sublime?

Não! Offereça flores, um objecto util, outra qualquer coisa que demonstre carinho pela sua illustre mãe. Mas deixe a poesia em paz. Render-lhe tal homenagem em versos maus, como os do seu soneto, é uma attitude ridicula.

Veja só que soneto aleijado este seu:

SONETO A' MINHA MÃE

Bem sei que te amo e o amor de
[filho é eternamente santo,
Eternamente, oh! mãi, sublime e
[angelico! A doçura
Do teu olhar de luz celestial, sua-
[vemente pura,
Illumina meu ser na delicia do teu
[encanto.

Si alguma vez te encontro, em la-
[grimas, vertendo pranto,
Me fere o coração a mesma angus-
[tiosa amargura...
— Sentindo-me feliz, minh'alma,
[em febre, te procura,
E de joelhos contigo, em prece, o
[olhar aos céus levanto.

Na via-dolorosa, a agrura que apa-
[rece é enorme
E essa desillusão que no meu peito,
[em sangue, dorme,
Eu a sinto mais doce ouvindo as
[tuas orações.

Sou filho e tu és mãi; — e neste
[enlevo ardente e puro
Sentiremos na cruz da morte,
[eterna, do futuro,
Vibrar no fundo do sepulcro os
[nossos corações.

Não tenho razão, caro poeta?

GILBERTO SEVERO N. (Capital) — Caro confrade, estou de pleno accordo com a exposição que fez na sua missiva. A sua observação é exacta. Mas devo dizel-o: a propaganda do meu romance "Uma garçonne carioca" não póde ser feita alem de cem exemplares — o quanto me foi fornecido pelo editor para aquelle fim. Desses cem exemplares, tive que distribuir mais de cincoenta com os collegas e amigos, muitos dos quaes não leem os nossos livros, mas se tornam nossos inimigos si lhes não rendemos essa homenagem. Depois disso, não me é possivel adquiril-os para offerecel-os aos confrades e amigos dos Estados e do interior.

Dahi a razão porque o meu livro está sem propaganda. Junte-se a isso a má vontade dos collegas de imprensa, dos "officiaes do mesmo officio", que se vingam em dizer mal do romance, tachando-o de licencioso, e da minha pessoa, chamando-me de cretino.

Entretanto, nem eu sou cretino nem o meu livro é licencioso: é apenas real, verdadeiro; encerra uma lição rude e amarga, para aquelles que não conhecem a vida e os vicios cariocas.

E' a falta de propaganda que concorre para que a verdade não se restabeleça em torno da finalidade de meu romance.

E' horrivel! Quando escrevi "O Suave enlevo", disseram que o livro era fraco; era imitação de Paul Géraldy (idiotas! Géraldy é inimitavel!) chamaram-me poeta d'agua doce, versejador de caramelos, poeta de melindrosas. Mas depois disso toda gente fez livros parecidos com "O Suave enlevo". Este já chegou á sua 3.ª edição, que se acha na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166.

Agora, sou atacado porque escrevi um livro forte, de critica insultuosa á sociedade carioca, e outras cretinices. E' a fabula do burro de Buridan. Não sei si monte no burro, si o faça montar pelo rapaz ou si vá a pé...

Muito me commove a bôa lembrança e o interesse que manifesta pelo meu livro. Seria melhor que o sr. apparecesse aqui na redacção, conforme me promette ou telephonasse para cá, entre 1 e 5 horas. Telephone — 2-4136.

YVES

Toda e qualquer correspondencia designada a "Salham todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136
FON-FON — 18-6-932

Data da consulta ....
Nome do consulente ....
....

A saudade das tres raças na saudade da raça brasileira

PARA JOÃO DO NORTE

— Caboclo, a tua terra amanheceu bonita.
Contempla-a desta eminencia, onde o azul
dos céos nataes coróam a terra maravilhosa.
Vem ver a gesticulação das arvores na montanha;
o arroio argenteo, que lá vae cantando pela solidão das mattas
a sua humilde saudade dos rios que o abandonaram.
Caboclo, contempla a nossa terra como é linda.
—Nhôr, sim. Mas a minha cabocla onde está?

— Aventureiro luso, as paizagens do Mondego estão cheias de sol.
O fado, que é a expressão sonora da raça portugueza,
soluça na bocca vermelha das tuas mulheres varonis.
Os passaros canoros inventam musicas montanhezas.
A natureza floresce ás nupcias do sol creador.
A saudade se ergue, para sempre, dentro de tua alma
e tu, aventureiro luso, deves ter saudades da tua patria.
— Sim, como a minha patria está longe!...

— Negro congolez, as inhospitas paragens da Africa
já estão devastadas pelos homens brancos.
As ardentias do mormaço crearam em você um typo queimado e forte.
As féras, as cobras, os passaros exoticos.
Os amuletos esquisitos que enfeitavam o penteado de suas negras,
os toscos instrumentos de páu de suas festas guerreiras,
os rios soturnos, immotos, onde você lavava o azeviche do corpo,
a alma forte, caudalosa e destemida,
Negro congolez, você perdeu tudo isso e veiu ser escravo no Brasil.
Negro, você tem saudade de alguma coisa, no mundo?
— Seu moço, eu vim para aqui porque os demonios brancos me trouxeram.
Eu tenho irmão naquelle mundo perdido, senhor!...

— Caboclo, subiste a eminencia?
— Subi, nhôr sim. Vi o céo e vi a patria...

— Aventureiro luso, não sentes remorso de teres abandonado a tua patria?.
— Mas, senhor, isto aqui é a minha patria!...

— Negro africano, onde perdeste o teu espirito livre e forte, como o vendaval?
— Eu perdi o meu espirito livre e forte como o vendaval dentro da tua raça, senhor!

— Brasileiro, que foi que fizeste dos pertences
ethnographicos e psychologicos de toda esta gente?
— Não sei, não!... Só si eu os perdi com a minha carteira de identidade no gabinete
[de investigação.

E sahiu cantando pela Rua Nova:

"Sou, por essas redondezas,
o homem das tres vontades;
o homem das tres tristezas,
o homem das tres saudades."

ESDRAS-FARIAS

SONHOS...

UMA das coisas que mais me admiraram, neste mundo, são os sonhos que tenho com aquella que amo.

Meu Deus, penso nella o dia inteiro e, ainda, quando durmo, me vejo na contingencia de a conservar sempre presente ao meu espirito!

Onde irá parar tudo isso?!...

Segundo o testemunho universal, os sonhos representaram, sempre, um papel inconfundivel na vida do homem e, não raro, hão guiado, aqui e alli, a sua historia. Nossos livros sagrados são ricos de lances heroicos, calcados em sonhos.

Despojando-se, porém, com o evoluir do espirito humano, da sua accepção de prodigio e de sobrenatural, alcançaram elles os nossos dias muito diminuidos do seu antigo prestigio, integrando-se, definitivamente, ao que parece, á nossa psychologia normal.

Assim é que os sonhos constituem, hoje, um dos mais apaixonantes problemas para o scientista de carreira e sobre sua verdadeira genese e alcance physiologico abundam as interpretações.

Ora considerados como uma segunda vista do espirito, ora como uma inspiração da divindade ou de genios, bons e maus, que os ha (ninguem duvide), para outros ainda, de accôrdo com a nossa mentalidade actual, simples "derrapagens" do orgam da attenção, cujos freios não teriam mordido, de rijo, á planicie alisada do somno, ou della, pouco e pouco, se foram afroixando, numa especie de embalagem, precursora da vigilia como quer que seja, são os sonhos de verdade, uma larga enseada do mar desta vida, uma estancia maravilhosamente pinturêsca, que se nos entreabre ao gozo irreal da contemplação pura, liberta dos attritos e das desolações de que são urdidas nossas apoucadas existencias.

Eis que se me apresenta assaz esquisito e interessante, sem eu saber muito como m'o explicar, a mim e aos meus caros leitores — a existencia dupla que levo com o *meu bem*...

Dum lado, seus desdens, suas perversidades, suas fugas incomprehensiveis; do outro, suas caricias, seus favores, suas prodigalidades...

Aqui, seus olhos castanho-escuros, meigos de nascença e que, talvez por isso, me enganam todo o dia, esquisitamente animados quando a dona quer, de graciosos movimentos dos pequenos musculos orbiculares e palpebraes, que se plasmam, á vista, com a agilidade dos ticos, dando á expressão estranhas performances felinas...

Alli, toda ella a me pertencer, toda ella a se devotar a mim, como si eu fôra um idolo e acceitára a offerenda votiva de sua carne...

Como e por que tamanho absurdo!?...

Não resta duvida que os sonhos têm sua razão profunda de ser, genuinamente physiologica, havendo os, entretanto, ferindo toda uma craveira de complexidades, desde os mais triviaes, até aquelles, incontrastavelmente, auto-reguladores da vida psychica, pathologicos e supranormaes.

E' fóra de questão sejam os sonhos, dum modo geral, um estado de hypo ou pre-vigilia, como o hypnotismo e a embriaguez, caracterizando-se por essa syndrome mental, que chamamos de "monoidéa", ao que deve o realismo das suas representações.

Qualquer pessôa póde facilmente verificar esse facto, quando no estado pre-hypnotico normal queira impellir, docemente, sua ideação, que vae declinando, sob fórma lacunar, de que póde resultar, as mais das vezes, ainda que um tanto *flou* ou mitigado, um onirismo legitimo, a que se assiste acordado, não raro deitando seus pseudopodes para a realidade ambiente, mas fugindo della, á nossa vontade, por delicados movimentos de reptação, e, assim, poder-se-á viver, de verdade, seu proprio sonho.

Isso vem provar, de modo iniludivel, que é justamente nesse estado de pre-vigilia, durante o somno, que nosso cerebro entra a modelar seus sonhos. O alheiamento mais ou menos completo da ambiencia, o estado de "monoidéa" em que nos encontramos, condicionam a nitidez e a vida das imagens. O extase, a allucinação, etc. são outras fórmas de "monoidéa" relativamente connexas.

Outro facto que vem demonstrar essa maneira de vêr é o despertar habitual, desde que os sonhos ganham qualquer situação mais violenta. E' mesmo muito difficil assistirmos, em sonhos, ao desenrolar final duma scena intensamente emocional.

Sonhar, pois, é, segundo todas as véras, pensar, inconsciente ou subliminalmente, isto é, sem o "controle" do centro O, do professor Grasset, num regimen de embriaguez, á distancia igual, do somno e da vigilia, com tendencia franca para esta ultima.

O mais interessante, porém, para o philosopho, é a systematização e a causa profunda ordenadora e determinante de certas modalidades de sonhos.

Porque, ao mesmo tempo que ha os sonhos usuaes: ou normaes, propriamente ditos, que resultam automaticamente do albôr das primeiras imagens que repontam num cerebro que desperta, ha aquelles decorrentes de certas condições individuaes, organicas ou psychicas.

Assim é que o cerebro normal repelle reproduzir, sob fórma de sonhos, as idéas ou preoccupações que mais nos assoberbam no estado de vigilia, quando não seja para as apresentar (como é o meu caso), sob um novo aspecto, perfeitamente ardiloso e contemporizador.

Por isso, quando nosso cerebro reage normalmente, como é a regra geral, nossos mortos queridos nunca nos apparecem, em sonhos, taes quaes se nos representam, porém redivivos e a nos sorrir!

Ou tal seja a agudez do nosso pesar, não se projectam elles, de modo algum, na tela alvissima do nosso onirismo quotidiano: fazem a mais completa ausencia, até, um dia, quando nosso cerebro se repoisar a seu respeito, poderem, desse além introspectivo, acenarnos, tão felizes e reaes, como nos melhores momentos que viveram comnosco.

O mesmo succede, habitualmente, quanto a todas e quaesquer situações ansiosas, em que nos encontremos, porventura. Os sonhos representam uma anthitese das mesmas ou versam sobre motivos que actuam, paradoxalmente, á guisa de entorpecentes ou derivativos.

A razão de tudo isso é das mais obvias, conhecido, que é, nas psy-

De Sempronio

chopathias diversas, o papel inconfundivel da "idéa fixa", o *alpha* e o *omega* da psychiatria. Para a vida mental a "idéa fixa" tem a mesma significação que o "microbio" para a vida organica. Assim como os tecidos se defendem prodigiosamente deste, do mesmo modo reage o nosso cerebro contra o parasitismo morbigeno das idéas especificas.

E' uma lei fundamental da psychologia.

Sob as fórmas de "habito", "desattenção" ou "esquecimento", occorrem os mesmos phenomenos de defesa do tonus psychico normal, da vida cortical activa ou consciente. São phenomenos de recalcamento ou de sedimentação psychologicos.

Freud, entre outros, emprestaram aos sonhos uma hyperfuncção, de primeira linha, despindo-os de todo o sentido aleatorio. São elles, na sua melhor parte, os pilares sobre que assentam a sua celebre doutrina Psychanalyse.

De modo que os sonhos, na concepção desse homem de genio — são uma verdadeira digestão psychologica, trahindo, pelo meúdo, todos os emboras, os mais secretos da vida quotidiana duma alma.

Para esse autor, narrar seus sonhos é o mesmo que se abrir, sem reservas, ao seu parocho...

Estou, firmemente, que sim. Sou *freudeano* de convicção. O meu caso é concreto e dos mais elucidativos.

Sou um homem casado, pae duma respeitavel penca de creancinhas loiras e que ama, extremosamente, sua mulher.

Isso não obsta, porém, ou antes, incentiva essas tiradas loucas e muito humanas, á Cantico de Canticos, do festejado rei Salomão, donatario biblico da suprema e inconsutil Sabedoria.

Com ser o mais sabio, foi tambem e, talvez, por isso mesmo, um authentico Sardanapalo ou Abdul-Amid!

O coração humano é uma sementeira como outra qualquer: ao centro está o pistillo, rodeado dos estyletes, portadores das antheras...

E' inutil discutir.

"Sessenta são as rainhas, oitenta as concubinas e as virgens sem numero". Eis o que é a verdadeira sabedoria.

Sulamita! Sulamita! Tiraste-me o coração com um dos teus olhares, com as voltas do teu pescoço...

Estou atado ás varandas...

A PROVA

AO deixar do escriptorio, Patatin annunciou-me que viria visitar-nos esta noite — disse Melitón Rabanit a sua esposa.

— Magnifico! — exclamou Theodomira, de muito máo humor. — Estou morta de cansaço e queria deitar-me cêdo. Mas como é teu primo, teu amigo intimo...

— E porventura a culpa é minha?... Criámo-nos juntos. Elle estudou commigo, entrou commigo na Casa Bluff, da qual é, tambem, chefe de secção...

— Não preciso que me contes tua biographia — disse, sêccamente, a senhora Rabanit: — já a conheço.

— O que tu não queres comprehender é que esse homem me aborrece tanto quanto a ti... Ha trinta annos que o venho supportando!... Aos dez annos, todo mundo dizia que elle era um menino prodigio. No collegio foi um alumno brilhante, e sempre se considerou superior em tudo, não sei porque... E' falso, vaidoso, e estou certo de que não tenho peor inimigo que elle... Mas, como é meu primo, meu companheiro de infancia, e nunca tive motivos sérios para romper com elle... Si tu não queres, não appareças para cumprimentál-o.

— Isso não! — protestou Theodomira. — Eu não sou maleducada com ninguem... Sabe Deus o que terá ella a dizer-te... Talvez te queira pedir um favor, dinheiro... Hás de comprehender que não vou aconselhar-te, mas reflecte bem...

— Pódes ficar tranquilla.

E trocaram um olhar de intelligencia. A idéa de que uma pessôa lhes pudesse pedir alguma coisa os punha instantaneamente de accôrdo, promptos para a defesa.

Patatin chegou por volta das nove. Era um homem calvo e elegante. Recusou, cortezmente, uma chavena de chá e tomou um calice de cognac que theodomira lhe offerecia, com pouca vontade.

— Preciso falar-te, meu velho — dise Patatin. — E' um assumpto sério, muito sério...

— Si sou demais aqui... — exclamou a senhora Rabanit.

— Ao contrario, prima: gosto muito que assista á nossa conversação.

Patatin tomou um gole de cognac e, com ar de gravidade que não lhe era habitual, começou:

— Meu querido primo: além do parentesco, ha entre nós uma antiga amizade, uma dessas solidas amizades de infancia a que cada anno augmenta um novo laço.

— E' verdade — concordou Melitón, lançando a sua esposa um olhar que significava: "Tinhas razão: elle vae pedir-me alguma coisa".

— E em honra dessa velha amizade — proseguiu Patatin — venho trazer-te uma noticia muito importante, que me confiou Clavillo.

— O secretario de Bluff?

— Exactamente. Trata-se do seguinte: Bluff já está muito cansado e não tem nem filho nem genro que o ajudem em seus trabalhos. A fabrica se vae extendendo cada vez mais, é já um pequeno mundo, e Bluff sozinho não póde dirigil-a. Sem querer abandonar inteiramente os negocios, deseja descansar. Pensára reunir em uma especie de comité todos os chefes de secção, mas teme invejas, intrigas, descontentamentos, e resolveu nomear um subdirector.

— Que será Pinguinez, certamente — disse Rabanit, ansioso.

— Não. Pinguinez, como Bluff, é velho, e dentro em pouco estará retirando-se da casa com seu bom capitalzinho.

— Então, a quem?

— Agora vou dizer-to, mas antes deves recordar, meu velho Melitón, a antiga amizade que nos une, e que fui o primeiro a dar-te a noticia. Bluff assignou já a nomeação e sua escolha recahiu em um dos chefes de secção. Approvo plenamente a escolha, que me causou grande alegria, porque vejo que premia o verdadeiro merito.

— Mas quem é? — perguntou Theodomira, tremendo de esperança.

— Um momento... Retirando-se Pinguinez, o logar de secretario geral vae ficar vago, e o subdirector terá faculdade para preenchêl-o. E' um emprego excepcional, pela representação que confere, ordenado, etc. Não te parece que ninguem melhor que um parente, um amigo intimo do subdirector poderia occupál-o?...

Não havia duvida: o sub-director escolhido por Bluff era Rabanit, e, tendo surprehendido o segredo, Patatin vinha adular seu superior, fazer-lhe salamaleques, pedir-lhe o logar... Melitón viu o futuro que o esperava: sua autoridade em perigo, sua dignidade rebaixada por aquella camaradagem pesada e indesejável... Velhos rancores o animaram, e, cheio de orgulho, já omnipotente, respondeu, com ar de austeridade:

— Isso seria muito útil e agradavel para o parente ou amigo intimo, mas acho que si o sub-director quizer mostrar-se digno da confiança que lhe demonstrou seu chefe, não deverá ter a seu lado nem parentes nem amigos. A autoridade, a justa autoridade deve ser céga, igual para todos, sem indulgencias, sem fraquezas... Para esse posto de secretario geral creio que o sub-director deve escolher um homem sério, de costumes rigidos, e muito competente... Qualquer outra escolha seria deshonrosa para sua autoridade, que todos devem respeitar. Comprehendes-me?

Após alguns instantes de silencio, Patatin levantou-se, sorridente, e falou:

— Esperava que falasses assim, mas folgo muito em ouvir-te essas palavras. Não tinha muita certeza de conhecer-te a fundo e temia ser injusto... Agora estou tranquillo: teu modo de pensar é o meu. Esse logar de secretario geral, que certamente me pedirias, não no peças nunca, porque não to concederei... Acho, em plena consciencia, que sejas perfeitamente incapaz de desempenhál-o... Ah, velho!... Seguiste uma falsa pista: não foi a ti, mas a mim que Bluff nomeou sub-director... Aqui está a nomeação, para que te convenças... Quiz submetter-te a uma prova e sondar a fundo tua amizade. Que a licção te sirva para o futuro.

E, fazendo uma reverencia cortez, se retirou...

Frederic Boutet

Ligue para a Radio Sociedade Record (P.R.A.R.) ou para a Philips do Brasil (P.R.A.X.) quinta-feira ás 21,30 horas para ouvir um programma de lundús, batuques, sambas, cateretês e maxixes com a historia de cada um delles na vida brasileira.
Claridade ou deslumbramento?
A lampada que deslumbra os olhos e que se não póde encarar, é muito prejudicial ao sentido da vista e não preenche a sua finalidade, que é alumiar pela diffusão perfeita da luz.
E a ultima descoberta dos tempos modernos da electricidade é a lampada fosca internamente, que occulta aos olhos o filamento incandescente e permitte melhor diffusão da luz.
Não se illuda julgando que a lampada fosca por dentro não dá tão boa luz quanto a de vidro transparente! Não confunda claridade com deslumbramento!
Ao comprar lampadas electricas exija do seu fornecedor as foscas internamente para a preservação dos seus olhos e a melhor illuminação da sua casa.
PHILIPS
exija a lampada internamente fosca
LUZ...
MAIS LUZ...
A MELHOR LUZ...

NA ESCURIDÃO

SOB a bruma gelada de dezembro, mme. Colar dirigia-se apressada para casa. Ainda não eram seis horas e, no emtanto, tudo estava silencioso e triste como em plena noite, naquelle bairro mal frequentado.

Mme. Colar tomou a avenida sombria sob as arvores negras, e seus passos resoavam solitarios. Depois deu uma volta pelos jardins, tomou o atalho pela ruella não calçada e alcançou, emfim, um grande edificio na penumbra.

"Ninguem entrou ainda, pensou mme. Colar olhando a fachada escura. Não ha uma luz nas janellas..."

Avançava então, deixando atraz de si o unico bico de gaz da ruella estreita.

De dia e com um sol de primavera seria agradavel aquillo ali. Os lilazes e as glycinias lançavam-se pelos muros das vielas para olhar, como curiosos, os canteiros de alface e salsas; os caramanchões enfeitavam-se de bolas reluzentes, a roupa branca estendida forrava os jardins.

Mas hoje tudo era lugubre e frio e mysteriosamente sombrio.

"Não tenho razão, pensou ainda mme. Colar; acabarei por vêr bandidos por toda parte!"

Via melhor agora a entrada lugubre da casa de operarios de onde, todas as manhãs, como uma revoada de pardaes, voavam todos os locatarios.

Em Paris, todo o dia, só entravam ás 8 horas.

"A porteira esqueceu de accender a escada! Constatou-o, mme. Colar antes de entrar. Deve estar em Paris. Voltará daqui a pouco pelo proximo trem. No emtanto, parece-me que ha alguem acolá, perto do lampeão... Será ella?"

Immovel, mme. Colar ouviu.

Ao longe um trem apitou.

Em volta da casa, isolada entre terrenos baldios, gatos miavam, perseguindo-se mutuamente.

Mme. Colar estremeceu. Dir-se-ia que uma vida humana inteira se extinguira e que ella estava sozinha, muito longe do mundo, sob o céo humido, na sombra enigmatica.

"Eis-me inteiramente só na casa", pensou ella, aproximando-se da entrada mal illuminada, ás apalpadelas. Ah! os larapios fariam bôa féria, esvaziando os armarios! Não podemos dizer que se trata duma casa bem guardada!"

Seu pensamento, como que fixo, tornou-a subitamente febril e medrosa.

"Admira-me que mme. David, não esteja ahi" murmurou, batendo com o index dobrado á uma porta do porão.

A madeira resoou estranhamente no silencio. Ao mesmo tempo, ouviu-se um ruido surdo. Mme. Colar estremeceu. Contendo a respiração, evitando fazer estalar o soalho sujo, poz-se a ouvir. O mesmo ruido surdo, mysterioso e velado, cortou o silencio.

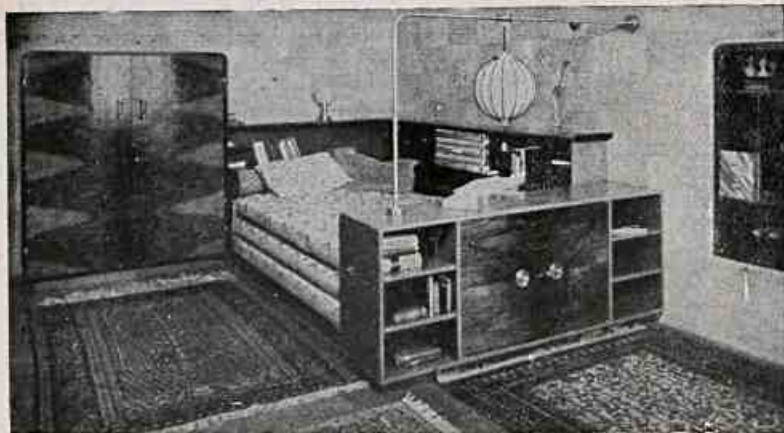
Mme. Colar, sem reflectir, deu um salto sobre a maçaneta da porta. Fechada á chave, a porta resistiu. Através o vidro só se viam sombras tremulas.

A esperança firme que havia lançado a mulher contra a porta dessipára-se. Ella sahiu para a rua, sinistra sob a chuva. Pareceu-lhe ainda, acolá, perto do lampeão, vêr fluctuar uma sombra.

Está de alcatéa" pensou mme. Colar, sem saber muito bem o que significava essa idéa.

Mas, apenas formulada, creou corpo, subitamente. A mulher desvairada não duvidou mais. Sua retirada estava interrompida. Não podia mais fugir. Ella correu para a frente. A idéa de se fechar a sete chaves, de pôr, entre si e o perigo ainda incerto, a barreira da porta de entrada, deu-lhe um instante de coragem. Mas no momento em que ia empurrar a pezada porta de madeira, a "certeza" de que "o outro" estava alli, em algum lugar, reteve-a. Sua mão tremia. Seu olhar angustiado dirigiu-se, contra sua vontade, para o bico de gaz, ao fundo do corredor. Sim, a sombra lá estava, horrivel de mysterio e de immobilidade.

A mulher quiz falar, fazer barulho. Vendo que alguem chegava, aquelle que a espreitava na escada fugiria, talvez. Ella tremia á idéa de que elle estaria alli, escondido num buraco escuro, a espial-a.

Abriu a bocca para chamar a porteira. O grito estatelou-se-lhe

na garganta: "Alguém" descia a escada...

A mulher teve as pernas paralyzadas por esse barulho insolito. Estalido denunciador dum andar? Escorregar duma mão pelo corrimão? Rastejar duma roupa pela parede?...

"E' a senhora, mme. Tirrel?" bramiu, de repente, a mulher, cheia de mêdo.

Um silencio anormal, um silencio de espera e de ameaça, pesou sobre o peito de mme. Colar. Pancadas surdas ouviam-se na sombra immovel, e a mulher desvairada, já não sabia si era seu coração que batia ou punhos que se empenhavam lá em cima, em alguma mysteriosa occupação.

A mulher recuou, novamente, e, deante da porta, gritou, com voz rouca:

"E' mme. Tirrel?"

Pareceu-lhe, alli, atraz do lampeão, vêr oscillar a sombra fatal.

Um assobio, muito suave, cortou o silencio.

"Elle me deu signal! pensou mme. Colar, empallidecendo ainda. Oh! si eu pudesse voltar para casa! Mas... seis andares! E o outro está alli na escada, á minha espera..."

O desejo de se entrincheirar no meio dessas duas pequenas peças bem fechadas, tornou-a heroica.

A idéa da lampada accêsa em cima da mesa de familia, a sêde de garantia recuperada expulsaram as negras idéas e mme. Colar subiu no escuro, até o ultimo andar. A acção acalmava-lhe os nervos. Ella tentava não ter mais mêdo. Subia firme e fechava os olhos.

De repente, mais nitido, mais pronunciado, o barulho surdo, o barulho irritante fez-se ouvir.

Uma vez... duas vezes... Não, já não era uma allucinação, já não eram as temporas que batiam na sua fronte allucinada; era um ruido determinado. Ella "sentia" que alguem alli estava, vivo, presente, mas escondido. Mme. Colar parou. O barulho cessou tambem. A pobre mulher abria no escuro olhos de louca.

Ella estava estuporada, estatelada, meio acocorada sobre as pernas que fraquejavam e esperou, um segundo a detonação brutal, ou a facada certeira.

De repente, alli, muito perto, um ruido regular fez-se ouvir. Teve uma sensação atroz e expandiu o mêdo por um ronco horrivel:

Então, no escuro, atraz de si, houve um movimento. A mulher, aterrorizada, saltou para frente. Fugia. Com a chave do quarto na mão, ella ainda estava attrahida pelo seu "chez soi" familiar.

O instincto sobrepujava a razão e lhe dictava os gestos salvadores.

Sem folego, com os olhos convulsionados, ella subia... atraz de si, um ruido leve subia tambem...

Aberta a sua porta com um sôcco, ella tornou a empurral-a com fracasso. As mãos tremiam-lhe de tal fórma que ella não podia achar a fechadura.

E alli, atraz da porta fechada, agora que ella se considerava salva, sentiu, na sombra mais negra, um ser mysterioso dirigir-se para ella, lamber-lhe os tornozellos, roçar-lhe a saia...

Ah! agora ella o havia fechado em sua casa e agora... agora "elle" a agarrava!

O horror fêl-a vacillar. Ella escorregava ao longo da parede, prestes a perder os sentidos, quando a mão crispada encontrou por acaso o commutador.

A luz jorrou, brutal como um golpe, e mme. Colar, estonteada, viu aos seus pés um enorme gato preto que fazia uma corcova.

CLAUDE LAVERRIÈRE

O QUE SE DEVE SABER

O PODER DO OLHO HUMANO

A sciencia continúa procurando desvendar novos mysterios biologicos. O notavel scientista, dr. O. Heme, director do Museu americano de historia natural valendo-se de um novo typo de cinemicroscopio, conseguiu photographar o lento desenvolvimento de um pintainho dentro da casca. Com infinitas precauções, um pedaço de dois centimetros e meio da casca foi substituido por um vidro através do qual se conseguiu tomar photographias, com intervallos de dez minutos de uma para outra.

O film obtido mostra claramente a evolução e formação do pinto na casca do ovo.

Projectase, agora, levar mais longe a experiencia, com o aperfeiçoamento do apparelho a ponto de permittir photographarem-se os bacillos geradores de certas enfermidades.

Em França realizaramse outras experiencias com o fim de determinarse o poder dos olhos humanos. Com um fio delgadissimo, quasi imperceptivel, conseguiu-se suspender, dentro de uma caixa, metade vidro, metade metal, e hermeticamente fechada afim de se evitar qualquer perturbação atmospherica ou influxos electromagneticos, um pequeno apparelho conhecido pelo nome de "Solenoide" de Russ.

Com a surpreza que era de imaginar-se, observouse, então, que quando dois olhos humanos se fixavam na caixa o "Solenoide" de Russ movia-se. Se o experimentador cerrava os olhos o apparelho deixava de funcionar.

Como explicar este phenomeno?

O physico Bays assegura que o apparelho é impressionado pelas radiações caloricas do corpo humano, ou, com mais precisão, a luz, ao ferir o olho humano, é reflectida pela cornea, que a projecta sobre o "Solenoide" de Russ.

De qualquer modo, já podemos ter a certeza de que a força dos olhos humanos não é somente psychica: é, tambem physica e capaz de ser medida.

PLANO EXTRAORDINARIO DE S. JOÃO

A correr no dia 28 de Junho, com 9.000 bilhetes apenas e 1428 premios. Premio maior: 1.000:000$000 - Bilhete inteiro, 320$000; Meio, 160$000; Vigesimo, 16$000.

A Loteria de São Paulo distribue 75 o|o em premios e corre só com 16 mil bilhetes. Finaes simples em todos os planos. Mais de 3.300 premios nos sorteios communs. A unica a cujo portador do premio maior o proprio Thesouro do Estado paga á vista a importancia respectiva.

LOTERIA DE SÃO PAULO

GARANTIDA E FISCALISADA PELO GOVERNO

A GRANDE SAUDADE...

NAQUELLA tarde suave de fim de primavera, uma joven de cabellos enovelados andava pelo jardim colhendo violetas e amassando entre os dedos finos as petalas das ultimas rosas.

Uma cigarra punha a nota de musica naquelle scenario de vida.

E, acompanhando o canto dos pardaes que andavam brincando na velha paineira que se debruçava, preguiçosamente, envolvendo em sombra todo o jardim, ella ia deixando escapulir por entre os labios, uns versos que sabia de cór.

Nesse instante, a sua imaginação fôra tomada pela figura de alguem, a quem devotára todo o seu affecto... E, com essa recordação viéra tambem a tristeza maior de sua mocidade...

Agora, tinha a certeza de que nunca mais o veria ali, sozinho com ella, sob a sombra daquella mesma paineira.

A carta, que desfizéra em pedaços na vespéra, viéra-lhe dizer que o homem por quem esperava já pertencia a outra...

Déra-lhe a caricia do seu affecto, o calor das suas mãos, a maciez de sua voz, para tirar-lhe tudo depois, deixando-lhe a saudade e lagrimas de amargor... Destruira com duas folhas de papel aquellas promessas que ella julgava tão sinceras e que foram ouvidas á custa de lagrimas sentidas...

E, sob o peso daquella indifferença, deixou-se cahir pesadamente num banco, entregue á sua propria dôr, essa dôr, que somente ella podia sentir.

Não percebeu que a cigarra parára de cantar, que a noite occultára as nuvens para pontilhar o céo de estrellas. Não sentiu o calor das lagrimas, nem os espinhos das flores...

Ficou sózinha, num profundo abatimento, a viver a vida da sua imaginação.

Nunca mais teria a alegria dos sorrisos nem a surpreza deliciosa dos sonhos...

Olharia o desfiar dos annos como si sentisse o deslisar das lagrimas...

Teria para sempre, deante de si, a tristeza de uma tarde morrente e uns versos para dizer em surdina aos seus proprios ouvidos... Repetiria, á sombra daquella paineira, as mesmas promessas que aquelle *alguem* lhe fizéra.

* * *

Agora, todas as tardes, quando o sol tinge as nuvens de ouro e de carmim, ella colhe violetas e rosas para reviver a grande saudade de sua vida...

J. M. Brinckmann

Concurso Indanthren de Vitrines

Relação das casas inscriptas

Armazens Brazil
RUA GONÇALVES DIAS N.° 6

Bom Tom
RUA DO OUVIDOR N.° 112

Camisaria Diamantina
RUA URUGUAYANA N.° 110

Casa Allemã
PRAÇA FLORIANO N.° 23

Casa Lemos
RUA GONÇALVES DIAS N.° 16

Casa Monteiro
RUA 7 DE SETEMBRO N.° 58

Casa Nunes
RUA DA CARIOCA N.° 67

Casa Pacheco
RUA URUGUAYANA N.° 158/160

Empr. Arte Mobiliaria Ltda.
RUA DO ROSARIO N.° 167

Laubisch & Hirth
RUA DO OUVIDOR N.° 86

Souza Baptista & C.
LARGO DA CARIOCA N.° 9

As casas inscriptas vendem tecidos tintos com corantes Indanthren e marcados com a etiqueta registrada. As côres destes tecidos resistem ao sol á chuva e ás repetidas lavagens.

De accordo com o que foi publicado em numeros anteriores, desta revista, iniciou-se em 11 do corrente e encerra-se hoje um concurso de vitrines entre os nossos principaes estabelecimentos de Modas e Fazendas.

Foi condição essencial do concurso a exposição exclusiva, nas vitrines, de artigos em obra, fazendas ou fios tintos com corantes Indanthren e marcados com a respectiva etiqueta.

Os premios, constantes de paginas de annuncios de destaque nesta revista, serão conferidos ás vitrines que apresentaram mais interessante disposição artistica ou humoristica, á criterio da Commissão Julgadora.

A Commissão Julgadora é constituida de cinco membros.

um artista pintor:

Professor Fiuza Guimarães

um jornalista:

Martins Capistrano

um commerciante:

Dr. Serzedello Mendes

um technico de publicidade:

Annibal Bomfim

uma modista:

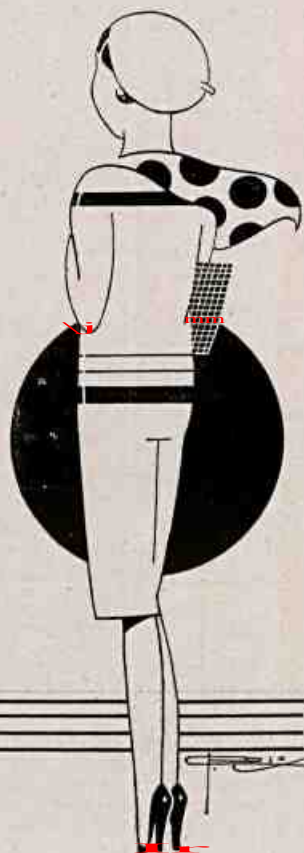
Sra. Regina D'Eça

No proximo numero daremos a relação das casas premiadas e, em paginas do texto, photographia das mais bellas vitrines.

VIDE na pagina anterior a relação das casas inscriptas.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 25

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 18 de Junho de 1932

MULHER NÚA...

AS surprezas e revelações da linha curva continuam a preoccupar o mundo artistico, bem como todos os homens de bom gosto e olho avido de novidades, em materia de mulher. E' natural que assim seja. Eva ha de ser sempre uma linha curva, que não tem começo nem tem fim, a envolver nas suas fugas, nos seus meneios, nos seus colleios de cobrinha de estimação, o mysterio e o encanto da suave volupia do amor. E os homens, embevecidos e tontos, de narinas offegantes e olhos melosos, chispando desejos, não se cansarão nunca de estudál-a, estatica e dynamicamente, acompanhando-lhe os movimentos, os gestos, as attitudes, a ver onde principia e onde termina essa curva que o bom Deus, certo de caso pensado, levou ao infinito, modelando-a a geito de corda de pendurar os peccados do amor. Porque, na dependura dessa curva sinuosa, contornando abysmos rasgando valles perfumados ou resvalando sobre rosaes floridos, vivemos todos nós, os homens de boa vontade, desde que o mundo é mundo, a commetter todas as loucuras da acrobacia da sensualidade.

Agora mesmo, num desses certamens internacionaes que veem esmiuçando a belleza da mulher por dentro e por fóra, por onde haja a surpreza de uma curvasinha capaz de impressionar, ficou patenteado que as costas mais bellas da actualidade pertencem a uma linda italianita de Milão, *miss* Maria Galante.

O titulo conferido a essa competidora do original concurso de costas bonitas por um jury de *experts* no assumpto, constituido de artistas de nomeada, causou sensação nos circulos mundanos e *raffinés* da terra do Danubio Azul.

O enthusiasmo do jury verificador foi inexcedivel e a tal ponto que o chefe dos juizes, naturalmente excellente *entraineur de femmes*, esquecendo os melindres que iria despertar nas outras concorrentes e em todas as mulheres ciosas dos encantos das suas costas, assim se externou:

"*Ha trinta annos estou habituado a reproduzir em marmore e em bronze e gesso as costas mais symetricamente e mais artisticamente bellas, mas nunca, até hoje, me foi dado contemplar costas como as da senhorita Galante. Podem acreditar no que digo — são contornadas e proporcionadas da maneira mais excitante que se possa imaginar. São lisas onde o devem ser e as curvas acham-se precisamente "in the right places". Todos os meus collegas estão de accordo commigo, nesse ponto. Elles desejam modelal-as e preservar suas linhas como um criterio para os artistas do futuro. Costas como essas não se encontrarão mais, por muitos annos.*"

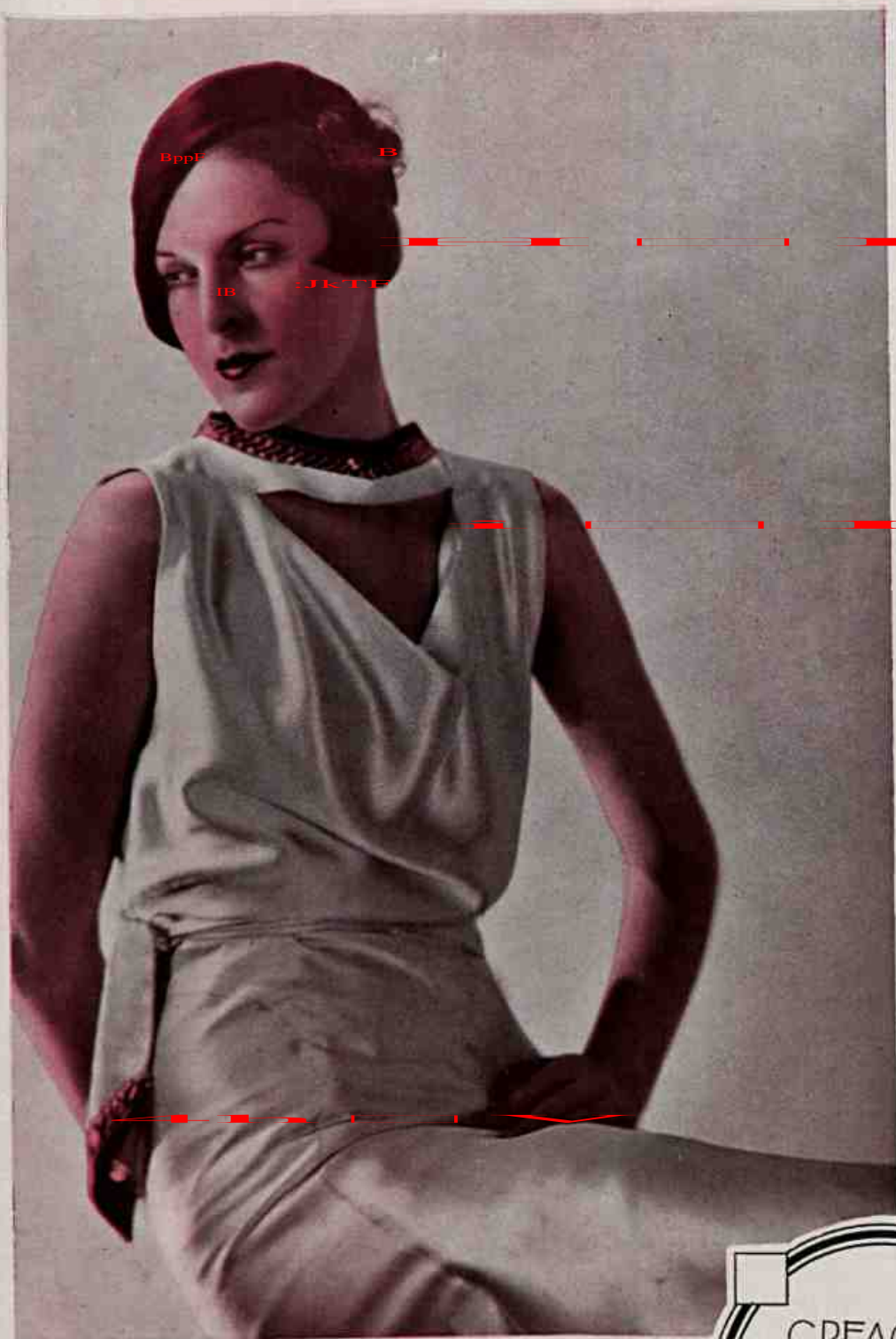
A dona das costas "mais perfeitas e excitantes" deste mundo conquistou, de facto, um premio de fazer inveja ás demais mulheres.

O que resta saber é onde irá parar a curiosidade dos homens no conhecimento *perfeito* da complicada linha curva feminina.

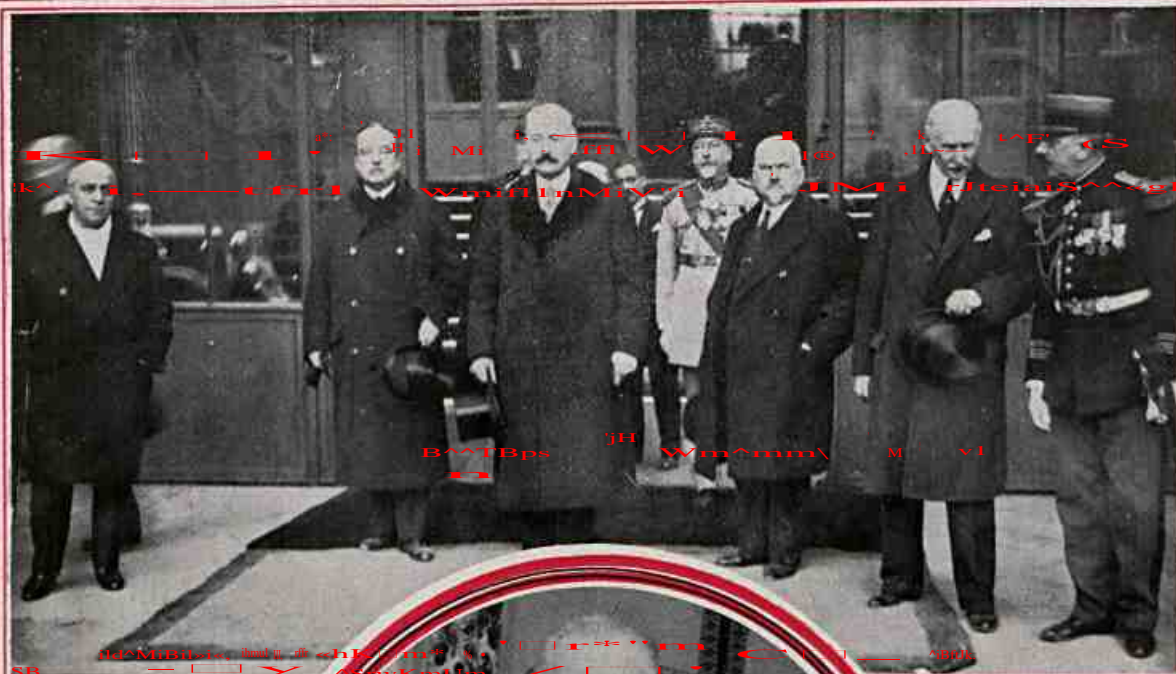
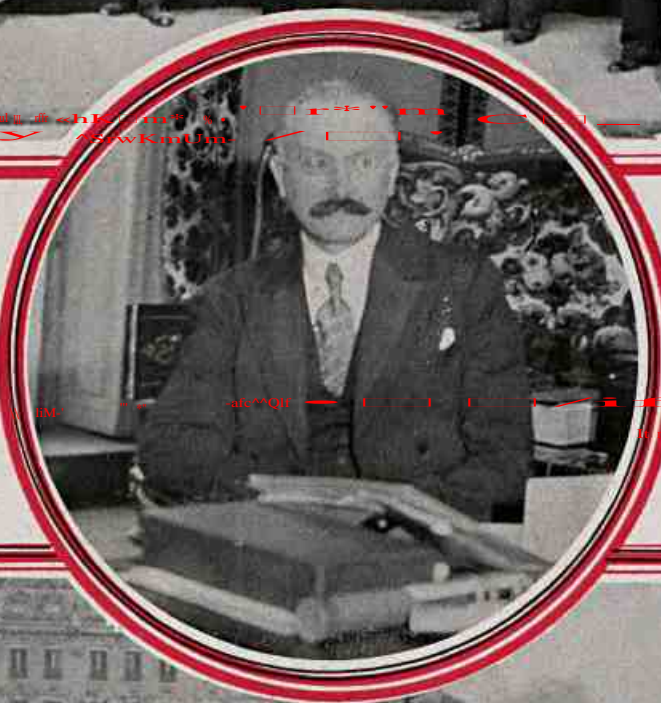
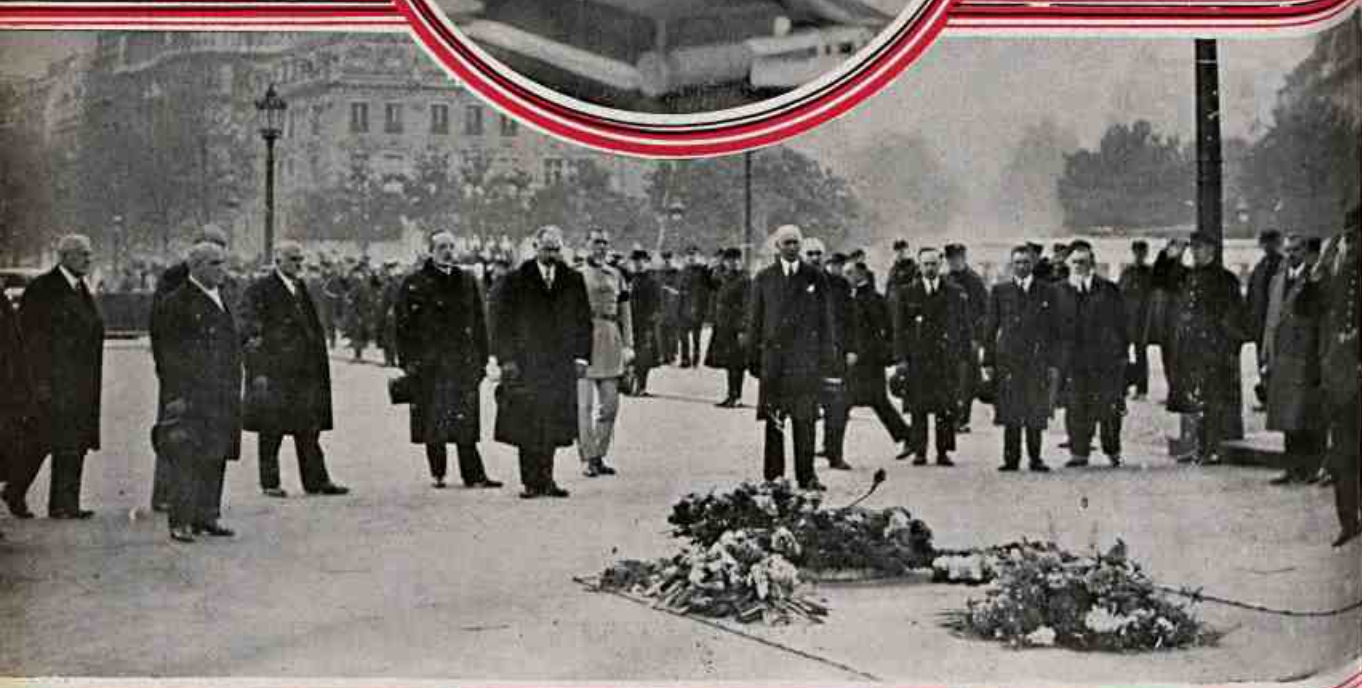
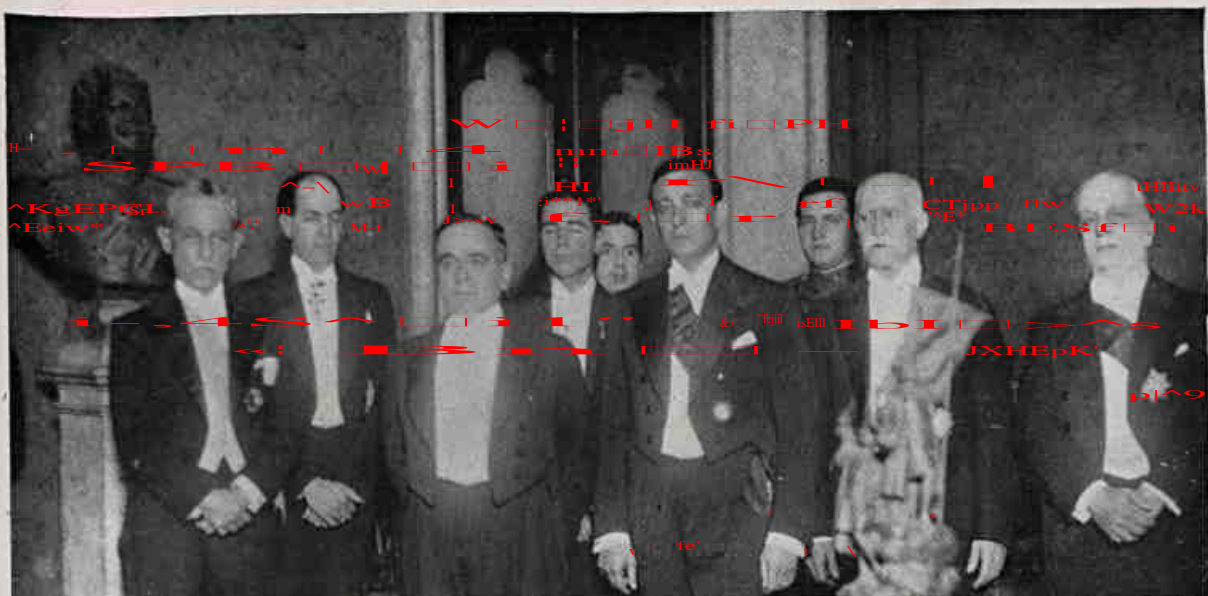
A principio, os chamados concursos de belleza realizavam-se apenas para conhecer qual a mulher de bocca ou de olhos mais bonitos. Depois para todo o corpo, visto, porem, através de um *maillot*. Agora vão descendo pelas costas e acabarão não se sabe onde...

Este seculo é bem o seculo de *La Femme Nue*, da mulher nuasinha em pello, tal qual Deus a poz no Paraiso, para supremo encanto e tentação dos nossos olhos, regalo da nossa sensualidade e delicia do peccado mortal do eterno amor...

ELCIAS LOPES

Blouse de satin rose posée sur jupe de velours marron. Broderie persane vieux tons de bleu, rose, vert et or.

Robe de satin impérial blanc [illegible] de cristal et or sur fond noir.
Toque de satin noir.

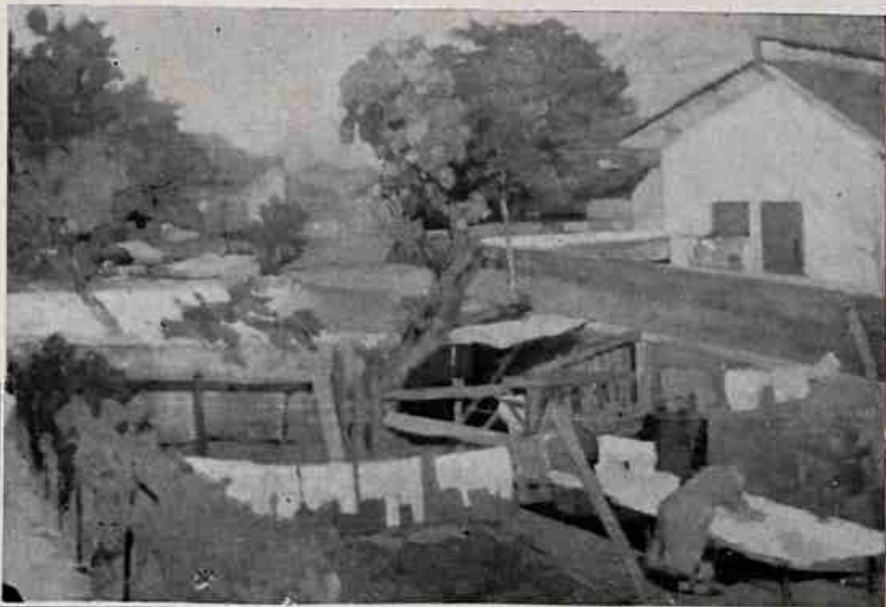
(Photos especiaes para FON-FON).

O NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

Albert Lebrun, o successor de Paul Doumer na presidencia da Republica Franceza, sahindo da Assembléa Nacional, reunida em Versalhes, acompanhado do chefe do governo, sr. André Tardieu, depois de sua eleição para aquelle alto cargo. S. ex. em seu gabinete de trabalho, numa «pose» especial para FON-FON. O ex-presidente do Senado num outro aspecto photographico, tomado junto ao tumulo do Soldado Desconhecido, sob o Arco do Triumpho, quando o sr. Lebrun alli se inclinava numa tocante homenagem á memoria do soldado francez.

O DIA DA RAÇA

No passado dia 10, a colonia portugueza do Brasil celebrou o dia da Raça, e, simultaneamente, o anniversario da morte do genial autor dos «Lusíadas». Esta pagina focaliza a sessão solemne realizada no Real Gabinete Portuguez de Leitura, vendo-se, ao alto, um grupo de autoridades brasileiras e portuguezas, entre as quaes o chefe do governo provisorio, o ministro das Relações Exteriores e o embaixador de Portugal. Em seguida, damos a mesa que presidiu á solennidade e tres dos seus oradores: o dr. Martinho Nobre de Mello, embaixador portuguez; o dr. Fernando de Magalhães, presidente da Academia de Letras e reitor da Universidade do Rio de Janeiro, e o dr. Augusto Prestes, industrial portuguez.

A tarde da «Obra do Berço», no Fluminense

Tarde linda, absolutamente elegante, foi a que se realizou, domingo ultimo, no Fluminense F. C., em beneficio do ambulatorio infantil da «Obra do Berço». Promoveu-a uma commissão de illustres damas da «élite» carioca. Essa festa constou de varios numeros verdadeiramente attrahentes, nos quaes tomaram parte elementos de destacado prestigio em nossa alta sociedade. Além da «hora de arte», que foi o «clou» do festival elegante, houve ainda uma fogueira de Santo Antonio, com todas as caracteristicas da tradição sertaneja, e outros attractivos. As nossas gravuras offerecem os mais expressivos aspectos da encantadora festa de caridade.

M. CONSTANTINO é uma das mais brilhantes expressões da pintura brasileira contemporânea. Seu nome tem um prestigio artístico que constitúe o melhor elogio dos seus pendores de poeta das côres. Por isso mesmo, deve ser grato aos seus admiradores o registo, que ora fazemos, de que o joven pintor patricio está magnificamente representado na exposição do Núcleo Bernardelli, onde sobresahem alguns dos ultimos quadros de M. Constantino, nosso antigo e prezado companheiro de trabalho.

«Quintaes» — quadro de M. Constantino.

Outro quadro de M. Constantino: «Retrato do pintor Edson Motta».

Com a presença da esposa do chefe do governo provisorio, exma. sra. Getulio Vargas, que se vê no grupo desta pagina, foi inaugurado no ultimo sabbado, na séde da Sociedade Sul Riograndense, o primeiro salão do Núcleo Bernardelli, onde vários artistas novos expõem os seus mais recentes trabalhos, numa vigorosa demonstração das possibilidades modernas da pintura brasileira. Além da

«Rua Antiga (Rio de Janeiro)» — quadro do pintor Edson Motta.

sra. Getulio Vargas, assistiram á cerimonia inaugural da exposição do Núcleo Bernardelli o professor Henrique Bernardelli, que é o patrono da iniciativa dos pintores novos, e outras figuras destacadas nas bellas-artes e na sociedade carioca. Os promotores do certamen organizaram diversas festas de arte para abrilhantar as tardes do Núcleo Bernardelli na Sociedade Sul Riograndense.

Rendas de espuma

A ARTE E O AMOR

GINA FLORA perguntou maliciosamente ao escriptor Marcos Fernando:

— E agora? Não escreve mais?

— Não!

— Nem um poema?

— Nem um poema.

— Nem romances?

— Nem romances.

E Marcos accentou:

— Para que?

Gina sentou-se ao lado do escriptor. Este alongou os olhos contemplativos para o mar.

Um breve silencio.

Gina Flora tentou um gracejo maldoso:

— Pois olhe, gostaria muito que fizesse um romance...

— De que?

— Desse seu caso amoroso.

Marcos, com apparente frieza, commentou, tamborilando os dedos no braço da poltrona:

— Toda obra de arte, "mademoiselle", é o reflexo vivo de um amor. E' este que a inflamma. Nasce na alma do seu autor e a ella se communica... Não ha obra de arte sem amor.

— Amor artistico? — vacillou Flora.

— Amor-amor... Amor-sentimento... Amor-paixão... Pygmalião, quando chorou, apaixonado, louco, cégo pela sua propria obra, o seu marmore divino, a sua Galathéa, é porque esta era o symbolo do seu amor, senão o seu amor, feito pedra.

Gina Flora sorriu:

— Mas isso é na fabula. Na vida real...

— A fabula é a vida real, dentro da ficção. E a ficção, que é, senão a copia da vida real?

Mlle. Ritinha Assis Moura, que é uma figura de destaque da nossa sociedade, realizou, com successo, no dia 9 do corrente, um recital de declamação, no Instituto Nacional de Musica.

Mlle. Alzira Ribeiro, laureada pelo Instituto Nacional de Musica, e que, no dia 9 do corrente, realizou, no salão nobre do mesmo Instituto, o seu primeiro recital de canto.

— Entretanto — observa Flora — Oscar Wilde dizia: "E' na Arte que mais exalto a mentira". E não o amor... Percebe?

— Os inglezes são glaciaes. E Oscar Wilde era, antes de tudo, um cerebral. Não amava.

— Que pena! — exclamou Flora, docemente. E o senhor? E' um piégas? Um sentimental? Faltando-lhe o amor, não escreve?

— Sim! Sustento o argumento de que não somos nós, realmente, os creadores das nossas obras.

— E quem as créa?

— O nosso amor... A mulher a quem amamos... A nossa inspiradora...

— O autor é, então, um simples collaborador na sua obra?

— Sim. E si elle não souber reproduzir as bellezas que as mãos do seu amor construiu, será um collaborador mediocre, vulgar, e destinado ao fracasso.

Gina Flora arregalou os olhos de boneca e contrahiu os labios para exclamar, com espanto:

— Oh!

Marcos Fernando aproveitou esse estado pathetico da garóta, e disse, com amargura, numa voz lenta, rouca, dolorosa, pesada de ironia e de lagrimas:

— Pouco a pouco, vou perdendo a minha inspiradora, a vida da minha arte, a minha camarada de sonho e creadora de bellezas excelsas.

Gina Flora tentou esta perfidia irritante:

— Confessa que foi um mau collaborador da pequena?

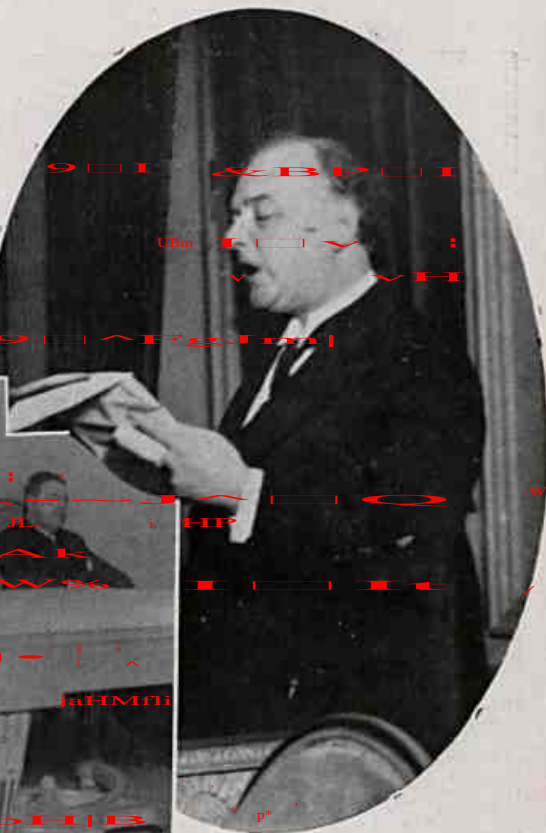
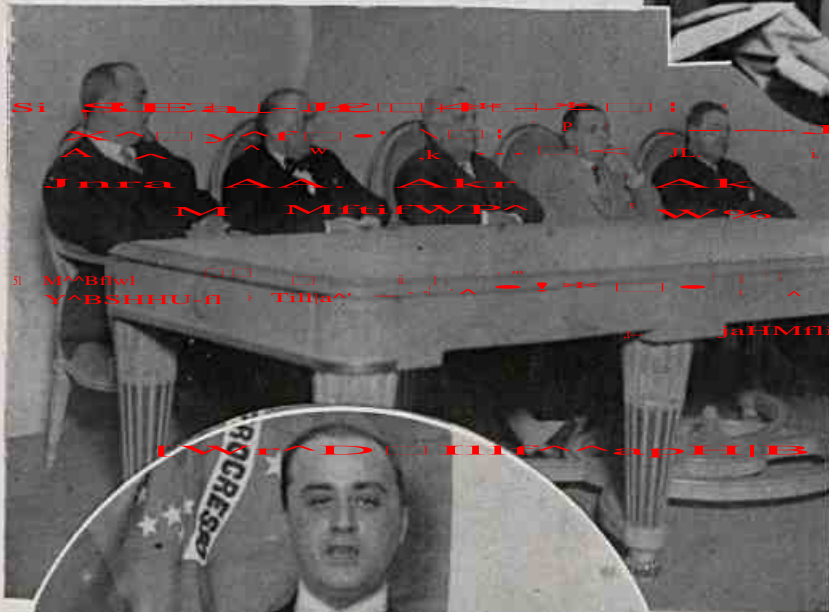
Marcos demorou na resposta. A creada veiu entrando com o chá. Elle gemeu depois de um segundo, num sorriso forçado: — Talvez.

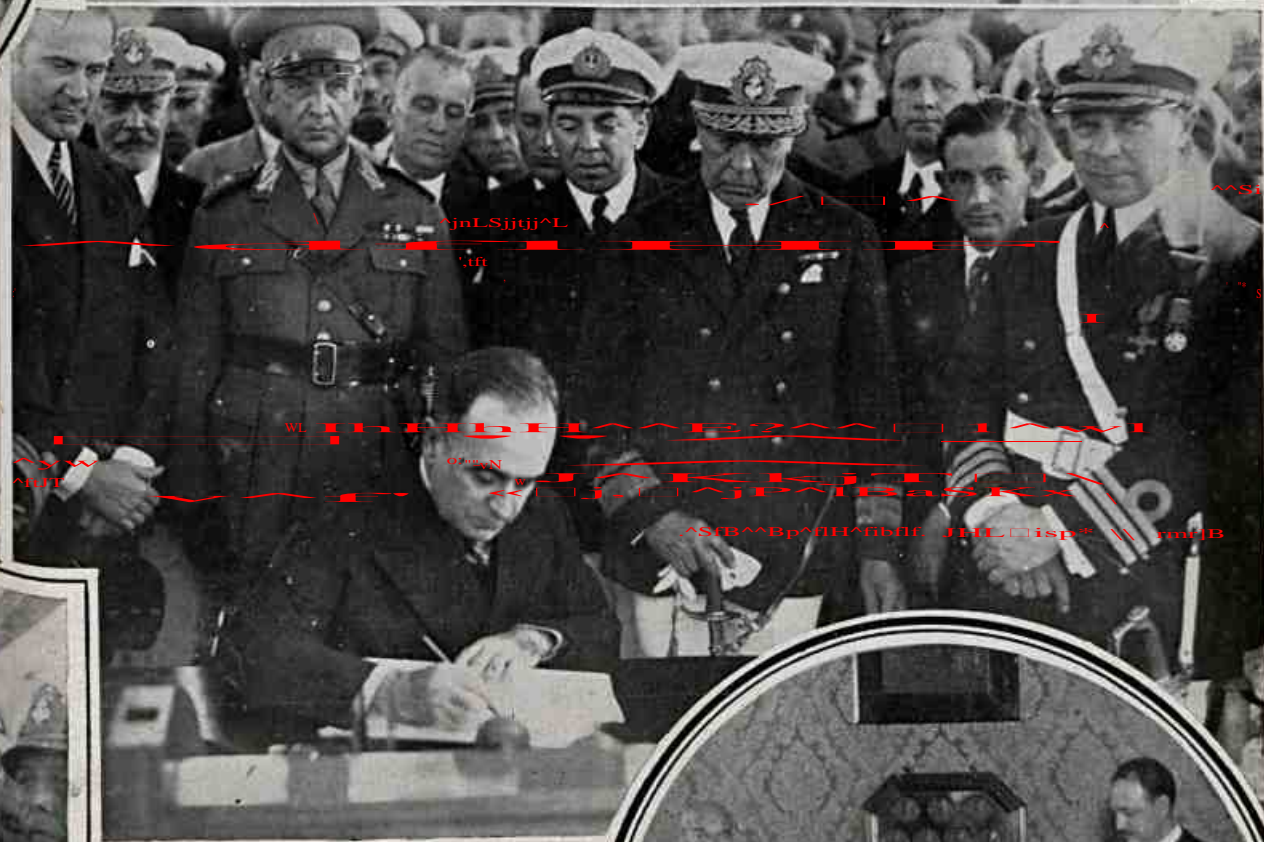
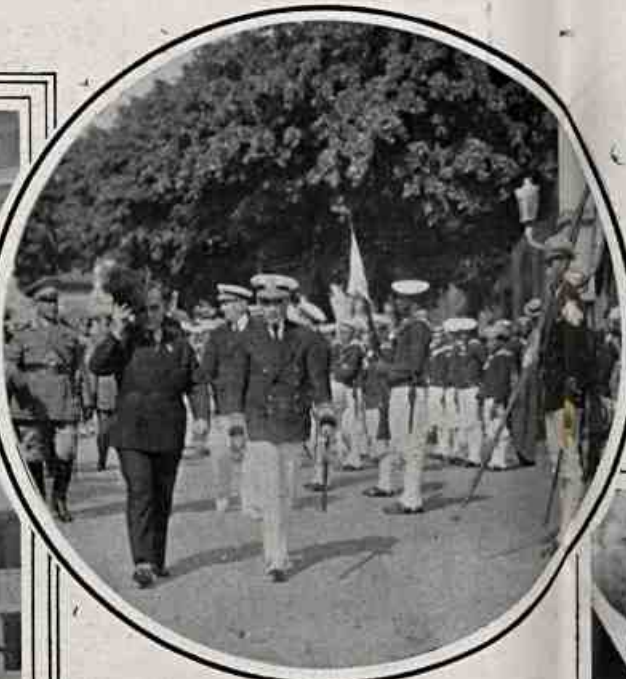
E a seguir:

— Disse um escriptor francez que o amor deve acabar com a morte ou com uma catastrophe. Quando morre de inanição e fadiga, a sua morte é mais triste porque ha nella um mundo de ironias...

Gina Flora baixou os olhos, pensativa.

Yves

A Academia Brasileira de Letras commemorou o cincoentenario da morte de Giuseppe Garibaldi com uma sessão publica, realizada quinta-feira penultima, e na qual falaram Gustavo Barroso e Alcides Maya evocando aspectos da vida do grande soldado da Italia. São detalhes dessa cerimonia o que fixam as nossas photographias, vendo-se a mesa da presidencia, com o embaixador da Italia, sr. Vittorio Cerruti e os academicos Fernando Magalhães, Gustavo Barroso, Adelmar Tavares e Luiz Carlos, e o sr. Alcides Maya proferindo o seu discurso.

O Gremio Literario Rio Branco, do Collegio Brasil, promoveu, na noite de 11 do corrente, na séde daquelle instituto de ensino, em Nictheroy, uma brilhante solennidade commemorativa da batalha naval de Riachuelo, em cujo programma figurava, entre outros números expressivos, uma conferencia do dr. Gustavo Barroso, redactor-chefe de FON-FON, sobre a grande data da Marinha Brasileira. No medalhão, apparece o illustre autor de «Aquém da Atlantida» quando lia a sua interessante palestra, e um aspecto da bella festa litero-mundana.

O DIA DA MARINHA

As commemorações da data 11 de junho tiveram este anno uma outra solennidade a engrandecêl-a, e que deve encher de jubilo o coração do povo brasileiro: a assignatura do decreto sobre a renovação da esquadra, que se realizou na Ilha das Cobras. Pela manhã, houve uma visita de officiaes da Marinha e do Exercito á estatua de Barroso. Os garbosos militares detiveram-se deante do bronze do herõe da Batalha do Riachuelo, e depositaram flôres ao pé da estatua. Mais tarde, o chefe do governo provisorio e todas as altas autoridades do paiz, inclusive o corpo diplomatico, se transportaram para a ilha onde está installado o Batalhão Naval, para a cerimonia da assignatura do decreto. A nossa pagina offerece varios aspectos das cerimonias realizadas nesta capital, na manhã de 11 de junho.

Carlos Rubens publicou este mez «O que as mulheres não contam...», um livro encantador de pequenas historias da vida, suaves, nervosas e melancolicas. Um livro de psychologia feminina, que o festejado autor de «Ramo de Acacia» escreveu pensando, talvez, em todas mulheres que não confessam as suas amarguras e os seus anseios, mas em cujo silencio desolado o artista póde descobrir um pouco da angustia do soffrimento. Carlos Rubens é um pintor de almas. Um creador de symbolos. Um revelador de tragedias intimas. Sua arte, em «O que as mulheres não contam...», que apparece em linda edição de A. Coelho Branco F.º, é, pois, uma arte de nuances delicadas e de traços macios como o coração das mulheres...

Alto-Falante

FOGOS DE ARTIFICIO

TENHO os olhos volvidos para a poeira de saudade do meu passado. Os olhos e a alma e mais o coração...

Meu Santo Antonio e meu São João de quando eu era pequenino e sabia rir, alegre, gostosamente, deslumbrado e feliz! Quanta vez, quanta, o meu risinho de chrystal que se fez pedaços, de agua fresca a cantar nas grotas do meu sertão florido, não estalou festivo, em vossa honra, entre as bombas, "cabeça de negro", e os foguetes de assobio, e os buscapés vadios, e os balões multicores que se soltavam em vosso louvor!

No pateo da "casa grande", circumdado pelo matapasto verdejante, crepitava a enorme fogueira de rolos amontoados de pau branco e sabiá.

Queimavam-se, então, á lareira votiva, pistolas de varios "tiros", morteiros coloridos, "rodinhas" rodopiantes, "estrellinhas" — tudo o que a pyrotechnica humana inventou para festejar os dias consagrados á vossa eterna gloria.

Ao longe, bimbalhavam festivos os sinos da igrejinha rustica a cuja frente se enfileirava um sem numero de barraquinhas. Ao centro, o espaço para o "leilão", organizado pelo vigario, e a que logo daria inicio o preto Simeão, a apregoar, entre pilherias rudes, um copo de cerveja em honra do coronel Fulgencio, um bolo offerecido por dona Belarmina, um garrote, um carneiro, uma almofada...

Meu glorioso Santo Antonio, tão querido pela gente simples e bôa do meu Ceará, e tu, tambem, meu S. João — protector dos fogueteiros — como vos reverencia, neste momento, minha alma pequenina de creança, quasi a chorar de saudade nos braços da outra alma, desta alma de quarenta annos, que me fez triste, que me fez sceptico, que me fez desilludido e infeliz!

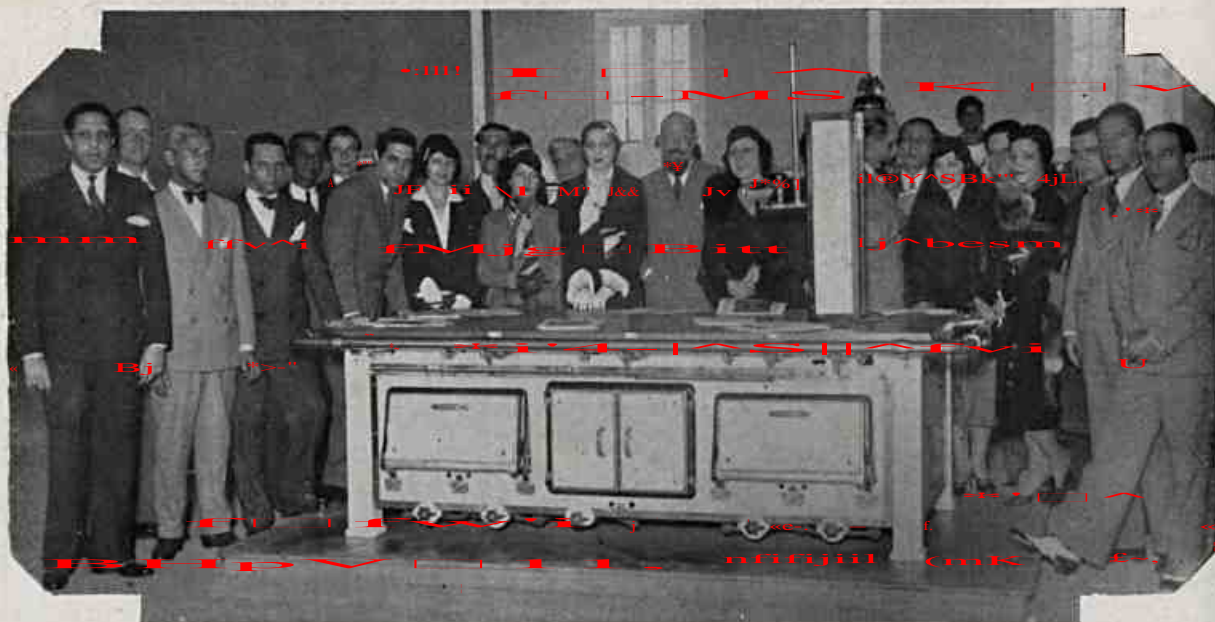
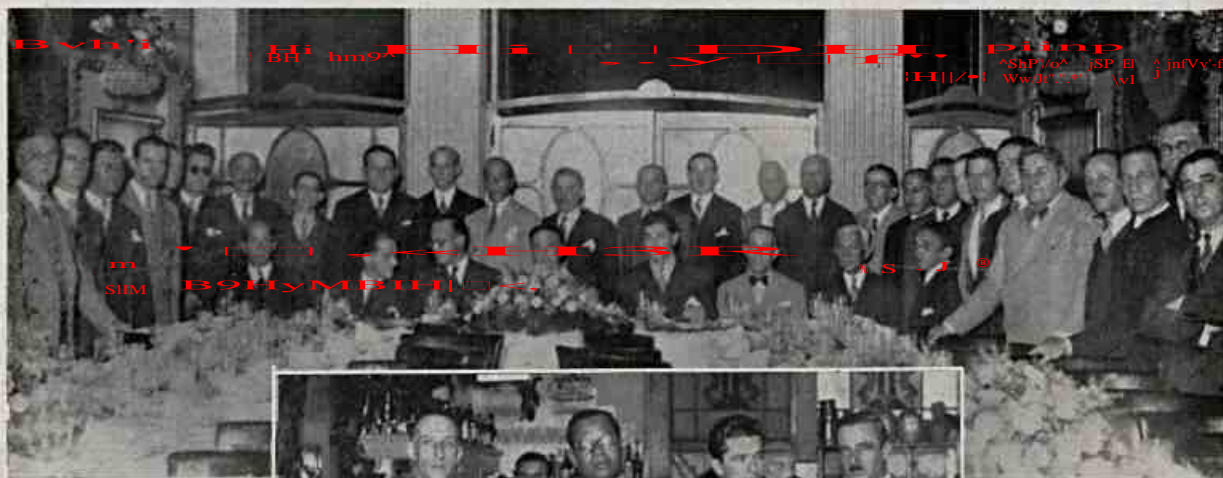
Dentro de mim, arde, ainda, porem, em vosso louvor, o fogo lento, quieto, das recordações que venho queimando na pyra votiva da minha saudade...

MAX LINDER

Noemi Pitanga, brilhante espirito feminino do Brasil actual, apresenta, em caprichosa edição illustrada por J. Carlos e Luiz Sá, o seu livro de estréa — «Quem canta...», em cujas paginas de suave intimismo e de doce exaltação sentimental se revela a mesma artista subtil que já conhecemos nos seus lindos contos publicados em FON-FON.

André Carrazzoni não é, apenas, um grande nome do jornalismo e das letras do sul: é um nome nacional, pois os seus artigos, as suas chronicas, as suas entrevistas (muitas das quaes terão que reunir-se aos documentos da historia da Revolução, pelo que de palpitante e documental encerram), o tornaram invejavelmente conhecido e admirado em todo o paiz. Seu livro «Depoimentos», que o editor Schmidt acaba de distribuir, destina-se a êxito retumbante, já pelo sensacionalismo das entrevistas nelle enfeixadas, já pelo primôr da fórma e graça da narrativa que distinguem os trabalhos desse esplendido escriptor que preferiu á serenidade da prosa romanceada ou fantasista o calor da prosa jornalistica, derramada, a mãos cheias, nas columnas prestigiosas do «Correio do Povo», de que é director. O livro de André Carrazzoni vae projectar-lhe, de maneira mais ampla, a personalidade e o nome no grande publico brasileiro, que sabe fazer justiça aos que o servem com intelligencia e dignidade — como é, precisamente, o seu caso.

Foi um acontecimento que ficará, de certo, assignalado nos annaes da imprensa brasileira, a inauguração do «stand» da «Empresa Lux», no recinto da Feira de Amostras. A esse acto compareceram as figuras mais expressivas dos jornaes e revistas cariocas, além dos directores da «Empresa Lux», nossos confrades Mario Domingues e Vicente Lima, que tiveram a útil e original idéa. No referido «stand» se encontra em exposição grande numero de photographias de jornalistas cariocas, o que representa uma delicada homenagem de Nicolas aos que mourejam na imprensa. A directoria da Feira de Amostras offereceu, após essa cerimonia, um lauto almoço aos representantes de jornaes, por motivo da inauguração do certamen. O nosso «clichê» fixa aspectos das duas festas da imprensa.

Um grupo de galantes figurinhas da nossa sociedade que deram uma nota de belleza e de graça á festa intima de 11 de Junho, na residencia do sr. Maurício Pedrosa Joppert, que se vê ao centro, orgulhoso da florida companhia...

A imprensa carioca foi, quinta-feira penultima, expressivamente homenageada pela Companhia do Gaz, que offereceu a um grupo de jornalistas, no seu «stand» da Feira de Amostras, um «almoço electrico», preparado em dez minutos nos fogões alli expostos, como um desafio á cozinha antiga... O «stand» da Companhia do Gaz está magnificamente installado, offerecendo todo um aspecto de cozinha de luxo, onde a industria moderna dos fogões se acha muito bem representada. Os nossos confrades que alli compareceram, attendendo a um convite amavel de Annibal Bomfim, sub-chefe da Publicidade da Light e tambem jornalista brilhante, comeram do bom e do melhor, como se póde ver pelo semblante alegre que apresentam neste grupo... culinario, tomado depois dos bifes, dos doces e dos vinhos nacionaes que lhes offereceu a Companhia do Gaz.

Em cima, um aspecto do «Jantar da amizade», promovido pelos collegas e amigos do sr. Austriquiniano do Amaral Mourão dos Santos, em regosijo pela sua promoção ao cargo de chefe dos Serviços Economicos da Directoria Regional do Departamento de Correios e Telegraphos, nesta capital.

Em baixo, o dr. Fernando Brandão, que responde pelo expediente do Ministerio da Viação, na ausencia do dr. José Americo, cercado pelos seus companheiros de gabinete, que o homenagearam, com um almoço, no qual tomaram parte os drs. Jayme Tavora, Plinio de Lemos, Moacyr Silva, Eugenio de Lucena, Vicente Lima, Cesar Grillo e Luciano Koeller.

COCAINA

As leis são uma especie de camisa de *força*, para uso dos homens organizados em sociedade.

•

O circo é um parlamento em miniatura... Com uma differença: os do picadeiro são os que se divertem á custa da galeria.

MARIO POPPE

No torneio «initium» de «Volley-Ball», realizado na ultima semana, no Tijuca Tennis Club, sahiu vencedor o «team» «vermelho», que, juntamente com os «teams» «branco» e «azul», figura na photographia de cima, acompanhados todos dos seus padrinhos. Em baixo, os «teams» «verde» e «côr de rosa», tendo ao lado os respectivos paranymphos, posando para o FON-FON, antes de principiar o torneio.

No plebiscito levado a effeito pelos nossos distinctos confrades do «Jornal dos Sports» e do «Diario de Noticias», para a escolha da «rainha» da Embaixada Brasileira a Los Angeles, sahiu vencedora madame Yvonne Padilha. As nossas gravuras apresentam o jury que presidiu á apuração final do pleito e a sua vencedora, tendo ao lado a senhorita Lydia Von Ihering, que tambem comparecerá ás Olympiadas, e foi eleita pelo C. R. Flamengo.

TRELAÇÕES

Ilza e Isis, filhinhos do dr. Raymundo Rangel e de d. Medina de Castro Rangel.

O rapaz chegou da provincia animado das melhores intenções para *arranchar* definitivamente no Rio.

Aqui, cavou um empreguinho que vae dando para comer; mas pretende collocar-se muito melhor, si o azar não se metter no negocio. A viuvinha que tanto lamentava, não podendo se conformar com a perda do marido, tende a mudar de idéa desde que o rapaz vem apertando o cerco. Elle parece disposto a um gesto de bravura, conquistando a mão da bella viuvinha. Muito mais interessante, entretanto, é a fortuna que dizem ella possuir. O rapaz está, para todos os effeitos, *loucamente apaixonado*, mas, cauteloso em estabilizar o seu futuro, procura saber, primeiro, si a renda da viuvinha offerece realmente garantia.

Desde que chegue a conclusão satisfatoria na pesquiza, o negocio será fechado. O *outro*, uma vez substituido, não mais terá as lagrimas saudosas da viuvinha. E tudo acabará bem, como nos *vaudevilles*...

O sympathico funccionario publico não queria se conformar com o *bolo* que levou da moreninha, a elegante moradora da rua onde tambem vive. Tinha pela pequena uma viva attracção, e alimentava o sonho de um casamento de amor, sem interesse. A moreninha sentiu que o rapaz lhe dispensava grande attenção, e as coisas enca-

A pequena Wildes, filhinha do sr. Abel Alves e de d. Esther Alves.

minhavam-se naturalmente para o noivado, porque em casa não havia mysterio a respeito.

Acontece, porem, que um dia appareceu uma fardinha para tirar o socego do rapaz...

A moreninha viu no militar um *negocio* mais vantajoso e poz de lado o funccionario publico.

Ella não teve siquer a elegancia de apparentar a razão do afastamento, declarando ao outro que precisava olhar para o seu futuro. A decepção foi cruel, mas o funccionario aguentou firme...

O militar, quando sentiu que a moreninha tratava de casamento, disfarçou, deu meia volta e bateu em retirada acelerada... Desta feita, foi a moreninha quem soffreu bastante, e, para curar-se da dôr, procurou reviver o passado, lançando novamente ao vizinho olhares chammejantes de desejos. O sympathico funccionario publico comprehendeu toda a situação, mas não quiz attender aos rogos da menina amada. Sorriu e passou... Agora é elle quem diz, animado de doce philosophia: não ha nada como um dia depois do outro...

PARECE que se trata de uma nova moda elegante... Está encarregada de lançal-a certa dama que tem sido vista, nestes ultimos dias, na praia de Copacabana.

Até ha pouco, algumas creaturas appareciam nas nossas praias

Jorge, interessante filhinho do sr. Amaro da Cruz Mello e de d. Maria Pereira de Mello.

acompanhadas de cachorrinhos de raça. Mas a policia implicou com a mania das damas elegantes.

O resultado foi o mais agradavel possivel para a integridade das pernas dos banhistas. Os cães de estimação foram prohibidos do seu banho de de mar. Muito bem. Mas, as mulheres em artimanhas, vencem o proprio diabo. Si a policia prendeu os cães em casa, era necessario inventar uma nova moda para interessar os homens pelos *maillots* que as damas exhibem á hora do banho...

Então, foi o cão substituido pelo *mico* ou *sagui*, ao que parece. Pelo menos, a elegante dama lançou a moda, que possivelmente vae ser adoptada breve em todas as praias.

Realmente, é de muito effeito, *pôdre de chic*, como diria o Eça. A dama elegante, quando apparece na praia, não dispensa a companhia de um esperto *sagui*, preso a uma corrente, que tem provocado viva curiosidade entre o elemento masculino. Na opinião dos jovens banhistas, vae pegar a moda. Quem não tem cão diverte-se com mico, que, na opinião das mulheres, deve ser um animal muito mais interessante do que o homem... Está certo, pois podia ser infinitamente peor.

Nós apenas fazemos sinceros votos para que as damas elegantes não transformem as praias em *jardins zoologicos*...

Jocelyn, filhinho do sr. Luiz Magalhães Villalba Alvim e de d. Marietta Ferreira Alvim. E' um garoto intelligente, que, antes de attingir os dez annos, já se auspicia um futuro pianista.

AQUELLE QUE NÃO VEIU...

Para Conchita Cid

Tanto tempo eu te esperei... No olhar o brilho intenso de uma esperança que eu imaginava vir para mim, dos teus olhos ausentes; nos labios, um sorriso, revelando a alegria que essa mesma esperança me emprestava, como um prenuncio de felicidade.

Tanto tempo eu te esperei. Com as mãos cheias de caricias, com a voz velada de ternura para dizer-te o que nunca disséra a ninguem...

E eram tão longos e tão ardentes os beijos que a minha volupia ia armazenando para regalo dos teus labios, sedentos de emoção, ansiosos por essa dadiva que o meu temperamento generoso guardava para glorificar a tua vinda...

E eram tantos os sonhos, que a fantasia creára, sob a inspiração da saudade; eram tantos os versos que só tu havias de ler, quando a distancia entre nós se tornasse uma utopia inacreditavel...

Tanto tempo eu te esperei...

Tecendo a minha teia de illusão, que me levaria a ti, sobre mares revoltos, sobre rochedos escarpados, acima de todas as baixezas e angustias humanas para a gloria de ser tua.

E passaram-se os dias. E passaram-se os mezes. E os annos tambem foram passando. Eu te esperava ainda, sem ver, na esperança verde do meu olhar, a sombra violeta das tardes outomnaes e das desillusões soffridas. Sem perceber a pequenina nota amarga na escala rútila do meu sorriso.

Sem sentir que as minhas mãos cançadas de se estenderem para a distancia deserta iam perdendo aquelle dom divino de afagar e se tornavam tristes e inuteis como as mãos das bonecas de cêra e das imagens immoveis nas cathedraes sombrias...

E a minha bocca, que o teu beijo jamais glorificou, começou a sentir a indifferença da vida, vazia de amor e de peccado. Mas eu nunca indaguei porque não vieste. Porque não virás jamais.

Esperar-te fôra o meu destino, a razão unica da minha vida.

Rezando no meu rosario de lagrimas o terço da saudade, onde cada conta é uma letra do teu nome, eu cultivo esse affecto que a distancia conservou aureolado de pureza e de poesia.

Esse amor que é enlevo e é tortura, que a saudade nunca transformou num habito banal e pelo qual o tempo passou, sem deixar o vestigio de sua faina, sempre destruidora.

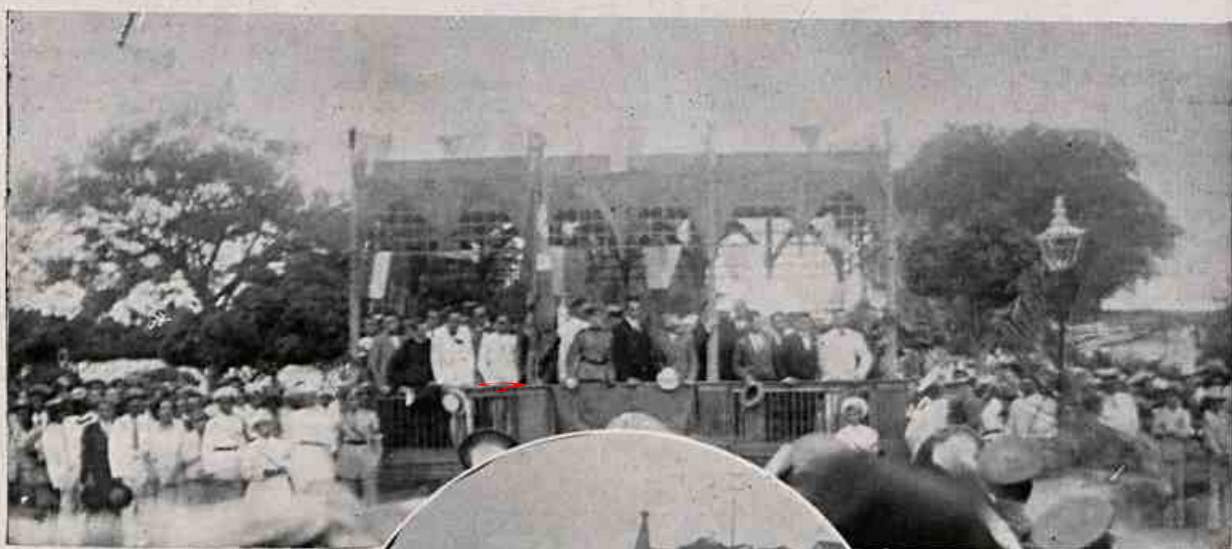
Tu não vieste. Tu não virás nunca mais. Mas, em vez de perguntar, porque ficaste longe, do outro lado do meu caminho eu bemdigo essa ausencia, que afastou de mim a amargura de ser importuna e a dor de me sentir preterida.

Sim. Bemdigo a tua ausencia, que me trouxe, um dia, a grande, a inenarravel felicidade de esperar por alguem e de me sentir perto do teu coração, mesmo longe dos teus olhos...

COLOMBINA

Enlace da senhorita Maria Santos Kilzer com o sr. Oswaldo Marques Rocha, realizado ha dias, nesta capital, onde residem os noivos

Em homenagem ao S. C. Germania, o «Grupo dos Doze», filiado ao Carioca F. C., realizou um baile em sua séde social, onde foi tomado o presente grupo.

Um grupo de amigos e admiradores do professor Irineu Malegueta, livre docente de clinica medica da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, aproveitando a passagem do anniversario natalicio desse illustre scientista, fizeram celebrar na igreja de São José, a 3 do corrente, uma missa em acção de graças, a que compareceu elevado numero de pessôas das relações do homenageado, que se vê ao centro do grupo, ladeado por sua exma. familia.

«FON - FON» NO CEARA'

A Legião Cearense do Trabalho constitúe uma poderosa aggremiação do proletariado cearense, contando presentemente cerca de 18.000 legionarios. Força ordeira e disciplinada, organizada e chefiada pelo 1.º tenente do Exercito Severino Sombra, ella desfilou, a 1.º de maio ultimo, pelas ruas da capital do Ceará, entre alas formadas pelas crianças das escolas, que batiam palmas e applaudiam os modestos obreiros de sua terra. São desse memoravel desfile os aspectos que aqui reproduzimos. Em cima, o chefe da Legião Cearense do Trabalho e autoridades federaes e estaduaes e legionarios no corêto armado na praça José de Alencar, de onde assistiram ao desfile das forças legionarias. No medalhão, o tenente Severino Sombra, acompanhado das demais autoridades legionarias, passando em revista as associações dispostas ao longo do boulevard Duque de Caxias, em Fortaleza.

FON-FON no cinema

NÃO MATARÁS!

(The Man I Killed)

DA PARAMOUNT

Principaes interpretes:

Dr. Holderlin.... Lionel Barrymore
Elza.............. Nancy Carroll
Paul............. Phillips Holmes
Snra. Holderlin. Louise Carter

Não tinha forças para lhe confessar a verdade.

NAQUELLE dia commemorava-se, na cathedral, a celebração do Armisticio que puzéra fim á grande guerra, encarniçada porfia em que se sacrificaram milhões de homens. Terminada a cerimonia, descobre o sacerdote um rapaz que lá ficára, reclinado num dos bancos, entregue a profunda perturbação mental. E, ao acercar-se delle, prorompe o joven:

— Soccórra-me, padre! Aquelles olhos estão sempre cravados em mim! Accusam-me de noite e de dia... Não posso livrar-me delles!

— Que dizes, filho? — pergunta-lhe, bondosamente, o padre.

— Eu matei um homem, padre. Assassinei-o! Sim, matei-o sem saber por que e para quê! Eu não nasci para matar, padre... Era feliz... Dedicava a minha vida á musica, como violinista, numa orchestra... Depois, veiu a guerra... Obrigaram-me a seguir para o campo da luta... obrigaram-me a matar...

Era o filho que resurgia naquelle moço amigo.

De novo, o pobre pae sentia a felicidade.

E eu queria viver para a minha arte e trazer belleza ao mundo... e trouxe o crime. Fiz-me assassino!

— Acalma-te, meu filho! Não commetteste crime nenhum; apenas cumpriste o teu dever de patriota...

— Dever?! O meu dever? Dever de matar!? E' este o consolo que encontro na casa de Deus? Vim aqui em busca de paz e vós m'a negaes?! exclama Paul, no auge do desespero, emquanto o sacerdote procura socegál-o.

— Padre, eu sei que o homem que matei não tinha ido para a guerra para matar. Elle era musico, como eu... Encontrei na sua trincheira trechos de musica e li algumas cartas que retirei do seu corpo ainda quente, varado pela minha bayoneta... Recordo-me do seu nome — Walter Holderlin; sei do nome da cidade allemã onde morava... Eu sou francez, mas não tenho odio aos allemães... E si eu fôsse falar á sua familia, pedir perdão á mãe delle, conseguiria o perdão?

— Vae, filho. Elles te perdoarão e Deus guiar-te-á os passos...

Paul chega á cidadezinha allemã onde mora a familia Holderlin. O seu primeiro intento é ir ao cemiterio local visitar o tumulo de Walter. E na sua obsessão lá vae ter, cobrindo de flores a sepultura da sua victima. Elza a ex-noiva de Walter, que vive com a familia como filha, observa o estrangeiro, na sua visita ao cemiterio, e mais admirada fica quando um empregado lhe diz que, tendo falado ao rapaz, soube que era francez.

Ao chegar em casa, Elza dá a noticia ao dr. Holderlin, mas, ao entrar no seu consultorio, lá está o desconhecido.

— Era elle, — diz Elza, apontando o rapaz, — que estava no cemiterio pondo flores no tumulo de Walter...

— Quê! Um francez, um desconhecido pondo flôres na sepultura de meu filho? De onde o conhecia você?, — pergunta o velho medico a Paul. Ah, conhecia-o de Paris, onde Walter esteve a estudar... Eram amigos, hein?

E, chamando a mulher, faz com que Paul entre para a sala de jantar, para que lhes diga alguma coisa do filho morto.. para que lhes conte incidentes da vida estudantina de Paris, quando, como amigos, intimamente se trataram...

Mas Paul, confundido com tudo aquillo, mal póde gaguejar algumas evasivas e juntar ao sorriso de estupefacção algumas phrases soltas. Sim, fôra amigo de Walter... Conhecêra-o em Paris, antes da guerra...

Paul fica em casa da familia. Para os dois velhinhos, cuja grande mágoa estava na lembrança do filho, seu unico e devotado amor, para elles, sim, Paul é como um segundo Walter... Fôra seu amigo em Paris, con-

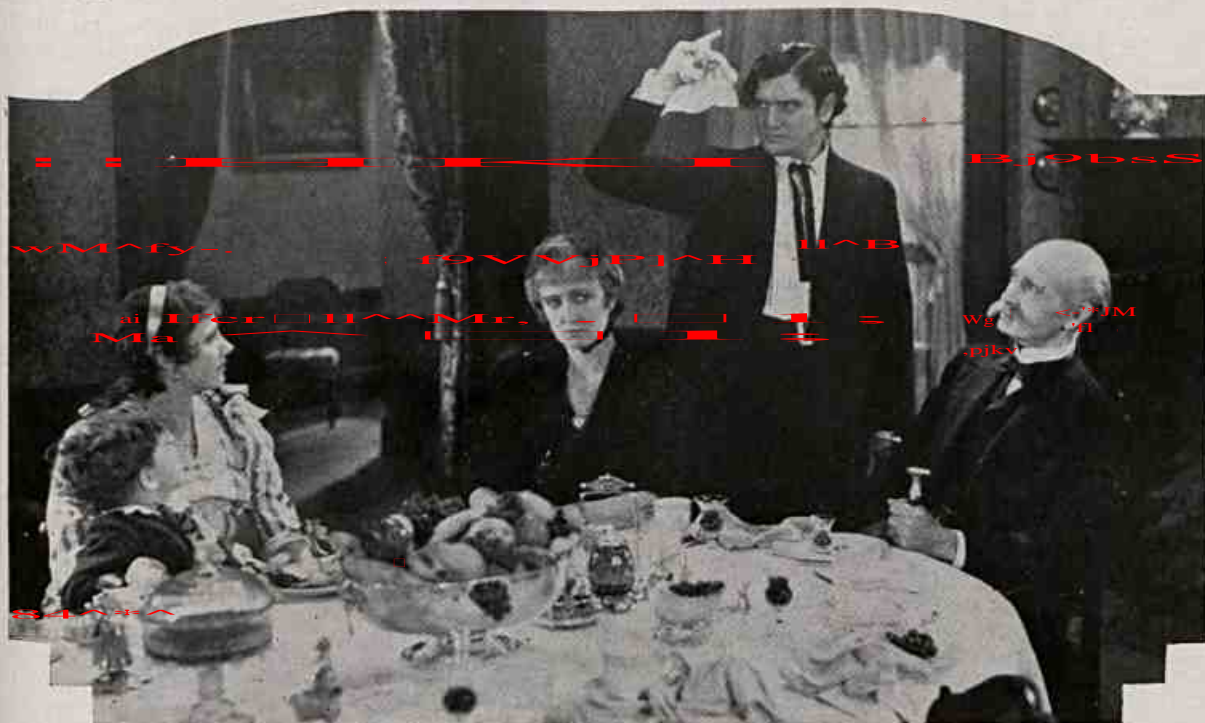
(Conclue na pag. 52)

O desespero daquelle coração amoroso era enorme.

Havia de vencer

CIMARRON

Interpretes: Richard Dix, Irene Dunne, Estelle Taylor, William Collier Jr.

Direcção de Wesley Ruggles — Producção da Radio Pictures — Distribuição Matarazzo

ABRIL de 1889. De milhares de gargantas brota um alarido ensurdecedor ao som da descarga official. Surgem as massas, a cavallo a maior parte, em fervente avalanche para chegar primeiro ao fim da região de Cimarrão (Oklahoma), onde se estendem innumeros kilometros quadrados de terras, das quaes, automaticamente, se fazem donos.

A pé, a cavallo, em vehiculos de quatro rodas, de duas rodas, de todas as classes, de todas as variedades e tamanhos, segundo o uso daquelles tempos. Até individuos montados em bicyeletas de uma enorme roda deanteira e uma pequenina trazeira fazem esforços inauditos para manter-se na contenda. Uma nova humanidade corre em ondas panoramicas sobre a planura, tal como si os seus componentes de ambos os sexos se estendessem sobre uma immensa alfombra de matizes kaleidoscopicos, mas avançando, avançando sempre... Lá vão elles! Alguns cahem e perdem a sua montada. Outros abandonam a carreira, fatigados... Mil e um incidentes tornam clara a tenacidade desses colonizadores do seculo dezenove para chegar ao terreno que ambicionam. Tal deve ter sido o ferreo espirito do immortal Colombo na memoravel travessia, nas tres caravelas. Um dos elementos que faziam parte da agitada multidão — um joven sadio, de rosto varonil, habilitado para aquelle momento — ia em vertiginoso galope, quando ouviu um grito e viu uma mulher cahir do cavallo. Apressando-se em soccorrêl-a, desmontou e com prazer verificou que ella estava sã e salva, embora seu cavallo ficasse bastante ferido. Essa mulher, Dixie Lee (Estelle Taylor), ao notar que o seu cavallo estava inutilizado e que tal desastre lhe tirava o terreno que tanto ambicionava para os seus planos messalinescos, toma rapidamente o do elegante Yancey Cravat (Richard Dix) e sahe em disparada, deixando Yancey com a sua immensa surpresa. O primeiro impulso foi lançar mão do seu fiel revolver, mas não... Era uma mulher...

Sentiam-se felizes no seu amôr puro.

Bandeirolas de todos os feitios enfeitavam as ruas da nascente povoação de Osage, Meca dos colonizadores, antes que a actividade collectiva destes désse fórma ás casas, tendas, bodegas, etc. De toda a classe de caractéres, profissões e gravel, compunha-se o corpo social que acabava de povoar a nova região; porém, em assumptos de lei ou em contendas juridicas de honra ou de propriedade, entrava em scena o revolver e dizia a ultima palavra. "Me-

lhor pontaria, melhor justiça!" — diziam os colonizadores, até que a machina da lei do paiz se impoz com a ajuda do elemento são daquella região. Burlado por uma mulher e sem terras, volveu-se Yancey Cravat para o seu lar em Wichita (Kansas), onde advogava e editava um jornal. Porém, do seu espirito inquieto e da sua mente fertil não se separava o espectaculo da embrionaria região com as suas immensas opportunidades de um desenvolvimento individual.

Nove dias após a sua chegada ao lar, a pristina eloquencia de Yancey Cravat vence a vontade de sua esposa Sabra (Irene Dunne) e, muito contra os desejos dos parentes della, partem os Cravat com o seu filhinho Cim e com a sua bibliotheca forense para a povoação virgem de Osage.

Isaiah (Eugene Jackson), um negrinho creado na casa de Sabra, cuja amizade e admiração por Yancey seria posta á prova á custa dos maiores sacrificios, escondéra-se em uma das carroças que transportaram a mobilia e, quando o descobriram, não coube em si de contente o pequenino Cim, para quem a fidelidade de Isaiah significava um bom companheiro de brinquedos.

Ao chegar a Osage, Yancey Cravat dedica-se a investigar quem havia

A raiva lia-se-lhe no olhar.

De novo, frente a frente.

A felicidade completa.

assassinado o editor do jornal local, porquanto estava no firme proposito de revelar o nome do assassino no primeiro numero do periodico que pretendia fundar ali.

Todos procuravam esconder o nome do bandido, provavelmente temendo a sua furia. Pouco depois, uma commissão de diversos cidadãos solicitou a Yancey que desempenhasse os serviços religiosos que iniciaram debaixo de uma enorme coberta de lona — onde tambem campeavam o jogo e os vicios da embriaguez. Havia necessidade de se fazer ouvir dizer a palavra do Senhor áquella multidão desenfreada.

Qual não foi a surpresa de Cravat, ao notar no meio daquella gente a famosa Dixie Lee, a mulher que o havia despojado do seu cavallo, no dia da memoravel corrida, e Lon Yountis (Stanley Fields), homem de má catadura e seu inimigo declarado!

Com grande calma e sem presentir que o seu sangue frio augmentava a tensão nervosa da audiencia, começou Yancey Cravat o seu improviso, intercalando, entre parenthesis, que primeiramente denunciaria ao publico o assassino do seu predecessor.

— O assassino, o tenebroso matador chamase...

Não poude Yancey terminar a sua delação, por-

(Conclue na pag. 53)

Exitos da Paramount:

MARIDO EM FERIAS
(Husband's Holiday)

com

Clive Brook

e Juliette Compton

FALSA MADONNA
(The False Madonna)

com

Kay Francis

William Boyd

e Conway Tearle

Não Matarás!
(Broken Lullaby)

Uma super-produção de

ERNST LUBITSCH

com

Lionel Barrymore

Nancy Carroll

e

Phillips Holmes

O MILHÃO
(LE MILLION)

com

ANNABELLA

e

RENÉ LEFEBVRE

UMA TRAGEDIA AMERICANA
(An American Tragedy)

com

PHILLIPS HOLMES

SYLVIA SIDNEY

e FRANCES DEE

SOOKY
(Sooky)

com

Jackie Cooper

Robert Coogan

e Jack Searl

MULHERES SUSPEITAS
(Two Kinds of Women)

com

Miriam Hopkins

e

Phillips Holmes

BREVEMENTE: Maurice Chevalier e Jeanette Mac Donald — em

UMA HORA CONTIGO

direção de LUBITSCH

Novidades Literarias da Europa

MAGDELEINE CHAUMONT

LA GRANDE CHERIE

Roman

Pela celebre autora de «BAISER SUPREME»

Albin Michel, Edit.
22 Rue Huyghens,
PARIS

1 volume sur beau papier .... 15 fr.

O premio *Goethe*, distribuido annualmente pela cidade de Francfort, acaba de ser concedido ao grande escriptor allemão Gerard Hauptmann, no valor de 10 mil marcos.

A Associação Fascista dos Jornalistas de Roma resolveu, com a approvação de Mussolini, erigir, na Cidade Eterna, uma estatua a Julio Cezar, que ella acha ter sido o primeiro jornalista no mundo, em vista de ter elle posto em execução uma especie de stenographia que permittia a transcripção dos debates do Senado para a *Acta Diurna*, o primeiro jornal official de Roma. A estatua de Julio Cezar, que é de bronze sobre um pedestal de marmore, será erigida no Forum Romano e tem 3 metros e 35 de alto.

Um telegramma de Bombay annuncia que Mme. Sarojini N a i d u, presidenta do Congresso Nacional Hindu, e celebre creadora dos poemas harmoniosos, e que, pelas suas obras, é cognominada o Rossinol das Indias, acaba de ser presa por ordem do governo inglez, que "acha perniciosa a sua influencia como poetisa" na alma popular hindú. Como se vê, uma bôa poetisa chega mesmo a atemorizar uma potencia como a Inglaterra...

O *Catholicon*, publicado em 1460, vem de ser vendido em Londres por 180 libras esterlinas. Como é sabido, o *Catholicon* foi o primeiro livro sahido das officinas do celebre impressor de Biblias de Gutemberg, Johannes Balbu.

BRITO DE ABREU

ESCRIPTORES FRANCEZES

Lucien Marsaux, visto pelo desenhista Bordier e pelos studios Henri Manuel.

RENÉ LAFORGUE

MISERE DE L'HOMME

Recit.

... Le plus tragique des confessions.

Denoel & Steele, Ed.
Rue Amelie
PARIS
15 Fr.

ESCRIPTORES FRANCEZES

Edmond Pilon, em photographia e em desenho.

MARC CHADOURNE

L'U. R. S. S. SANS PASSION

In - 16 avec 31 grav.
Hors texte ... 15 Fr.

Librairie Plon
8 Rue Garancière
PARIS

OS LIVROS PREMIADOS PELA ACADEMIA EM 1931

No dia 29 do corrente, realizar-se-á a sessão solenne da Academia Brasileira para a entrega dos premios aos laureados nos concursos literarios de 1931, de accôrdo com o quadro abaixo:

"Premio de Poesia" — Srta. Lia Corrêa Dutra, autora do livro "Sombra e Luz". Menção honrosa — Sra. Ide Blumenschein (Colombina).

"Premio de Romance" — Sr. Martins de Oliveira, autor do livro "Gavita". Menção honrosa — Sra. Clara de Lafayette Stockler ("Deslumbramento") e Hugo de Verlaine ("Tumulto").

"Premio de Contos e Fantasias" — Sr. Martins Capistrano, autor do livro "Vertigem". Menções honrosas — Yára do Rio ("O cipó traiçoeiro") e sr. Origenes Lessa ("Garçon, garçonnette, garçonnière").

"Menções honrosas de Theatro" — Sr. Marques Pinheiro, autor da peça "Lei suprema", e sr. Paulo de Magalhães ("O coração não envelhece").

"Premios de Erudição" — Sr. Arthur Motta, autor da "Historia das Associações Literarias no Brasil".

Entre os laureados desejamos render homenagem a dois nomes: Lia Corrêa Dutra e Martins Capistrano.

A senhorita Lia Corrêa Dutra, publicando o seu primeiro livro, "Sombra e Luz", surprehendeu o mundo literario com o encanto da sua poesia, cuja vibração tem algo de novo, de maravilhoso, caracterizando a personalidade da autora na vanguarda feminina das letras.

Acerca de Martins Capistrano somos suspeitos para elogiar os seus meritos de escriptor, por isso que elle faz parte desta casa, onde ha largos annos mourejámos juntos, ligados por laços de grande affecto.

Basta dizermos que Martins Capistrano conquistou o premio da Academia com um livro de estréa, e temos registrado a sua victoria, da qual FON-FON compartilha com alegria.

Oswaldo Orico — FEIJÓ — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 6$

TRATA-SE da segunda edição de *O demonio da Regencia*, obra premiada pela Academia, e, o que mais vale, consagrada pelo applauso publico. O autor foi de uma rara felicidade, reconstituindo a figura épica de Feijó, symbolo do caracter e da energia *bandeirante*.

Paginas magnificas, que devem ser lidas com attenção, pelos ensinamentos que encerram.

Si é verdade que a Historia se repéte, o livro precisa ser conhecido principalmente pelos paulistas, para que saibam honrar a memoria daquelle que "soube interpretar, em todas as épocas, a aspiração da sua provincia, pulsando com ella nos mesmos anseios que a moveram, desde o sonho da Independencia á estabilidade do Imperio e ao grito revolucionario de Sorocaba."

Celestino Silveira — OS INTOXICADOS — Ed. A. Coelho Branco F.° — Rio — 1932 — 6$

QUANDO foi publicado este romance, no anno findo, tivémos opportunidade de registar o nosso agrado sobre o trabalho de Celestino Silveira. O successo então alcançado pelo autor está confirmado pelo apparecimento da obra em 3.ª edição.

Edgar Wallace — O VINGADOR — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 5$

MAIS um livro do formidavel novellista apparece na collecção *Para Todos*. Fabulação attrahente, apresentação material magnifica. Traducção do original inglez *The avenger*.

NOTAS DE ARTE

EROS VOLUSIA. — No Theatro Casino, na tarde do penultimo domingo, 5 de junho, realizou mais um espectaculo choreographico, a herdeira do nome e da arte de Gilka Machado: Eros Volusia.

Talento excepcional, intuição maravilhosa possue essa menina-moça para a poesia dos gestos e attitudes. Nunca teve, não tem mestres e no emtanto parece que os teve e tem: tal a correcção minuciosa com que executa todas as dansas. Para ser mais do que já é e attingir o apogeu da arte de Terpsichore, falta-lhe apenas exercitar perante mestres, grandes mestres, a espontaneidade do seu genio. Só elles, e o estudo que com elles fizer, acompanhado da necessaria cultura espiritual, lhe farão ascender áquelle apogeu.

Xuma pensão do Estado é perfeitamente justo obter hoje Eros Volusia afim de, desenvolvendo a excepcional vocação, tornar-se capaz de realizar amanhã grandes feitos de arte, que a colloquem no mesmo plano das mais celebres interpretes da Dansa. Se não conseguir essa cultura, esse aperfeiçoamento do seu genio choreographico, não será, apesar de toda a sua phenomenal espontaneidade, a artista que pode e deve ser um dia. Não se illuda com os exaggerados elogios, com os qualificativos que lhe possam aplicar, como se já pairasse nos mais altos cimos, naquelles em que se alçandoraram as Pavlowas e as Duncan. Em arte como em sciencia, o saber é a convicção da ignorancia, como dizia o philosopho grego. Em arte como em amor, na "phrase" do poeta, demais não é bastante: *trop n'est pas même assez*...

Todos esses pensamentos me foram suggeridos vendo Eros Volusia dansar, não *O caroço* e *Cascavelando*, batuque e samba, estylizados mas nem por isso menos grosseiros, que, embora perfeitamente executados, valem como arte o mesmo que um soneto modelar mas fescennino de Bocage, e só agradam aos nossos instinctos inferiores, á nossa animalidade; mas porque viveu as delicadezes classicas de *Mariposa na Luz* (musica de Villa Lobos), a lenda indiana de *Yara* (musica de J. Octaviano), a bella fantasia do *Demonio da Meia Noite* (musica de Peixoto Velho) — talvez o numero executado com mais perfeição — o poemeto *Movimento* (musica de J. Octaviano) e o *Nocturno* (musica de A. Nepomuceno), as duas mais bellas< composições exhibidas no bello vesperal. Foi do mais lindo effeito a realização da musica descritiva de J. Octaviano. Conseguiu a dansarina traduzir com perfeita synchronização todo o dynamismo do poemeto musical. Viam-se a arvore, o sertanejo, o boi, o mar, o passaro, a locomotiva, a serpente, o vento, todos os symbolos da natureza morta e viva em estado dynamico, em pleno movimento, sonorizados pelo musico e choreographados, vividos pela bailarina. Mas a melhor impressão que nos causou a musa das choréas foi na interpretação do *Nocturno*. A joven artista viveu em gestos o drama de amor e de saudade, de ciúme e desespero, idealizado em sons. Si quasi menina ainda, fez realçar tanto o sentido dramatico da composição musical, que belleza não lhe reserva guando interpretal-a em toda a plenitude da existencia feminina e no apogeu da sua arte?...

Como documento histórico e prova do talento polymorpho da artista, assignalemos a interpretação de *Fôfa*, que o "programma" com acerto qualificou de — "dansa e musica do Brasil colonial, em cujos rythmos se reflectem caracteristicos hespanhóes, portuguezes e hollandezes."

Registremos afinal que Eros Volusia foi intensamente applaudida pelo numeroso auditorio, que palmejou tambem o compositor presente, J. Octaviano.

QUARTETO DE LONDRES. — Com os multiplos e costumados extras e os programmas formados, o 1º pelo *Quarteto em sol maior*, de Mozart; *Serenata* de Haydn; *Canzonetta*, de Mendelssohn; *Quarteto em fá maior*, de Ravel; e o 2º, pelo *Quarteto em lá maior*, de Schubert; *Cavatina*, de Beethoven; *Quarteto em fá maior* de Dvorak; — realizou o Quarteto de Londres no Theatro Municipal em a noite de 7 e na tarde de 11 dois concertos, o 3º e o 4º da série iniciada em 1º de junho.

Sem ou com surdina, nos fortes e nos pianissimos, nos pequenos ou nos grandes effeitos de sonoridade, — tudo foram primores. E pairando sobre tanta belleza a mesma unidade maravilhosa do conjuncto. Verdadeiras impressões de extase nos deram o *Audante Cantabile* do *Quarteto* de Mozart, o 3º tempo do *Quarteto* de Ravel e a *Serenata* de Haydn. Au-

tores tão diversos se nos revelaram com o mesmo esplendor sentimental através da alma canora dos instrumentistas tocando não quatro mas um só instrumento tocando... solos de violoncello. Embora de outra natureza mas nem por isso menos profundas, as impressões que nos deixaram o *Minuetto* do Quarteto de Schubert, a *Cavatina* de Beethoven e o *Lento* e *Molto Vivace* do Quarteto de Dvorak. E a todo esse gozo espiritual accrescente-se o de ouvir-se a maravilha da expressão sentimental, que é o *Nocturno* de Borodine, tocado como extra, e bisado, no 2º concerto. Para fazer-se idéa de todo o excepcional valer das verdadeiras festas musicaes, que foram os dois ultimos, como já tinham sido os dois primeiros concertos do Quarteto de Londres.

Ouvindo o Quarteto de Londres, e pelo Quarteto de Londres musicas como o Nocturno de Borodine e a Serenata de Haydn, parece acceitar-se o paradoxo antiscientifico de que a vida de relação é tão continua como a existencia vegetativa, que a gente não se cansaria de ouvir indefinidamente as geniaes concepções vividas pelos geniaes interpretes...

Não terminamos sem assignalar a rapida passagem do *Quarteto* de Dvorak em que se ouviu a solo, o violoncello magistral de Warwick Evans.

MUNZ. — Pela ultima vez nesta temporada ouvimos o grande pianista polaco, Miczyslaw Munz, que realizou no T. M. na tarde de jovedia, 5.a-f., 9 de junho, o seu 4.º concerto, tocando: *Sonata*, op. 27 (*Luar*), de Beethoven; *Intermezz*, op. 117 e *Variations sur un thême de Paganini* (2 cahier), de Brahms; *Doctor Gradus ad Parnassum*, de Debussy; *Jeux d'eau*, de Ravel; *El Vito*, de Infante; *Aires hungaraises*, de Tausig.

Como composição a todas sobrepujou a *Sonata-Luar*, incomparavel poema sonoro, que inaugurou a symphonia do piano e que é, pelo *Adagio*, uma das mais bellas paginas lyricas de todos os tempos e de todas as artes. Parece que a sentimentalidade indefinida, que os brasileiros e portuguezes chamam *saudade* e os polacos *zal* encontrou a sua exacta representação no famoso trecho. Beethoven não soube exprimil-o em linguagem verbal, que a sua lingua materna não possue termo que o exprima, mas disse-o melhor na linguagem universal da musica...

Munz afigurou-se-nos um dos melhores interpretes da *Sonata-Luar*. Accentuou, cantou bastante o lyrismo melancolico do *Adagio*, a jovialidade travessa do *Alegretto* e a tormenta passional do *Presto*. Viveu tambem com muita expressão o poemeto dynamico de Ravel, *Jeux d'eau*. Mas, onde melhor se nos revelou, como que accentuando, que não é só o pianista de delicados matizes, de colorido suave e cantante, mas tambem capaz dos grandes effeitos de bravura, foi interpretando, de modo que nos pareceu magistral, as *Variações* de Brahms.

Mais uma vez o publico comprehendeu todo o valor do pianista polaco, saudando-o e bisando-o calorosamente. Pena foi que a diminuta concurrencia não correspondesse á grandeza do artista.

3.º CONCERTO DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS. — Interrompendo uma das nunca assaz louvadas audições do Quarteto de Londres, fomos ouvir o 3.º concerto da A. A. B., realizado no *hall* do Hotel Palacio, em a noite de 7 de junho, com este programma I) Cesar Figueiredo — *Idyllio amoroso interrompido por um fauno*; Debussy — *Minstrels*; Blair Fairchild — *Mosquito*; Szymanowski — *A fonte de Arethusa*; Ravel — *Cigana*: pelo violinista Oscar Borgerth, acompanhado pelo pianista Arnaldo Estrella; II) Respighi — *Stornellatrice*; Nepomuceno — *Soneto*; Lorenzo Fernandez — *A sombra suave* (1.ª audição); Reynaldo Hahn — *Si mes vers avaient des ailes*; Falla — *Jota*; pela cantora, srta. Olga Praguer, acompanhada pelo pianista Arnaldo Estrela; III) Saint-Saens — *Côro des Dervichs* (da op. "Ruinas de Athenas", de Beethoven); Albeniz — *Torre bermeja* (1.ª audição no Rio); Deodat Séverac — *Le retour des muletiers*; Lorenzo Fernandez — *Valsa suburbana* e *Marcha dos soldadinhos desafinados*; Dohnányi — *Capricho*: pelo pianista Arnaldo Rebello.

De todo o concerto só nos foi possivel ouvir a 2.ª parte, a em que se exhibiu a srta. Olga Praguer.

Dada a relatividade com que deve ser apreciada a joven e incipiente cantora lyrica, a srta. O. P. mereceu todos os applausos com que a acolheram e a justiça de ver bisados dois numeros. A sua voz de volume e extensão regulares, é muito agradavel pela doçura do timbre, e a sua arte, embora ainda incompleta, promette revelar-se bastante para corresponder aos dotes naturaes da belleza vocal. Em *Si mes vers avaient des ailes* imprimiu especial belleza na emissão da phrase final, que provocou palmas e bis. Mas as melhores interpretações, ao nosso vêr, foram as duas peças que lembram o genero de musica em que é mestra a srta. O. P. — *Jota* e o extra, constituida por uma canção do Equador. Nesses numeros não só a voz mas ainda a arte interpretativa triumpharam juntas.

Oscar D'Alva

NÃO MATARÁS!

(CONCLUSÃO)

vivêra com elle, e, apesar de francez, amára-o como a um irmão. A alegria volta outra vez aos rostos até ha pouco confrangidos dos dois velhinhos, e Elza, a ex-noiva de Walter, aprende tambem a ver em Paul a continuação do seu querido Walter...

Cêdo, porém, corre pela cidade a noticia de que na casa do dr. Holderlin havia um francez, que, cada dia mais intimo, já se afoitava a sahir com Elza pela manhã, como dois namorados. As linguas maldizentes espalham o mexerico e o proprio dr. Holderlin é menosprezado na roda de seus "intimos" amigos. Mas o nobre doutor não se atemoriza das indirectas; antes as enfrenta com altivez e diz-se amigo do rapaz, que foi amigo e companheiro de seu filho.

Guardando comsigo o seu segredo, Paul sente-se agora na necessidade de narrar a verdade amarissima e receber dos seus bons amigos o perdão ou a condemnação. Depois, deixará aquella casa onde tão amaveis corações encontrára.

— Elza, vim despedir-me porque pretendo ir-me embora... — diz Paul, certa noite, á ex-noiva de Walter.

— Vaes embora! ? — exclama a pequena, com assombro. Não, Paul, não é possivel! Eu te amo e não deixarei que vás...

— Impossivel, Elza!... Eu tambem te amo, mas...

E, comsigo:

— Oh, Deus!, como hei de encontrar coragem em mim para lhe dizer a verdade?...

Elza, então, pensando que a lembrança do amigo ainda mortifique a mente de Paul, que por isso não a queira talvez acceitar como noiva, vae buscar a ultima carta de Walter, aquella que encontraram com elle, morto, na trincheira. E começa a ler a missiva manchada de sangue, em que o jovem allemão lhe dizia que, caso não voltasse, ella não devia privar-se da felicidade...

E, ao chegar Elza ao fim da carta, Paul, na sua tremenda excitação, tresloucado, repete de memoria o ultimo topico, que elle lêra na trincheira, ao ter bayonetado a sua victima. Elza, perplexa, ouve a recitação daquelle trecho:

— Tinha lido esta carta antes? Onde? Quando? Responde-me, Paul, onde?

E Paul ,então, confessa: Sim lêra-a na trincheira... Encontrára-a junto ao cadaver de Walter, e para pedir perdão do seu crime é que ali estava...

— Então, foste tu...? Foste tu...?

Elza não póde concluir a pergunta.

— Sim, sou um desgraçado... Fui eu quem o matou...

Elza fica desolada. Paul, tremulo, doido, desalentado, estende-lhe a mão em despedida, para ir embora. Mas a moça não lh'o permitte.

— Não, Paul. A despeito de tudo, não sahirás daqui. Eu guardarei o teu segredo. A tua partida seria a morte desses velhinhos... Isso seria matares Walter duas vezes... E que elles nunca suspeitem de nada...

Nesse momento, entra na sala o dr. Holderlin e a esposa, e Elza, limpa as lagrimas dos olhos, lhes diz que Paul está decidido a ficar com elles, como filho da familia. O velhinho, todo cheio de alegria, vae buscar o violino de Walter, e entrega-o a Paul:

— Toma, meu filho, dá-nos um pouco da alegria que se foi com elle...

C I M A R R O N

(CONCLUSÃO)

que o revolver de Yountis se lhe antepoz. O bandido não contava com a agilidade, nem com a pontaria certa de Yancey, cyclopico vencedor de tão formidavel contenda. O escandalo foi immenso! Com auspicios tão dramaticos já estava assegurado o futuro do incipiente periodico, e para completar a felicidade dos Cravat, um novo rebento — uma menina — vem alegrar o seu lar.

Um anno depois, as depredações do fascina The Kid (William Collier Jr.) — joven que adoptára o banditismo por uma tragedia de familia — alcançam taes proporções, que o bando decide assaltar o banco local. Da refrega Kid sahe morto e Yancey ferido, e perde tambem a vida a fiel Ysaiah, victima innocente que havia sahido em busca de Cim, seu inseparavel companheiro.

Dir-se-ia que taes acontecimentos seriam sufficientes para apaziguar a eterna inquietação de Yancey Cravat. Mas assim não foi. Recusando-se sua esposa a acompanhal-o, quando se distribuia outro territorio na região de Cherokee, elle parte só e lá permanece por cinco annos. Quando regressa a Osage, inteira-se de que a libertina Dixie Lee vae ser julgada naquella mesma manhã e que, carecendo de amigos e de defensor, será provavelmente condemnada á prisão. Sabra Cravat, respondendo ao chamado do elemento reformador, a havia denunciado, e Yancey Cravat, advogado criminalista e esposo da accusadora, acóde a defender a ré gratuitamente, sob o impulso flagelante de seu romantico sentido de justiça. Circumstancias attenuantes absolvem Dixie Lee, e Sabra perdôa-lhe.

Os valores dramaticos de tão impressionante scena perdurarão na mente do espectador, tal como si este estivesse vendo com os seus proprios olhos a mesmissima Magdalena deante da justiça.

Passam-se nove annos. Agora a cidade de Osage cresceu a passos largos sob o triumpho materialistico do branco, mas Yancey Cravat continúa defendendo, apaixonadamente, os indigenas, donos originaes e elementos primitivos desses territorios, tanto assim que, quando lhe offerecem o governo da cidade, elle o recusa, porque a offerta não encerra nada de licito. Elle é o apostolo incansavel do direito individual e da liberdade de todos. Depois Yancey se desvanece da scena... As convenções da vida rotineira suffocam-no, enjoam-no. Da França chegam noticias de que elle havia sido visto em acção na Guerra Mundial, ao lado dos alliados. Emquanto isto, a influencia politica do poderoso rotativo que Sabra Cravat dirige adquire grande proeminencia e em 1930 é ella eleito deputado ao Congresso da União.

Em seu primeiro acto official, Sabra tem de descobrir uma estatua na intensa metropole petrolifera de Osage. Estava a cerimonia em seu apogeu, quando ha uma explosão em um poço de petroleo nas vizinhanças, accidente que poderia haver causado a morte a centenas de pessôas, si não houvesse sido — affirmavam os operarios — um desconhecido, um tal Yancey, que ficou gravemente ferido, ao tratar de extinguir o fogo.

Com as palpebras humidas, emocionada, Sabra certifica-se da identidade do personagem, que jaz inerme nos seus amorosos braços. "Dôce mãe e bôa esposa" — foram as suas ultimas palavras, quando a morte arrebata, para sempre, a inquietude de Yancey Cravat, tal como elle mesmo houvéra desejado, modesta e humildemente. Nesse momento, o sol do meio dia bate os seus raios abrazadores sobre a brilhante estatua que, em honra do colonizador symbolizado na fórma corporea de Yancey Cravat, acaba de descobrir-se na praça principal de Osage.

CIUME

Ao dar o relogio da sala de jantar tres horas da tarde, Martina sahia de sua casa elegantemente vestida, dizendo que ia ás compras, e voltava invariavelmente entre cinco e sete, trazendo alguma coisa: um broche, uma pulseira, um córte de vestido, umas luvas... Emfim, qualquer coisa que, segundo declarava, lhe havia agradado e que ella achára uma *pechincha*.

Seu marido, Bertholdo Bandeirola, não lhe censurava aquella mania de comprar coisas inuteis ou superficiaes, uma vez que ella, na gaveta de seu *toilette*, guardava oito pares de luvas sem estrear, varios broches, pulseiras, etc. Mas começou a estranhar aquella assiduidade de sua mulher em sahir um dia, sim, outro não, e sempre á mesma hora, e que ella sempre comprasse alguma coisa, e, o que era ainda mais chocante, que não lhe pedisse dinheiro para suas compras extraordinarias.

— Minha mulher engana-me! — pensou, um dia, Bertholdo, mordendo os labios com rancor. — Tem algum amante que lhe dá presentes... Eu o averiguarei, e si tal for verdade!... Não sei o que acontecerá, mas as coisas não ficarão assim. Amanhã, quinta-feira, seguindo seu costume, ella sahirá ás tres da tarde. Eu a seguirei sem ser visto por ella, e poderei, assim, certificar-me si, com effeito paga tão mal meu carinho e arrasta meu nome pelo lôdo da deshonra.

No dia seguinte, effectivamente, ao dar o relogio da sala de jantar as tres horas Martina resolveu sahir. Nessa tarde Bertholdo fingiu-se de indisposto e ficou em casa. Achava-se em seu quarto, em mangas de camisa (esse foi um ardil para que ella não suspeitasse suas intenções), quando Martina appareceu na porta, em traje de passeio, e disse, desculpando-se:

— Eu não devia sahir, Bertholdo, estando tu indisposto. Mas acontece que, n'A *Mimosa*, ha uma grande liquidação, e eu queria ver si encontrava algo conveniente.

— Por mim, pódes ir tranquilla e comprar quanto queiras. Felizmente, não me encontro tão mal.

— Então, até logo.

— Até logo.

Martina fechou a porta atraz de si. Mal ella havia sahido, Bertholdo poz o collarinho, rapidamente, vestiu o paletó e poz o chapéo e sahiu atraz da esposa. Ao chegar á porta da rua, parou para verificar si sua mulher se voltava, receiosa, afim de ver si a seguiam, e notou que ella olhava com desconfiança para a porta, mas sem descobril-o.

— Agora te pilharei! — disse elle em voz baixa. — Lamentavelmente, isso destruirá nosso lar e nossa felicidade.

Passou um homem obeso na mesma direcção que levava sua mulher, e Bertholdo se poz a andar occulto atraz daquelle homem. De vez em quando, espiava melhor para não perdêl-a de vista, e a via voltar-se nervosa, temendo, sem duvida, ser vigiada. Afinal, depois de dobrar por duas ou tres ruas, ella cessou em suas voltas de cabeça e apressou o passo. Bertholdo ardia como um tição bem acceso. Via com a imaginação como sua mulher se juntava com um individuo e como ambos trocavam delle. Em seguida, via desfazer-se seu lar, rolar ella pelo chão, banhada em sangue, e elle ser conduzido á delegacia como um assassino vulgar... Mas, de repente, com grande surpresa sua, viu sua esposa entrar em A *Mimosa*.

ELOGIO

Nosso Senhor das Rosas disse um dia:
—" Escolhe, meu poeta, o que preferes:
queres ir caminhando pela vida
com a alma de amor desilludida,
ou ir amando rosas?... ou mulheres?"

DE JOSÉ M. BRAÑA

— Ah! — exclamou então. — Ella não me enganou. Sahiu, com effeito, para as compras.

Espiou-a e a viu examinar as vitrines. Entretanto, Martina, demonstrando não achar nada de seu gosto, deixou o estabelecimento.

Bertholdo sahiu atraz della, quasi pisando-lhe os calcanhares, e poude verificar que ella seguia o caminho de regresso á casa, detendo-se deante das vitrines que encontrava á sua passagem, e que examinava, segundo parecia, com curiosidade e interesse.

Então o senhor Bandeirola respirou com satisfação. Sua mulher não enganava, como elle suspeitára. Para não despertar nella a suspeita de que a seguira, o que podia offendêl-a, tomou um *taxi*.

Ao chegar em casa, Bertholdo recommendou á criada que, si Martina perguntasse por elle, não lhe dissesse que elle havia sahido. Metteu-se em seu quarto e ficou novamente em mangas de camisa. Calculou a distancia a que deixára sua mulher, e pensou:

— Si Martina não se demorar em outra parte, deve estar aqui ás cinco e dez. Si não chegar a essa hora!...

Martina, porém, chegou a essa hora. Nem um minuto mais, nem um minuto menos. E Bertholdo Bandeirola respirou com o prazer do condemnado á pena capital, indultado no momento da execução.

— Já estou de volta, Bertholdo. Fui á *A Mimosa*... Não havia lá quasi nada que me agradasse.

— E não compraste nada, naturalmente...

— Sim. Comprei este vidrinho de extracto de girasol, precisamente da marca da casa.

E mostrou-lhe o vidrinho.

Bertholdo tornou-se vermelho como um camarão. Como era possivel que Martina houvesse comprado aquelle vidrinho de extracto, si não a viu comprar absolutamente nada?!

Martina foi para seu quarto, afim de mudar de roupa, e Bertholdo, ardendo de vergonha, não poude deixar de dizer, comsigo:

— Já comprehendo tudo. Minha mulher é cleptómana. Não póde deixar de sahir nos dias determinados, afim de apoderar-se de alguma coisa... Depois, regressa... E' vergonhoso, sim, porque qualquer dia a estão apanhando em flagrante!... Ah! Mas prefiro essa vergonha á outra...

E metteu-se na cama, satisfeito de ter tirado aquelle horrivel peso do coração.

* * *

Uma hora depois, encerrada em seu quarto, Martina Bandeirola tomou papel, penna e tinta e se poz a escrever uma carta. Uma carta que dizia assim:

Adorado Euphemio: Não fui hoje ao nosso encontro de sempre, porque meu marido, que suspeitou alguma coisa, me seguiu. Elle suppunha que eu não o via, mas bem que o via. Isso me levou a pôr em pratica tua idéa, para que elle não suspeitasse da procedencia de teus presentes. Entrei n'"A Mimosa" e, fazendo um esforço sobrehumano, me apoderei de um vidrinho de extracto..."

E eu respondi: — "Senhor, quanta ironia
vae nessa phrase, ao coração perdida;
das paixões que já ouvi, tão dolorosas,
não conheço, eu te juro, nesta vida,
quem amando a mulher não ame as rosas!"

JOÃO SEABRA

O FILHO DO ADVOGADO

O advogado Intelvi não podia mais. Aquelle garato não acabava de gritar, de chorar, de agitar-se como um endemoniado ainda nos braços da mãe desesperada, que tentava todos os meios para acalmál-o!...

— Vamos acabar com isso! — gritou o advogado para o pequeno chorão. — Não tens o cavallo, o velocipede, o boneco, o estabulo, o sabre, o trem, a pelota e tantos outros brinquedos que me custaram dinheiro? E ainda choras? Por que não queres brincar?

— Porque não quero! Porque não quero!

E o menino começou a chorar mais forte, dando pontapés tão furiosos, que a mãe teve que soltál-o e deixál-o no tapete, onde, com os punhos cerrados, elle continuou debatendo-se e enchendo a casa com seus gritos.

— Estou farto! — disse o advogado a sua mulher. — Acalma-o tu, si pódes. Eu já não me entendo. E' um inferno! Parece mentira que esse menino tenha completado seis annos! Tenho outras coisas em que pensar.

E sahiu, batendo com a porta.

Esse capricho violento, esse *temporal* que se repetia quasi diariamente passaria por si só aquella vez como de costume. Mas nem por isso parecia menos impressionada a senhora Ignez, que não comprehendia o eterno motivo de taes accessos furiosos do menino. Logo que o viu um pouco tranquillo — a musica tremenda se extinguia em um soluço monotono — juntou os brinquedos em torno do filho, e, dizendo-lhe que voltaria já, o deixou só e se dirigiu á sala onde a esperavam duas amigas.

Lili, livre de reprehensões e de caricias, cessou de chorar, como por encanto. Espalhou a pontapés os brinquedos, levantou-se e sahiu cautelosamente da sala, entrou no corredor e dali foi até a sala de jantar, onde, depois de muitos esforços, conseguiu abrir a porta da varanda que dava para o pateo, e sahiu ao ar livre, afim de respirar o frio que a neve trouxéra.

Com a frente apoiada nos ferros da varanda, olhou para baixo, para o pateo, onde, entre montes de neve, continuavam brincando tres meninos. Pareceram-lhe tres meninos felizes, loiros e bellos como as princezinhas das fábulas.

Elle os chamou, gritando:

— Meninos!... Meninos!...

Estes detiveram-se e olharam para cima. O maiorzinho se agachou para apanhar um punhado de neve e atirál-o á varanda. Outro, uma menina, o segurou pelo braço, e perguntou a Lili:

— Que queres?

— Esperem! Quero mostrar-lhes meus brinquedos.

E foi buscál-os, preso de agitação. Trouxe-os e os levantou sobre a varanda, para que os vissem os meninos de baixo. Estes, encantados os contemplavam immoveis, sem falar. Lili gritou-lhes:

— Subam! Venham pela porta grande, para vêl-os de perto. São todos meus. Comprehendem? Meus!

Os meninos entreolharam-se um instante, irresolutos, mas depressa se decidiram simultaneamente e correram escadas acima, até o passadiço onde Lili os esperava. Lili os conduziu á varanda e rapidamente reuniu todos os brinquedos. Não podia estar quieto. Ria, falava, tomava ora este brinquedo, ora aquelle, para mostrál-o aos meninos.

— Toquem nelles. Não se gastam. A machina do trem tem dentro rodas vivas. E este cavallo, com pello verdadeiro, de noite está vivo, e come e bebe...

Os meninos, dois garotos e uma pequena, pallidos, de cara consumida, pobremente vestidos, contemplavam os brinquedos, extasiados.

— São teus devéras? — perguntou o maior.

— Sim, são todos meus. Brinquem commigo. Eu manejo o cavallo. Tu farás correr o trem. Depois lhes mostrarei o presepe, com os pastores e as montanhas...

Mas, nesse momento, uma voz airada se elevou do pateo. Era a porteira, que acabava de descobrir os meninos na varanda.

— Ah, canalhas! Que fazem ahi? Quem lhes deu licença? Já para sua casa!

Os tres meninos assustados, desceram correndo a escada, passaram junto á porteira e desappareceram. Lili ficou estupefacto, mas não tardou em prorromper em berros tão agudos, que Joanna, a criada, foi correndo á varanda, espantada por encontrar o menino ali fóra, com aquelle frio cortante, rodeado de seus brinquedos, e perguntou-lhe desconcertada e alarmada, o que occorria:

— Quero-os aqui! Quero-os aqui! Foi a porteira má... Mas eu os quero aqui! — gritava o pequeno, batendo no chão com o pé.

— Que?... Quem é que você quer aqui, Lili?

— Os meninos! Quero-os aqui!

Appareceu na varanda a mãe, assustadissima. O menino foi levado para dentro, e ali se explicou, soberbo, iracundo. Quiz bater com a cabeça num pé da mesa. Afinal, a senhora Ignez ordenou a Joanna que fosse buscar os meninos.

A criada desceu correndo, e falou com a porteira, a qual fez uma careta de aborrecimento, dizendo que se tratava de tres garotos do quinto andar e da outra escada, por onde passava somente a *gente baixa*, e que lhes gritou porque elles se haviam atrevido a subir pela escada dos patrões. Mas, desde que a senhora ordenava... Eram os filhos da "Ruiva"... O outro nome, o verdadeiro, não o recordava... Gente que morava ali havia cerca de dois mezes... No quinto andar, no fundo...

Joanna foi falar com a "Ruiva", a qual, tratando-se de "senhores", nem siquer perguntou o nome, e desceu pouco depois, conduzindo os tres meninos, espantados. Quando Lili os viu, correu a buscar seus brinquedos que offereceu aos meninos, encantados, para que brincassem com elle, emquanto a senhora Ignez, emocionada, murmurava:

— E' extraordinario! E' extraordinario! Meu Deus! E eu nunca me lembrára disso! Meu marido vae ficar contentissimo... Mas como andam mal vestidos, os pobrezinhos! E como são pallidos! São capazes de adoecer... Si alguem os visse assim, aqui, que papel faria eu? Será preciso vestil-os melhor... Joanna, vem um momento.

E dirigiram-se ao quarto dos guardas-roupa, onde a senhora Ignez abriu um e começou a tirar roupas usadas, aventaes velhos, camizetas, meias...

— Seria uma riqueza para muitos meninos que soffrem — murmurou Joanna.

De Carlos Dadone

— Não me havia occorrido a idéa — desculpou-se a senhora Ignez, um pouco desapontada. — Bem. Vestil-os-emos, como quem diz, de novo.

E os vestiram com roupas muito grandes ou muito estreitas, mas finas, abrigadas. Lili ria como um louco. Eram seus pequenos trajes usados e tinha a impressão de estar vendo outros tres Lili. Depois tomaram chá com doces. Era uma algazarra alegre, que aturdia. Tornaram a brincar, sem interrupção, até por volta das seis da tarde, quando escurecia, e o advogado regressava para casa.

Intelvi ficou surprehendido gratamente. Comprehendeu tudo. Muito bem. E pensar que nem elle nem sua mulher se haviam lembrado disso! Brincou com os meninos, embora regressasse com o espirito preoccupado por um processo sensacional. Quando chegou a hora de separar-se, os tres meninos obedeceram immediatamente, mas Lili chorou como um desesperado. Consentiram em que os garotos ficassem um momento mais. A "Ruiva", em sua habitação do quinto andar, cansada de esperál-os, resolveu descer para perguntar á porteira e depois ir ella propria buscar os filhos. A porteira disse-lhe que elles estavam no apartamento do advogado Intelvi, no primeiro andar, pela escada dos patrões.

Ao ouvir aquelle nome, a "Ruiva" empallideceu e balbuciou:

— O advogado Intelvi?...

— Sim... Que tem?... Está branca como uma morta.

— E' o frio... Faz-me muito mal.

E, sem ouvir mais nada, se afastou rapidamente, com o coração apertado por uma angustia louca. Elle, o advogado Intelvi! E seus filhos em sua casa! Como não sabia ella que elle morava alli? Viu que a porteira a seguia com o olhar de alarmada curiosidade, e, como si não tivesse outro caminho, se dirigiu apressadamente á escada dos patrões e a subiu até o primeiro andar. Na porta, reluzente como um espelho, leu a placa que parecia de ouro: *Henrique Intelvi, advogado*. Não havia duvida: era elle. Sentiu-se desfallecer. Esteve na imminencia de voltar. Mas, como ouvisse que alguem subia, com receio de ser confundida com uma mendiga ou uma gatuna, tocou a campainha.

Foi abrir a porta Joanna.

— Ah, sim! Entre, entre... Foi impossivel tirar-lhe seus meninos. Esse Lili é um desespero.

E fél-a passar ao compartimento onde os quatro meninos continuavam brincando, vigiados pela mãe de Lili. Esta se apressou a ir ao encontro da "Ruiva". Viu, immediatamente, que era uma mulher bonita. Disse-lhe:

— Obrigada por ter permittido que seus filhinhos viessem brincar com o meu.

A "Ruiva" viu seus tres filhos transformados com outras roupas, mais bellos que nunca, e não soube que responder. Nem siquer se lembrou de agradecer. Olhou, entretanto, a senhora nos olhos, olhos negros, doces, quasi sem vida; no rosto rosado de mulher bem alimentada e tranquilla.

Só então exclamou, balbuciante:

— Obrigada!

Nesse momento, a porta se abriu, e entrou, sorridente, o advogado Intelvi. Elle e a "Ruiva" se olharam. O advogado ficou como que petrificado, sem poder falar. A operaria apertou os labios, os dentes, baixando os olhos. Foi um segundo. Sobresaltaram-se, mas contiveram-se. A "Ruiva" tomou seus filhos pela mão, e murmurou:

— Bem... Obrigada... Obrigada... Vamos...

A senhora Ignez franziu o cenho, indignada. Uma operaria soberba! E vestira-lhe os filhos! Fazer obras de caridade com certa gente...

O advogado, com esforço, disse duas palavras de cumprimento á pobre operaria e, depois, retrocedeu até a porta, abriu-a e desappareceu. Lili chorava desesperadamente.

Em baixo, em um recanto do pateo muito escuro, junto á escada dos pobres, a "Ruiva" foi detida por uma voz, quando alli passava, de regresso á sua habitação.

— Cecilia! Cecilia!

A operaria voltou-se bruscamente, sobresaltando-se. O advogado, deante della, ajuntava, em voz baixa:

— Escuta-me um momento, por favor!

A joven vacillou. Uma onda de sangue subiu-lhe ás faces. Ella inclinou-se para os meninos e deu uma chave ao maior, dizendo-lhe:

— Vão para cima, e esperem-me lá.

E, como os filhos obedecessem immediatamente, voltando-se para o advogado, ella disse:

— Bem. Que quer?

— Você, você aqui!... E ha um momento em minha casa...

— Com effeito. E' estranho. Mas, que importa? Não sabiamos nada um do outro... Repito: Que quer?

— Não sei... Não quero nada...

— Não devia seguir-me. Si alguem nos visse! Acaso não terminou tudo entre nós? Vá embora...

— Um momento, Cecilia! E' extraordinario o que succede. Ao vêl-a, tive a impressão de tornar a encontrar um mundo. Como você é bella!

— E atreve-se a falar-me assim? Porventura eu já não o era antes? Tenho tres filhos e meu marido é um homem nobre e honrado. Eu o adoro. Quer que lhe diga uma coisa? Não sou uma santa. Pouco faltou, então, para que eu lhe queimasse a cara com vitriolo. Mas, reflectindo melhor, pensei que no mundo havia outros homens alem de você. E conheci outro. Dessa vez, um homem honrado.

— Mas, eu... Escute, Cecilia...

— Deixe-me concluir... Um homem honrado, que sempre me tratou com respeito profundo. E eu tinha um filho, o seu filho, e esse homem quiz ser pae para esse filho como para os seus proprios que viessem...

E, sem dizer mais nada, subiu rapidamente a escada, e desappareceu.

Os tres filhos da "Ruiva" nunca mais voltaram á casa do advogado, embora a senhora Intelvi mandasse Joanna buscál-os.

— E vá a gente fazer bem aos pobres! — murmurou, indignada, a senhora Ignez. — Soberbos e ingratos!

E Lili continuou seu *temporal* quotidiano, até que a mãe lhe encontrasse outros amiguinhos, não mais, entretanto, filhos de *gente baixa* e mal educada, mas de pessôas distinctas...

É ASSIM

CONVERSANDO certa vez dois amigos acêrca de certo individuo em cujo talento um confiava demasiadamente, é este contestado pelo outro:

— Engano manifesto. A intelligencia delle dá somente para o distinguir dos irracionaes!

— Elle, sejamos eu e tu justos, possúe intelligencia fulgurante e não lhe falta cultura do espirito, insiste o primeiro.

— Engano manifesto, repete o outro.

— E's um inimigo rancoroso de quem nunca te fez mal..

—.... nem bem. Estou fazendo apenas justiça á sua mediocridade. Sou amigo de fazer justiça e não gosto de exaggeros.

— Porem não lhe falta intelligencia.

— Sim. O homem é um ser intelligente...

— Elle não é medíocre.

— Nem póde deixar de o ser..

Até o thorax leva as mãos abertas com os dedos unidos e, tendo cada mão collocada sobre cada peito, conclúe:

— Elle é assim!

— Elle é assim?! Assim, como?

— Assim!

E continúa com as mãos na mesma postura.

— Com franqueza, não estou entendendo nada disso!

— Pois vou explicar-te.

E conta-lhe isto:

Numa estação de Estrada de Ferro é visto uma vez certo homem do interior passeando de um lado para o outro com as mãos naquella posição. O homem parecia estar afflicto, porquanto não demorava chegar o comboio esperado. Um cavalheiro que, havia muito, o observava e estava entrigado com o geito delle e ao mesmo tempo penalizado por suppôl-o doente, procura falar-lhe:

— Deseja alguma coisa?

— Sim, responde o homem em questão.

— Pode ordenar. Estou aqui

O castello abandonado

DEPOIS de visitar a sombria residencia, compartimento por comportimento, percorrendo as interminaveis galerias, subindo e descendo novamente a ampla escada de pedra e inspeccionando as enormes cozinhas e as demais dependencias, Guido Larson, Tuilio, Vanny e seus companheiros de diversão realizaram uma especie de conselho no immenso salão de jantar, cujas decorações com incrustações de couro se resentiam da acção da humidade e dos roedores.

Guido perguntou, antes, com voz de chefe:

— E o phonographo?

— Eu o tenho! — respondeu Francina.

— E a valise dos *cocktailes*?

— Aqui está ella! — gritou Tuilio.

— E a caixa dos cigarros?

— Presente!

— Muito bem!... Agora poderamos esperar facilmente a meia noite!

Adriana e Luciano agitavam-se em torno das lampadas. Gastão e Mónica entabolaram, afastados, um dialogo intimo e tempestuoso. Giselda *flirtava* com Fernando, e Mauricio, que se aborrecia em toda parte, lustrava as unhas, bocejando como um leão captivo.

Guido Larson contemplou seus amigos, com satisfação, e exclamou:

— Hein? Que lhes parese?... Uma gyra de surpresa por um castello mal assombrado! Isto não se faz todos os dias...

Mauricio contemplou um momento as unhas, e replicou:

— A idéa é estupida e póde resultar perigosa.

— Oh, já está com médo!... Olha elle! — gritou Larson, com expressão ironica.

Mauricio, porém, encolheu os hombros, e disse:

— Os que me conhecem sabem que eu não tenho médo de nada... Mas aborrecem-me as coisas que não comprehendo... E nas historias de casas mal assombradas sempre ha um fundo de verdade que escapa a toda explicação normal.

— Oh! prorompeu Guido, dirigindo-se a seus companheiros de aventura. — Mauricio crê nas almas do outro mundo e nos fantasmas...

Desdenhoso pelos risos que se elevavam, Mauricio avançou para uma das grandes janellas gothicas. A fronte apoiada contra o vidro gelado, perscrutou a noite azulada, o parque de negras árvores, a claridade lunar, e percebeu o surdo rugido da torrente invisivel.

Um mal estar inexplicavel invadia-o pouco a pouco, e elle não podia afastar de sua memoria a imagem da velha peccadora que, com sua tagarelice imprudente, havia suggerido a Guido a idéa desta expedição, dizendo-lhe: "O castello de Rustépham... Está deshabitado ha mais de trinta annos... Pesa sobre elle como que uma maldição... A' meia noite, ha qualquer coisa que ronda através das enormes dependencias... Os que não queriam acreditar nisso e pretenderam vêl-o soffreram as consequencias..."

Mauricio encolheu os hombros. "Uma velha louca!" pensou.

Mas immediatamente notou que se esforçava em mentir a si proprio. A voz doce e repousada daquella pobre mulher, seus gestos sóbrios, seus olhos limpidos — tudo nella suscitava a piedade e o respeito.

"Esperemos!... Verse-á!..."

E aproximou-se da mesa, onde Tuilio Vanny, depois de preparar os *cocktails*, enchia de um liquido rosado e transparente dez grandes copos de crystal.

* * *

DANÇARAM, cantaram e beberam. Mais uma vez, o alcool corroeu as

para lhe ser util. Com franqueza...

— Faça-me o favor de tirar o dinheiro que trago aqui neste bolso do casaco e compre-me uma passagem para a capital.

O cidadão prestante sacca então a nota, compra a passagem e devolve-lhe o trôco.

— Deseja mais alguma coisa?

— Sim.

— Não faça cerimonia. Vá dizendo...

— Tire um cigarro que trago nesse outro bolso, bote-o em minha bôcca, risque um phosphoro e acenda-me o cigarro.

E' religiosamente cumprida a ordem.

E o homem, sempre com as mãos na mesma postura e agora fumando o seu cagarrinho, continúa passeando de um para outro lado, até chegar o trem, quando correm todos a tomar os seus logares.

Entretanto, o cidadão prestante, sempre a observar o supposto doente, procura assentar perto delle. Conversa vae, conversa vem, aborda o assumpto que mais lhe interessava:

— Diga-me: o senhor é doente?

— Não.

— Não? E por que traz as mãos assim?

— Ah! E' porque a mulher me pediu que lhe comprasse um par de sapatos deste tamanho.

— Então, por causa da medida dos sapatos é que está assim?

— E'

— E assim vae ficar durante toda a viagem?

— Certamente. Não quero esquecer-me da medida.

O cidadão prestante sáe, dali estourando de riso e vae direito aos companheiros contar o resultado das pesquisas.

Desta sorte, quando dali em deante alguem quer dizer que é bronco o intellecto de tal individuo, põe-se daquelle geito — mãos abertas, dedos unidos, cada mão sobre cada peito — e fala: "Elle é assim!"

HORMINO LYRA

---

mucosas e perturbou os cérebros fracos. Um novo universo, de dimensões fantasticas, appareceu insensivelmente e se inscreveu nas retinas. As linhas desenharam-se numa nevoa dourada, e toda a felicidade do mundo se condensou, se materializou, adquiriu a fórma de um desses copos de bar cujo conteúdo se póde esvaziar de um só trago.

E, de repente, — no momento preciso em que soava a meia noite — Tullio soltou um grito de sobresalto:

— Não ha m a i s whisky!

Mas já Guido Larson, de um salto obliquo, se havia lançado para a porta:

— Não se preoccupem! Vou buscál-o!

— Aonde?

— Na caixa de meu carro!

— Cuidado com os fantasmas! — exclamou Mónica, refrescando sua face inflammada com o leque de cartas.

* * *

TRANSCORREU quasi um quarto de hora.

— Guido não volta! — observou Giselda, com inquietude.

— Comtanto que não lhe tenha succedido nada! — m u r m u r o u Adriana.

Mauricio, então, se dirigiu para a porta.

— Aonde vaes?

— Vou á procura de Guido.

* * *

A sombra envolvia os corredores intermina veis do castello abandonado, onde os passos de Mauricio despertavam estranhas resonancias.

Quando o joven chegou á altura do aposento onde, no seculo anterior, havia morrido o ultimo dos Rustéphan, uma fórma se ergueu repentinate e um grito de angustia atravessou a penumbra.

— Sou eu! Não tenhas m ê d o ! — falou, alto, Mauricio.

Guido, cuja silhueta elle havia reconhecido, acabava de gyrar vertiginosamente sobre seus calcanhares, e, agitado por um terror incoercivel, fugia a toda velocidade, em linha recta deante de si.

Mauricio lançou-se immediatamente atraz delle, repetindo:

— Sou eu!... Vamos!... Sou eu!... Pára!...

Accelerado pelo terror e pelo alcool, o outro continuava fugindo loucamente deante de seu perseguidor.

— Guido! Guido!... Repito-te que sou eu!... Espera-me!...

Ambos haviam transposto o humbral de pedra e corriam desesperadamente pela gramma do parque, em pleno abandono.

— Pára!... Eu te supplico!... — gritou Mauricio.

Guido não o escutava. Continuava internando-se, com um impulso cégo de animal acossado, e o assobio do vento entre as arvores se misturava ao estrondo liquido que produzia a forte torrente invisivel atraz de sua cortina vegetal.

— Por ahi não!... Por ahi não!...

A voz de Mauricio perdia-se, e suas arterias batiam com furor nas faces e na garganta.

— Por ahi não!...

Houve, nesse momento, o ruido caracteristico da quéda de um corpo nagua, e Mauricio se deteve bruscamente, a poucos passos da agua movel.

— Guido!... Guido!... Onde estás?...

Mauricio inclinava-se, com angustia, sobre o torvelinho espumoso, e julgou divisar, no fundo, dois braços negros que se agitavam, desesperadamente, na superficie da agua, antes de desapparecer.

Esmagou-o, então, a nitida impressão de sua impotencia humana. E elle deixou-se cahir, rugindo, sobre a ribanceira viscosa, vencido pelo desencadeamento das forças hostis que lhe roçavam no invisivel...

ALBERT JEAN

O "SILVER BLAZE"

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

(Continuação do numero anterior)

— Tres delles são contas dos negociantes de feno; outro é uma carta do coronel Ross, dando-lhe instrucções; e este é uma conta de modista, na importancia de trinta e seis libras e quinze shellings, passada por Madame Lesurier, de Bond Street, a Guilherme Darbyshire; diz-nos a sra. Straker que Darbyshire é um amigo do marido e que por vezes as cartas para elle eram para aqui dirigidas.

— Madame Darbyshire tem gostos um tanto dispendiosos, notou Holmes, passando a vista pela conta. Vinte e tres libras só por um vestido, é puxado...

Mas parece-me que nada mais ha a averiguar, e que podemos agora passar para o scenario do crime.

No momento em que iamos sahindo da sala, uma mulher que se demorara esperando-nos no corredor, veio ao nosso encontro e puxou pelo braço do inspector; tinha o rosto transtornado e espavorido, de quem estava sob a impressão de um recente terror.

— Deram com elles? foram encontrados? perguntou.

— Não, sra. Straker. Mas aqui está o sr. Holmes que veio de Londres para nos auxiliar; e faremos tudo o que fôr possivel.

— Creio tel-a visto em Plymouth, n'um "garden-party", não ha ainda muito tempo, sra. Straker, disse Holmes.

— Não senhor, é engano seu.

— Será... Pois ia jural-o. Tinha um vestido côr de rosa, enfeitado com pennas de avestruz.

— Nunca tive semelhante vestido, respondeu ella.

— Ah! nesse caso é puro engano meu, disse Holmes.

E pronunciando uma desculpa, sahiu atraz do inspector. Depois de termos andado um boccado pela charneca, chegamos á cova fatal em que fôra encontrado o cadaver. A borda lá estava o tojo sobre o qual se encontrava pendurado o capote.

— N'essa noite não havia vento, não é verdade? disse Holmes.

— Nenhum, mas cahia uma chuva grossa.

— Nesse caso, o casaco não voou para o tojo, mas sim foi alli pendurado.

— Achou-se realmente collocado sobre os ramos.

— Está-me excitando o mais vivo interesse. Vejo que o terreno foi muito pizado. Provavelmente depois de segunda-feira já aqui andaram dentro muitos pés.

— Não senhor. Poz-se aqui de lado um bocado de esteira e é sobre ella que temos estado.

— Foi bem pensado.

— Tenho n'este sacco uma das botas que Straker trazia, um dos sapatos de Fitzroy Simpson, e uma ferradura velha que foi do "Silver Blaze".

— Meu querido inspector, o senhor está se excedendo a si proprio!

Holmes pegou no sacco, e descendo á cova, collocou o pedaço de esteira mais ao meio. Depois estendendo-se de bruços ao comprido, com o queixo sobre as mãos, fez um estudo cuidadoso do terreno pisado, que tinha na sua frente.

---

mozaicos

OS HOMENS LEOPARDOS

Um missionario de Lambarené (Congo), fala, em uma de suas ultimas informações, de uma tribu a que chama tribu dos homens-leopardos. Mais que de tribu, porém, trata-se de uma seita, e os negros a ella filiados são previamente convencidos de que não são homens e sim legitimos leopardos, sendo seu dever fundamental matar todos os homens que lhes caiam nas mãos.

E quantos mais matar, muito melhor para o homem leopardo!

Para levar a cabo seus propositos; para realizar seus crimes, esses negros estrambólicos imitam o andar e os movimentos caracteristicos do leopardo. Para tanto, começam a caminhar de "quatro pés", tendo antes applicado garras de leopardo nos dedos das mãos e dos pés. Assim "armados" rasgam a carotida das suas victimas.

O CÃO MAIS INTELLIGENTE

Fellow, um magnifico exemplar de policial allemão, com seis annos de edade, é, provavelmente, o cão mais intelligente do mundo. Pelo menos assim o garante mister Mc. Laglen, de Detroit, que conversa com o seu cão empregando apenas quatrocentas palavras. Para Fellow não existem mais que essas quatrocentas palavras e é bastante, por exemplo, que seu dono se esconda atraz de uma porta ou em um outro commodo e diga-lhe uma dessas palavras para que elle cumpra im-

— Olá! exclamou de repente. Que vem a ser isso? Era um phosphoro de cera tão coberto de lama, que ao principio parecia um bocadinho de madeira.

— Não sei como isso me passou despercebido, disse o inspector com expressão de contrariedade.

— Estava invisivel, enterrado na lama eu encontrei-o porque estava á cata delle.

— O que? Já contava com esse achado?

— Não o reputava impossivel.

Tirou depois as botas do sacco e comparou as pégadas que ellas imprimiam no terreno com as que já lá estavam. Depois saltou para fóra da cóva e andou em roda della, agachadinho entre as urzes e os tojos.

— Quer-me parecer que se não encontrarão outros vestigios, disse o inspector. Examinei com o maior cuidado todo o terreno, cem jardas em volta.

— Visto isso, disse Holmes levantando-se, seria impertinencia da minha parte fazel-o sem necessidade. Mas desejo dar um passeio pela charneca, antes de escurecer, para amanhã estar mais senhor do terreno; levo na algibeira esta ferradura; dizem que dá felicidade.

O coronel Ross, que mostrára alguns signaes de impaciencia perante o pausado e minucioso processo de trabalho do meu companheiro, puxou do relogio.

— Gostaria mais que viesse commigo, disse elle ao inspector. Ha varios pontos em que eu estimaria que me désse o seu conselho; um delles, o principal, é se não será melhor avisar o publico de que risco o nome do meu cavallo das corridas pela "Wessex Cup".

— De fórma nenhuma, disse Holmes com decisão; no seu caso, eu deixaria estar o nome do cavallo.

O coronel fez uma reverencia.

— Muito estimo que me désse a sua opinião, disse elle. Quando acabar o seu passeio, peço-lhe que vá ter commigo á casa do pobre Straker; iremos juntos de carruagem para Tavistock.

Voltou para traz com o inspector, emquanto Holmes e eu seguiamos vagarosamente através da charneca. O sol começava a desapparecer por detraz dos estabelecimentos de Capleton, e a longa planicie em declive que tinhamos em frente tingia-se de uma côr dourada que se tornava de um intenso vermelho acastanhado, nos sitios em que os fetos e as silvas, já a murcharem, eram batidos pela luz do crepusculo. Mas baldadas bellezas de paizagem para o meu amigo que ia immerso nos mais profundos pensamentos!

— O que temos que fazer é isto, Watson, disse elle por fim. Deixemos por agora a questão de saber quem foi o assassino de Straker, e limitemo-nos a indagar o que é feito do cavallo. Formulemos a hypothese de que elles se soltasse durante ou depois da tragedia: para onde é que elle poderia ter ido. O cavallo é uma creatura altamente sociavel. Entregue a si, os seus instinctos deviam tel-o levado ou a voltar para King's Pyland, ou a ir para Capleton. Porque razão havia elle de andar pela charneca a correr á tôa? Nesse caso já havia de ter sido visto. E com que vantagem o roubariam os ciganos? Essa gente põe-se logo ao fresco quando se trata de questões que possam vir ter com elles, por que não querem ser aborrecidos pela policia. Não podiam ter a esperança de vender um cavallo como aquelle. Correriam um risco enorme e nada tinham a ganhar. Parece-me que isto é claro.

— Então, onde póde elle estar?

— Já disse que devia ter ido ou para King's Pyland ou para Capleton. Não está em King's Pyland; portanto está em Capleton. Procedamos nesta hypothese, e vamos ver ao que chegamos. Essa parte da charneca, como notou o inspector, é dura e sêcca. Mas desce para o lado de Capleton; e como vê, ha para além uma grande cova, que na segunda-feira devia estar encharcada. Admittindo que a nossa supposição

(*Continúa na pag. seguinte*)

---

mediatamente, e ao pé da letra, a ordem recebida.

E Fellow só obedece com palavras. Assim, mister Mc. Laglen póde ordenar-lhe que olhe á janella, que se sente ou que se deite, que vigie um preso, que vá comer isto ou aquillo, e o cão obedecerá no mesmo instante e sem enganar-se.

O CULTO DO SAL

E' sabido que o culto maximo, official dos Incas, era o Sal. O templo do deus Sal erguia-se no centro da cidade de Cuzco e era construido com enormes blocos de pedra lavrada, superpostas.

Com esse tempo succede o mesmo que com as pyramides do Egypto: ainda não se chegou a comprehender de que meios se valiam estes povos para levantar construcções verdadeiramente cyclopicas.

A sciencia architectonica daquelles tempos concretizou-se nessas magnificas construcções.

Milhares de operarios prestavam gratuitamente seu concurso a essas obras monumentaes. Para elles era um dever indeclinavel empregar suas energias na construcção dos templos. Grande multidão de indigenas entregavam-se ao arduo trabalho de talhar enormes blocos na rocha viva, blocos que mais tarde eram trabalhados por um nucleo de nativos que lhes davam formas rectangulares, emquanto outro, mais numeroso, era encarregado de effectuar o transporte dessas massas collossaes ao logar das construcções.

Não se poude averiguar ainda a maneira por que levantavam esses immensos blocos de pedra para collocal-os uns sobre outros, em construcções que attingiam, não raro, a mais de cincoenta metros de altura, dispondo-os com tal symetria que os homens modernos de sciencia quedam assombrados com o trabalho formidavel dos "engenheiros" daquelles tempos.

seja exacta, o cavallo deve ter passado por alli, e é onde devemos ir procurar-lhe os vestigios.

Durante esta palestra tinhamos apressado o passo; poucos minutos depois estavamos junto da cova em questão. A pedido de Holmes, desci a examinar pela direita, emquanto elle o fazia pela esquerda; mas ainda não tinha andado trinta passos quando lhe ouvi uma grande exclamação e o vi acenar-me com o braço. Em frente d'elle estavam perfeitamente impressas, sobre a terra macia, as pégadas de um cavallo, e a ferradura que elle tirou da algibeira ajustava-se perfeitamente a ellas.

— Veja você o valor da imaginação disse Holmes. E' a qualidade que falta a Gregorio. Imaginamos o que devia ter succedido; procedemos de accordo com essa supposição e achamo-nos justificados. Vamos adeante.

Atravessamos a pantanosa depressão de terreno, e em seguida transpuzemos um quarto de milha de chão sêcco e duro. Seguia-se nova depressão de terreno, e ali encontramos de novo as pégadas do cavallo. Depois tornamos a perdel-as de vista pelo espaço de meia milha, mas, para achal-as novamente, mesmo junto a Capleton. Foi Holmes quem primeiro as viu e ficou a apontar para ellas com ar triumphante. Junto ás pégadas do cavallo viam-se tambem agora as de um homem.

— Até aqui o cavallo vinha só, disse eu.

— Diz bem. Até aqui vinha só. Olá! o que é isto? As duplas pégadas haviam agora retrocedemos tambem na mesma direcção; mas emquanto os olhos d'elle seguiam attentamente a pista, eu, que por acaso me voltara para um dos lados, vi com surpresa, as mesmas pégadas vindo no sentido opposto.

— Ora lavre lá dois tentos! exclamou Holmes, quando apontei para ellas indicando-lh'as; poupou-nos assim a ambos uma inutil caminhada outra vez para traz. Sigamos desde já as pégadas no seu regresso.

Não tivemos que andar muito nesse trilho que ia acabar no caminho de asphalto em frente da entrada do estabelecimento de Capleton. Ao aproximarmo-nos, sahiu lá de dentro um "groom", correndo ao nosso encontro.

— Não queremos aqui passeiantes declarou elle.

— Desejo apenas fazer uma pergunta, disse Holmes, levando a mão á algibeira do collete. Se eu aqui voltar amanhã, ás cinco da manhã, será cedo de mais para falar ao teu patrão?

— Pois sim! Se ha quem madrugue é elle, que está cá fóra primeiro do que ninguem. Mas elle proprio ahi vem e póde responder á sua pergunta. Guarde, guarde, meu senhor; se elle me visse acceitar dinheiro punha-me fóra. Depois m'o dará, se entender.

Sherlock Holmes tornou a metter no bolso a meia coróa que de lá tirara: então vinha sahindo a passos largos um homem de edade, mal encarado, tendo nas mãos um chicote de caça que fazia estalar.

— Que é isso Dawson, gritou. Nada de tagarelices! Gira para o teu trabalho. E os senhores, que demonio querem aqui?

— Dez minutos de conversa comsigo, respondeu Holmes, no seu tom mais suave.

— Tenho lá tempo para me pôr de palestra com cada ocioso que passa? Vão-se com Deus, ou então vae-lhe o cão ás pernas.

Holmes inclinou-se para elle e segredou-lhe ao ouvido. O homem estremeceu violentamente e corou até ás orelhas.

— E' uma mentira, gritou elle, uma mentira infernal!

— Pois muito bem. Quer que discutamos aqui em publico, ou que conversemos sobre o assumpto na sua sala?

— Ora essa! entre, se quizer.

Holmes sorriu.

— Não o farei esperar mais do que alguns minutos disse para mim. Sr. Brown, estou ao seu dispor.

Já haviam passado bons vinte minutos, já os tons rubros da payzagem tinham enegrecido, quando Holmes e o treinador reappareceram. Nunca eu vira operar-se em tão pouco tempo, uma mudança como a que se déra em Silas Brown. Estava d'uma pallidez côr de cera; viam-se-lhe na testa bagas de suor, e o chicote tremia-lhe nas mãos como uma canna ao vento. Desapparecera de todo o seu ar ameaçador e arrogante, e curvava-se agora servilmente atraz de Sherlock Holmes, humilde como um cão atraz do dono.

— Serão cumpridas as suas ordens, tudo se fará, dizia.

— E que não haja enganos, accrescentou Holmes, olhando firmemente para elle. O outro estremeceu ao ver-lhe nos olhos uma ameaça.

— Oh! não! fique descançado. Não haverá engano algum. Lá estará sem falta. Quer que lhe faça a mudança?

Holmes pensou um boccado e desatou a rir.

— Não, não mude nada! Eu lhe escreverei a esse respeito. Livre-se de fazer qualquer partida, ouviu?... quando não!...

— Póde confiar em mim absolutamente.

— Trate d'elle como se fosse seu.

— Esteja descançado, póde confiar em mim.

— Sim, creio que posso, com effeito — Dar-lhe-ei noticias minhas amanhã.

Voltou as costas não se importando com a mão tremula que o outro lhe estendia; e seguimos ambos para King's Pyland.

— Raras vezes tenho encontrado um conjunto tão perfeito de fanfarronice, villeza e covardia, observou Holmes, emquanto iamos caminhando.

— E' elle então quem tem o cavallo?

— Quiz fazer-se fino; mas eu descrevi-lhe com tal exactidão todos os seus actos naquella madrugada.

que ficou convencido de que eu estivera a espial-os. Notou de certo nas pégadas do homem as solas quadradas que condizem com as botas que elle traz. Além de que, nenhum subordinado se atreveria a praticar semelhante acto. Descrevi-lhe como, tendo elle por costume levantar-se mais cedo do que todos, notára um cavallo estranho vagando pela charneca; como fôra para elle, e cheio de espanto reconhecera pela estrella branca da testa, á qual o favorito deve o nome, que a sorte lhe puzera nas mãos o unico cavallo que podia supplantar aquelle sobre que apostára. Descrevi-lhe então como o seu primeiro impulso fôra tornar a leval-o para King's Pyland, e como o demonio o tentara, persuadindo-o de que podia esconder o cavallo até se realizarem as corridas, e como isso o levara a voltar para traz e escondel-o em Capleton. Diante de pormenores tão exactos desistiu das suas razões, e só pensou em salvar a pelle.

— Mas as cavallariças foram revistadas.

— Ora! um velho "horse faker" (1) como elle, tem todas as manhas!

— Mas então não receia deixar-lhe nas mãos o cavallo, agora que elle tem todo o interesse em o estropear?

— Meu caro amigo, affirmo-lhe que vae tratal-o como á menina dos seus olhos. Elle sabe que a sua unica esperança de misericordia está em apresental-o são como um pêro.

— Mas olhe que o coronel Ross não me pareceu homem para grandes misericordias.

— Mas o caso não é só com o coronel Ross. Eu sigo os meus methodos e só digo o que me faz conta dizer. E' a vantagem de não ter um papel official. Não sei se reparou, mas os modos do coronel Ross teem sido commigo um tanto impertinentes. Estou resolvido agora a divertir-me um pouco á custa d'elle. Não lhe diga nada a respeito do cavallo.

— De certo que não, a não ser com licença sua.

— E afinal, isto é um caso secundario á vista do problema a resolver sobre quem terá assassinado João Straker.

— E vae tratar de o resolver?

— Pelo contrario; voltamos os dois esta noite para Londres, no comboio da noite.

Fiquei embasbacado com esta declaração do meu amigo. Havia horas apenas que estavamos no Devonshire; era para mim de todo incomprehensivel o motivo porque elle abandonava a investigação que tão brilhantemente começara. Até chegarmos á casa do trenador não mais lhe arranquei uma palavra. O coronel e o inspector esperavam-nos na sala.

— Tanto o meu amigo como eu voltamos para Londres no expresso da meia noite, declarou Holmes. Arejámos deliciosamente os pulmões no ar puro do vosso lindo Dartmoor.

O inspector da policia abriu uns grandes olhos de espanto e os labios do coronel contrairam-se num sorriso ironico.

— Vejo então que perdeu toda a esperança de atinar com o assassino do pobre Straked, disse elle.

Holmes encolheu os hombros.

— Encontro realmente graves difficuldades, respondeu. Tenho comtudo toda a esperança de que o seu cavallo entrará nas corridas quinta-feira, e peço-lhe que vá desde já preparando o seu jockey. Poderiam alcançar-me uma photographia de John Straker?

O inspector tirou uma de um enveloppe que tinha na algibeira e entregou-lh'a.

— Meu querido Gregorio, já antecipa todos os meus desejos. Se tivessem a bondade de esperar aqui um bocadinho: desejava fazer umas perguntas á creada.

(1) Um trampolineiro de cavallos.

— Devo confessar que estou um tanto desapontado com o nosso perito de Londres, declarou terminantemente o coronel, quando o meu amigo sahiu da sala. Não vejo que se tivesse adiantado nada mais sobre o assumpto desde que elle chegou.

— Tem pelo menos a affirmação delle de que o seu cavallo entrará nas corridas, disse eu.

— Sim, tenho a affirmação... mas confesso que preferia ter o cavallo...

Ia eu responder em defesa do meu amigo, quando este entrou de novo.

— Agora meus senhores, dizia elle, estou prompto para partir para Tavistock.

Quando entramos para a carruagem foi um moço da cavallariça quem nos veiu abrir a portinhola. Pareceu ter occorrido a Holmes uma subita idéa; porque, inclinando-se para a frente tocou-lhe no braço e disse:

— Ha no vosso cerrado algumas ovelhas? quem é que trata dellas?

— Sou eu, meu senhor.

— Notou-lhe ultimamente alguma coisa desusada?

— Coisa de grande importancia, não; mas tres dellas estão coxas.

Reparei que Holmes ficára em extremo satisfeito com a informação, porque susteve o riso esfregando as mãos.

— Metti agora uma lança em africa, Watson, e que lança! disse, beliscando-me no braço. Gregorio, chamo a sua attenção para essa singular epidemia que assaltou as ovelhas. Vamos embora, cocheiro!

O coronel mantinha uma expressão que evidenciava o seu fraco conceito sobre a habilidade do meu

(Continúa na pag. seguinte)

companheiro; mas na cara do inspector via-se que a sua attenção acabava de ser vivamente despertada.

— Considera isso importante? perguntou.

— Importantissimo!

— Ha mais algum ponto para que deseje chamar a minha attenção?

— Para o curioso incidente do cão, na noite do acontecimento.

— Mas o cão nessa noite não fez nada.

— Pois nisso é que está a curiosidade do incidente!

Quatro dias depois, Holmes e eu achavamo-nos de novo no comboio; desta vez a caminho de Winchester, para assistir ás corridas da *Wessex Cup*. Segundo se combinara o coronel veiu ao nosso encontro, á estação e seguimos no seu *drag* (1) para o hippodromo, fóra da cidade. Ia de aspecto grave e modos frios e reservados.

— Ainda não tive noticias do cavallo, declarou.

— Decerto que se o visse o reconhecia, não é verdade? indagou Holmes.

— Ha vinte annos que os meus cavallos correm; nunca ninguem me fez uma pergunta dessas, disse elle. Até uma creança reconheceria *Silver Blaze* pela sua estrella branca na testa e mão calçada.

— Como estão as apostas?

— Isso é que é o ponto curioso. Hontem podia-se ter alcançado uma parada de quinze libras, mas o preço das apostas tem ido diminuindo tanto que hoje é difficil obter tres libras.

— Hum! aqui ha coisa, é claro!

---

(1) Grande carruagem propria para corrida com bons assentos interiores, tirada a quatro cavallos.

Quando o *drag* parou no recinto, olhei para a lista a ver as entradas; eram as seguintes:

Wessex Plate (Premio) 500 libras (meia multa) com mais 1.000 libras para cavallos de quatro a cinco annos; — 2º premio, 300 libras; — 3º premio 200 libras — Nova pista de uma milha e cinco *furlongs*.

1 — De Mr. Heath Newton, "*Negro*". Bonet encarnado e blusa côr de canella.

2 — Do coronel Wardlaw, "*Pugilist*" Bonet côr de pinhão e blusa azul e preta.

3 — Do lord Blackwater, "*Desborough*". Bonet vermelho e mangas da mesma côr.

4 — Do coronel Ross, "*Silver Blaze*". Bonet azul e blusa encarnada.

5 — Do duque de Balmoral, "*Iris*". Bonet e blusa de riscas amarellas e pretas.

— Riscamos o nome do nosso outro cavallo confiados absolutamente na sua palavra, disse o coronel. Mas o que é isto, o *Silver Blaze* favorito?

— Cinco contra quatro contra *Silver Blaze!* berravam do "*ring*" (1), cinco contra quatro contra *Silver Blaze!* quinze contra cinco contra *Desbrough!* Cinco contra quatro a favor do campo! (2).

— Lá estão os numeros affixados exclamei. Todos os seis lá estão.

— Todos os seis? então o meu cavallo tambem corre, gritou o coronel n'uma grande agitação. Mas eu não o vejo, as minhas côres, ainda não passaram.

— Só passaram cinco; deve ser agora este.

Quando eu dizia isto, um bello cavallo baio sahia do recinto em que são pesados e passava defronte de nós a meio galope cavalgando pelas bem conhecidas cores do coronel: encarnado e preto.

— Aquelle não é o meu cavallo! exclamou o dono. Não tem em todo o corpo um unico pello branco. Como é que isto se explica, sr. Holmes?

— Bem, bem, vamos já ver como elle se porta! respondeu impertubavel o meu amigo.

Conservou durante alguns minutos o binoculo assestado.

— Admiravel! Que bella sahida! exclamou subitamente. Lá vêm na curva.

Quando os cavallos vinham pela pista fora, do nosso *drag* viamos perfeitamente o espectaculo.

Os seis cavallos vinham tão juntos e a par que podiam ser cobertos por um mesmo panno; porém, a meio caminho dahi, a côr amarella das installações de Capleton levava a dianteira a todos; mas ainda antes de chegar a nós a vantagem do *Desborough* fora supplantada pelo cavallo do coronel que, avançando dum golpe alcançara a balisa com grande triumpho sobre o seu rival, e este por sua vez seguido a bastante distancia, por um terceiro que se adiantara dos outros, o *Iris* do duque de Balmoral.

— Seja como for, é minha a corrida, disse suspirando o coronel, passando as mãos pelos olhos. Confesso que não entendo nem patavina. Sr. Holmes, não acha que já é guardar demasiadamente o mysterio?

— Decerto, coronel. Vae saber tudo. Vamos juntos dar uma vista d'olhos ao cavallo. Aqui o tem, disse

---

(1) Recinto onde estão os *bookmakers* (agentes das apostas).

(2) Isto é, toma todos os cavallos contra um.

elle, quando entramos no recinto das balanças, em que só os donos dos cavallos e os seus amigos são admittidos. Não tem mais do que lavar-lhe a testa e a mão com alcool, e encontrará perfeito e como dantes o seu *Silver Blaze*.

— Não caiho em mim de espanto!

— Fui achal-o nas mãos de um *faker*, e tomei a liberdade de o fazer correr tal como foi restituido.

— Meu querido amigo, tem feito maravilhas! O cavallo volta optimo. Nunca correu tão bem na sua vida. Devo apresentar-lhe todas as minhas desculpas por ter duvidado da sua competencia. Prestou-me um serviço enorme restituindo-me o meu cavallo. Ainda maior serviço me faria se deitasse a mão ao assassino de João Straker.

— Já o fiz, respondeu Sherlock Holmes serenamente.

O coronel e eu olhamos para elle com o maior pasmo.

— O quê? já conseguiu apanhal-o? Onde está então?

— Está aqui.

— Aqui! onde?

— Está neste momento junto de mim.

O coronel corou, encolerisado.

— Reconheço que lhe estou em obrigação, sr. Holmes, disse elle; mas considero o que acaba de dizer ou como uma brincadeira de mau gosto, ou como um insulto.

Sherlock poz-se a rir.

— Asseguro-lhe, coronel, que não o associei ao crime; o verdadeiro assassino está ahi atraz de si!

Dizendo isto deu uns passos e assentou a mão sobre o pescoço lustroso do "puro sangue".

— O cavallo! gritamos, a um tempo, o coronel e eu.

— Sim, o cavallo. E a sua culpa tem a atenuante de ter sido em defesa propria; João Straker era um homem inteiramente indigno da sua confiança. Mas lá se ouve a sineta e como me empenhei em ganhar alguma aposta no pareo que se segue, adio as minhas explicações para occasião mais opportuna.

* * *

Nessa noite, de regresso a Londres numa carruagem reservada, pareceu-nos curta a viagem, tanto ao coronel Ross como a mim ao escutarmos a narrativa que o nosso companheiro nos ia fazendo dos acontecimentos occorridos na noite de segunda-feira, nas installações hyppicas do Dartmoor e da fórma porque conseguira esclarecel-os.

— Confesso, dizia Holmes, que todos os calculos que eu tinha feito, guiado pelas noticias dos jornaes, me sahiram inteiramente errados. Continham, todavia, indicações que foram prejudicadas por outros pormenores, tirando-lhes a sua verdadeira importancia. Parti para o Devonshire na convicção de que era o Fitzroy Simpson o culpado, comquanto reconhecesse não ser de fórma alguma completa a evidencia contra elle. Só quando iamos no landau, e no momento de chegarmos á porta do trenador é que me occorreu a immensa significação do caril de carneiro.

Ainda se hão de lembrar que eu estava nesse momento tão abstracto que me deixei ficar na carruagem, depois de já todos terem descido. E' que estava perguntando a mim mesmo como é que me tinha passado despercebido um tal fio conductor!

— Confesso, disse o coronel, que ainda agora não posso perceber o que dahi deduziu.

— Pois foi o primeiro élo de minha corrente de raciocinios. O opio em pó não é de fórma alguma indifferente ao paladar. Tambem é perceptivel ao olfacto, embora o seu cheiro não seja desagradavel; misturado em qualquer outro guisado, não ha duvida de que a pessoa que o comesse daria por elle, e, provavelmente, não continuaria a comer: ora precisamente o caril servia muito bem para lhe disfarçar o gosto. Não é admissivel que fosse Fitzroy Simpson quem fizesse com que se cosinhasse caril naquella noite em casa do trenador e é tambem uma coincidencia inaceitavel ter acontecido que elle apparecesse com o opio em pó justamente na noite em que havia um guisado que podia disfarçar-lhe o gosto e o cheiro.

E' isto inverosimil. Logo, Simpson fica excluido da questão, e a nossa attenção concentra-se em Straker e na mulher, que são as unicas pessoas que podiam ter escolhido para aquella noite um prato de caril.

O opio foi depois de estar separada a comida do rapaz para ser levada á cavallariça, visto como os outros rapazes comeram do carneiro sem que disso lhes resultasse mal. Tratava-se portanto de saber qual dos dois se chegara ao prato destinado ao rapaz, sem que a creada o tivesse visto.

Antes de apurar este ponto, já notara a importancia significativa do silencio do cão, pois um raciocinio verdadeiro gera invariavelmente outros.

O incidente de Simpson puzera-me ao facto de que na cavallariça havia um cão; e no emtanto, apesar de lá ter entrado alguem para ir buscar o cavallo, o cão não ladrára, acordando os dois rapazes que estavam dormindo no palheiro.

Torna-se evidente que o visitante era pessoa muito conhecida do cão. Estava já convencido ou quasi convencido de que John Straker entrara alta noite na

(*Conclúe na pag. seguinte*)

cavallariça, e de que tirára de lá para fóra o *Silver Blaze*. Com que fim? Para um fim illicito, evidentemente; quando não, para que precisaria de ministrar a droga ao rapaz? Achava-me no emtanto perplexo, sem saber a que devia attribuir isso.

Tem havido muitos casos em que trenadores ganham sommas importantes, apostando por intermedio de agentes contra os proprios cavallos, impedindo-os depois de ganhar, servindo-se para isso de uma fraude. A's vezes é por meio de um jockey que refreia o cavallo; outras vezes por fórmas mais subtis; de que se trataria agora? Esperei que o conteúdo das suas algibeiras me ajudasse a tirar uma conclusão.

Assim aconteceu. Decerto não esqueceram ainda a navalha singular que foi encontrada na mão do cadaver, para verem que nenhum homem em seu juizo escolheria para arma de defesa. E', como nos disse o dr. Watson, uma navalha usada na cirurgia para as operações mais delicadas, e destinadas a servir tambem naquella noite a uma delicada operação.

Deve saber, coronel Ross, com a enorme experiencia que tem destes assumptos, que é possivel fazer um ligeiro corte subcutaneo num tendão da coxa d'um cavallo, sem que delle fique o minimo signal. Esse cavallo passaria a manquejar um pouco o que seria attribuido a uma distensão produzida no exercicio ou a uma pontinha de rheumatismo; mas nunca a uma partida dessas.

— Patife! Miseravel!, exclamou o coronel.

— Está assim explicada, continuou Holmes, a razão porque John Straker desejava levar o cavallo para a charneca. Tão vibratil ceratura, ao sentir-se picada pela navalha, teria acordado os maiores dorminhocos. Era absolutamente necessario fazel-o fóra, ao ar livre.

— Que cegueira a minha! gritou o coronel. Ahi está a razão porque elle precisou de vela e acendeu o phosphoro!

— E' evidente. Mas ao examinar os objectos que elle trazia, tive a sorte de descobrir não só a fórma do crime, mas tambem o motivo delle. Como homem cá deste mundo, o coronel sabe bem que a gente não anda com os recibos alheios na algibeira; basta a quasi todos nós ter de pagar as proprias dividas.

— Pois não! declarou o coronel.

— Portanto conclui logo que Straker levava a vida em partidas dobradas, e mantinha outra "ménage". A especialidade da conta mostrava que havia no caso uma mulher de habitos dispendiosos. Por muito liberal que o coronel seja com os seus empregados, custa a crer que elles pudessem comprar para suas mulheres vestidos de passeio no valor de vinte libras. Sobre o vestido em questão interroguei a mulher de Straker, sem lhe deixar suppôr o motivo das minhas perguntas,; e tendo concluido que nunca lhe chegará ás mãos semelhantes vestidos, tomei nota da morada da modista, e logo me convenci de que chegando lá com uma photographia de John Straker descobriria quem era o supposto Darbyshire. Daqui por deante tudo era claro como agua. Straker conduz o cavallo para uma cova d'onde se não avistasse a luz que ia accender. Simpson na sua fuga perde a gravata e Straker apanha-a com alguma idéa, provavelmente a de prender com ella uma perna do cavallo. Uma vez na cova, collocou-se atraz delle e acendeu um phosphoro; mas o bicho assustado com a subita claridade, e com o estranho insctinto com que os animaes presentem que lhes querem fazer mal, vibrou um coice; a ferradura de aço bateu em cheio na testa de Straker, e este quando cahiu, espetou na coxa a sua propria faca. Não lhes parece isto claro?

— Maravilhoso! exclamou o coronel. Maravilhoso! Parece que assisto a tudo!

— O meu ultimo golpe foi, emfim, de grande alcance. Espantava-me que um homem tão sagaz como era Straker emprehendesse fazer um tão delicado corte num tendão sem um boccadinho de pratica. Vi as ovelhas e isso suggeriu-me a pergunta que, ainda com certo espanto seu, me provou serem justas as minhas suspeitas.

— Fez luz completa sobre todos os pontos, sr. Holmes!

— Quando voltei para Londres fui á casa da modista que reconheceu immediatamente ser Straker o seu optimo freguez de nome Darbyhire, que tinha uma esposa elegante com predilecções por "toilettes" dispendiosas. Não me resta duvida de que essa mulher o afogou em dividas até ás orelhas, e por essa forma o levou a esse miseravel projecto.

— Ainda falta explicar-me uma coisa, exclamou o coronel. Onde estava o cavallo!

— Oh! fugiu; e esteve entregue ao cuidado de um dos seus vizinhos. Mas neste ponto sou de opinião que é necessario uma amnistia completa. Estamos já no Entroncamento de Clapham, se me não engano, e em dez minutos estaremos em Victoria. Se quizer fumar um charuto nos nossos aposentos, coronel, com muito gosto lhe darei quaesquer outros pormenores que possam interessal-o.

FIM

A seguir, no proximo numero, do mesmo autor

A SOCIEDADE DOS RUIVOS

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON
Revista Semanal Illustrada
EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
EMPRESA
FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

BELLEZAS FAMOSAS DA HISTORIA

Madame de Pompadour passava horas deante do espelho

Hoje

... alguns minutos com os preparados DAGELLE dão a formosura almejada

Favorita de um rei ... com uma cutis que fazia lembrar a opalescencia de uma concha e o viço de um botão de rosa, Madame de Pompadour conhecia perfeitamente o poder da Belleza sobre o homem. Longas horas ella passou combinando oleos e essencias destinados á sua toilette—para conservar o interesse de Luiz XV e a sua ascendencia sobre o throno de França

Quão simples é hoje a obtenção de uma pelle formosa! Alguns minutos diarios com os preparados Dagelle, é quanto basta para que a Senhora possúa o encanto irresistivel de uma cutis perfeita. As suas faces tornar-se-ão assetinadas sob a acção magica do Creme Evanescente de Dagelle—uma incomparavel base para o pó e a maquillage. A' noite, passe o Creme Perfeito de Dagelle no rosto, collo e braços. Use-o sem parcimonia—elle operará milagres durante o seu somno! De manhã, uma applicação de Vivatone, o tonico revigorante, deixará a sua pelle radiante de vigor. Se tivesse vivido nesta época, a Pompadour usaria sem duvida os preparados Dagelle, pois ella sabia discernir o que convinha á belleza. Por que não experimenta tambem estes magnificos preparados? Envie-nos o coupon hoje mesmo.

DAGELLE

Creme Evanescente ~ *Vivatone* ~ *Creme Perfeito*

DAGELLE, R. Theophilo Ottoni 44, Rio de Janeiro

«Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os tres admiráveis preparados de DAGELLE. Junto envio a quantia de 5$000 em carta com valor declarado.

Nome...

Rua e No..

Cidade.......................... Estado.......................... (F. F. - 6)